

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LEONIDIO SCHULZ GÖRL

**A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA CRUZ A PARTIR DO DEBATE DE
HEIDELBERG PARA A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL**

São Leopoldo

2024

LEONIDIO SCHULZ GÖRL

**A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA CRUZ A PARTIR DO DEBATE DE
HEIDELBERG PARA A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Práxis teológica e
espiritualidade em comunidades de fé e
sociedade

Pessoa Orientadora: Júlio César Adam

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G669c Görl, Leonidio Schulz

A contribuição da teologia da cruz a partir do debate de Heidelberg para a prática do aconselhamento pastoral / Leonidio Schulz Görl; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2024.

159 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia da cruz. 2. Debate de Heidelberg.
3. Aconselhamento pastoral. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LEONIDIO SCHULZ GÖRL

**A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA CRUZ A PARTIR DO DEBATE DE
HEIDELBERG PARA A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL**

Dissertação de Mestrado Acadêmico
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião e
Linguagens

Data de Aprovação: 19 de dezembro de 2024

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM(PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. THOMAS HEIMANN (ULBRA)
Assinado digitalmente

Assinado
digitalmente por:
Júlio César Adam :
XXX.195.000-XX
Date: 20/12/2024
15:47:22 -03:00



Assinado
digitalmente por:
WILHELM
WACHHOLZ :
XXX.192.369-XX
Date: 06/01/2025
07:11:19 -03:00



À minha esposa, Leila, cuja presença amorosa e apoio incondicional foram fundamentais nesta caminhada. Sua paciência, encorajamento e fé em mim tornaram cada desafio mais leve e cada conquista mais significativa. Sem você ao meu lado, este trabalho não seria possível. Esta vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Com gratidão, elevo a Deus o reconhecimento pelo conhecimento e sabedoria concedidos, assim como por cada conquista pessoal e profissional. Sou profundamente grato pelas pessoas especiais que ele colocou em meu caminho, sempre dispostas a me ajudar durante o percurso deste mestrado e na elaboração desta dissertação. Expresso minha gratidão a todos que compartilharam seu saber, experiências profissionais e lições de vida, com dedicação e carinho. De modo especial, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Júlio César Adam, por seu constante incentivo, simpatia e prontidão no suporte às atividades e discussões acerca do desenvolvimento e normatização desta dissertação. Agradeço também ao Departamento de Ensino da IELB pelo incentivo. À minha esposa Leila, sou grato pela iniciativa, apoio e força que me acompanharam ao longo deste processo. Agradeço, ainda, a CAPES pelos recursos disponibilizados, a EST pela acolhida e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Somente a CRUZ é a nossa teologia!

Martinho Lutero

RESUMO

A presente dissertação investiga, por meio da pesquisa bibliográfica, a contribuição da teologia da cruz a partir do Debate de Heidelberg para a prática do aconselhamento pastoral. A pergunta que pretende ser respondida é em que medida a teologia da cruz a partir do Debate de Heidelberg contribui para a prática do aconselhamento pastoral. Esta dissertação procura compreender e aprofundar a concepção da teologia da cruz de Lutero com vistas ao aconselhamento pastoral. Para isso, realizará uma revisão dos textos nos quais Lutero aborda o tema, estabelecendo diálogo com seus principais comentadores. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Num primeiro momento, examina-se o aconselhamento pastoral tratando primeiramente o pastor e a pastora como *Seelsorger* e *Seelsorgerin*, e em seguida trabalha-se na temática do pastor e da pastora como conselheiro, como conselheira. Num segundo momento, aborda-se o Debate de Heidelberg como *locus classicus* da teologia da cruz de Lutero seguindo pelo desenvolvimento e apresentação desta teologia da cruz. Num terceiro momento, foca-se a pesquisa nos aspectos principais da teologia da cruz de Lutero. Trata-se primeiramente do *Deus absconditus* e *Deus revelatus*, *Deus absconditus* e fé e a vida sob a cruz. Por último, apresentam-se as contribuições da teologia da cruz para o aconselhamento pastoral. Toma-se como fundamento a teologia da cruz e faz-se alguns apontamentos com vistas ao aconselhamento pastoral a partir das três realidades proporcionadas pela teologia da cruz, a saber, a realidade dos paradoxos, a realidade da *Anfechtung* (sofrimento e tentação) e a realidade da esperança escatológica. A pesquisa indica que a teologia da cruz oferece uma hermenêutica para interpretar tanto a vida quanto a experiência da *Anfechtung*, proporcionando uma base para o aconselhamento pastoral no contexto contemporâneo. Essa abordagem hermenêutica possibilitou o desenvolvimento de um modelo de aconselhamento pastoral cruciforme, que oferece subsídios para pastores e pastoras e demais profissionais do cuidado. Esse modelo visa auxiliar pessoas em sofrimento, promovendo consolo, esperança e uma compreensão mais profunda e significativa de sua fé.

Palavras-chave: Teologia da Cruz. Debate de Heidelberg. Seelsorger. Anfechtung. Aconselhamento Pastoral. Lutero.

ABSTRACT

This dissertation investigates, through bibliographical research, the contribution of the theology of the cross from the Heidelberg Debate to the practice of pastoral counseling. The question that seeks to be answered is to what extent the theology of the cross from the Heidelberg Debate contributes to the practice of pastoral counseling. This dissertation seeks to understand and deepen Luther's conception of the theology of the cross with a view to pastoral counseling. To this end, it will review the texts in which Luther addresses the topic, establishing a dialogue with his main commentators. It is, therefore, an exploratory research. The technical research procedure used was bibliographical research. Initially, pastoral counseling is examined, firstly treating the male and female pastor as *Seelsorger* and *Seelsorgerin*, and then the theme of the male and female pastor as counselor is worked on. In a second moment, the Heidelberg Debate is addressed as the locus classicus of Luther's theology of the cross, followed by the development and presentation of this theology of the cross. In a third moment, the research focuses on the main aspects of Luther's theology of the cross. Firstly, it deals with *Deus absconditus* and *Deus revelatus*, *Deus absconditus* and faith, and life under the cross. Finally, the contributions of the theology of the cross to pastoral counseling are presented. The theology of the cross is taken as a foundation and some notes are made with a view to pastoral counseling based on the three realities provided by the theology of the cross, namely, the reality of paradoxes, the reality of *Anfechtung* (suffering and temptation), and the reality of eschatological hope. The research indicates that the theology of the cross offers a hermeneutic for interpreting both the life and the experience of *Anfechtung*, providing a basis for pastoral counseling in the contemporary context. This hermeneutical approach has enabled the development of a cruciform pastoral counseling model that provides support for pastors and other care professionals. This model aims to help people in suffering, promoting comfort, hope, and a deeper and more meaningful understanding of their faith.

Keywords: Theology of the Cross. Heidelberg Debate. Seelsorger. Anfechtung. Pastoral Counseling. Luther.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ACONSELHAMENTO PASTORAL.....	21
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	21
2.2 O PASTOR E A PASTORA COMO <i>SEELSORGER</i>	21
2.3 O PASTOR E A PASTORA COMO PESSOA CONSELHEIRA	26
2.4 O PASTOR E A PASTORA COMO PESSOA CONSELHEIRA A PARTIR DA CRUZ	35
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
3 O DEBATE DE HEIDELBERG E A TEOLOGIA DA CRUZ.....	43
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	43
3.2 O DEBATE DE HEIDELBERG	43
3.2.1 Contexto histórico e significado teológico do Debate de Heidelberg	44
3.2.2 Análise das teses e posicionamentos	50
3.3 A TEOLOGIA DA CRUZ COMO CRITÉRIO HERMENÊUTICO E COGNITIVO	56
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
4 A TEOLOGIA DA CRUZ – ASPECTOS PRINCIPAIS.....	63
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	63
4.2 DEUS <i>ABSCONDITUS</i> E DEUS <i>REVELATUS</i>	63
4.3 DEUS <i>ABSCONDITUS</i> E FÉ	67
4.4 A VIDA SOB A CRUZ.....	69
4.4.1 A vida sob a cruz - <i>Humilitas</i>	74
4.4.2 A vida sob a cruz - <i>Tentatio</i>	75
4.4.3 A vida sob a cruz - <i>Oratio</i>	79
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
5 CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA DA CRUZ PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL.....	81
5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	81
5.2 A REALIDADE DOS PARADOXOS	83
5.2.1 Revelação e Experiência.....	86
5.2.2 Cruz e Glória	91
5.2.3 <i>Simul justus et peccator</i>	95

5.3 A REALIDADE DA ANFECTHUNG	97
5.4 A REALIDADE DA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA	105
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
6 POIMÊNICA E ACONSELHAMENTO PASTORAL BRASILEIRO .	115
6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	115
6.2 CONCEITUAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME	116
6.3 ESTRUTURAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME	117
6.3.1 Realidade dos Paradoxos - Acolhimento da complexidade.....	117
6.3.2 Realidade da <i>Anfechtung</i> - Enfrentamento do sofrimento e da luta espiritual	118
6.3.3 Realidade da Esperança Escatológica - Condução à esperança e à restauração	119
6.4 APLICAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME	120
6.4.1 Realidade dos Paradoxos – Ver: acolher a complexidade da vida no contexto brasileiro	120
6.4.1.1 <i>Revelação e Experiência: “compreender” Deus na realidade cotidiana</i>	124
6.4.1.2 <i>Cruz e Glória: perceber a realidade do sofrimento como parte da caminhada cristã</i>	124
6.4.1.3 <i>Simul Justus et Peccator: viver a tensão entre santidade e pecaminosidade</i>	125
6.4.2 Realidade da <i>Anfechtung</i> – Julgar: discernir a presença de Deus em meio ao sofrimento social e pessoal.....	126
6.4.2.1 <i>Validar a dor e a luta de quem sofre</i>	128
6.4.2.2 <i>Oferecer uma perspectiva de esperança na comunhão com o Cristo sofredor</i>	129
6.4.2.3 <i>Identificar e lidar com sentimentos de culpabilização e autojulgamento</i>	129
6.4.2.4 <i>Explorar a dimensão comunitária do sofrimento</i>	130
6.4.3 Realidade da Esperança Escatológica – Agir: promover a esperança e a ação para uma vida plena em Cristo	131
6.4.3.1 <i>Encorajar a prática da esperança ativa</i>	133
6.4.3.2 <i>Promover a resiliência através da identidade em Cristo</i>	134
6.4.3.3 <i>Integrar a pessoa aconselhada na vida comunitária e nas redes de apoio</i>	134
6.4.3.4 <i>Inspirar a transformação pessoal e social</i>	135
6.4.3.5 <i>Reforçar a esperança na promessa escatológica da vida eterna </i>	135
6.5 PISTAS METODOLÓGICAS PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME	137
6.6 ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME COMO SÍNTESE E RENOVAÇÃO DOS MODELOS DE ACONSELHAMENTO	144

6.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
7 CONCLUSÃO	152
REFERÊNCIAS.....	155

1 INTRODUÇÃO

O sofrimento humano é uma constante histórica que, no contexto atual, assume novas formas. Rápidas mudanças sociais, políticas e tecnológicas resultaram em uma sociedade repleta de crises de sentido e angústia existencial, agravadas por problemas como desigualdade social, exclusão econômica e violência, que impactam diretamente a saúde mental e espiritual. A desconexão característica do cenário pós-moderno, onde o indivíduo se sente separado da comunidade, intensifica a busca por propósito, especialmente em situações de sofrimento e crise pessoal. Essas circunstâncias trazem novamente à tona a pergunta sobre o sentido da vida, especialmente em momentos de sofrimento e perda.

Nesse cenário, o aconselhamento pastoral se torna cada vez mais necessário e relevante. Enquanto no passado os desafios do sofrimento estavam geralmente ligados a questões de saúde, fome e guerras, hoje ele está profundamente enraizado em crises emocionais, espirituais, identitárias e nas dificuldades em lidar com as rápidas e disruptivas mudanças do mundo moderno. Acompanhando essa mudança, o papel do pastor e da pastora, como cuidadores de almas (*Seelsorger*), torna-se ainda mais complexo e desafiador. O *Seelsorger* pós-moderno é chamado a oferecer suporte emocional e espiritual em um mundo que, ao mesmo tempo em que é hiper conectado digitalmente, revela um crescente isolamento e desconexão pessoal.

Bonnie J. Miller-McLemore explora como a teologia prática pode auxiliar nesses desafios da existência humana, respondendo às dificuldades cotidianas. Para ela, a descrição e a interpretação por si mesmas são insuficientes e, por isso, a teologia prática vai além de descrever esses sofrimentos, propondo caminhos de consolo e apoio. Pois o objetivo da teologia prática “é compreender e influenciar a sabedoria religiosa nas congregações e na vida pública de modo mais geral. Muitas pessoas diriam que a teologia prática, de fato, não é completa sem a passagem da descrição para a construção e ação normativas.”¹

De forma semelhante, Vardilei Ribeiro da Silva enfatiza que “o Aconselhamento Pastoral que se proponha promotor da vida deve resgatar seu valor

¹ McLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul.-dez. 2016. p. 204-226, p. 222.

intrínseco a despeito do sofrimento que ela nos reserva”.² Assim, além de identificar as causas do sofrimento, o aconselhamento pastoral deve incentivar atitudes e mudanças que levem as pessoas a encontrar significado em suas experiências, inclusive nas mais difíceis.

Além disso, a interdisciplinaridade tem sido um caminho promissor para o desenvolvimento de práticas de aconselhamento que considerem a complexidade da vida humana. Ribeiro da Silva argumenta que “esta complexidade deve nos desafiar à reflexão sempre contínua para que, por meio da interdisciplinaridade, caminhos que possibilitem uma vida plena possam ser percebidos”.³ Integrar diferentes saberes e práticas pode tornar o aconselhamento pastoral mais adaptável às necessidades de cada indivíduo e contexto.

De acordo com Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, os grandes sofrimentos humanos no contexto pós-moderno incluem violência, uso do álcool e das drogas ou de uma doença incurável. O sofrimento humano é uma constante na história, mas no contexto contemporâneo, ele assume novas formas e profundidades. A sociedade atual, marcada pela globalização, avanços tecnológicos e mudanças sociais rápidas, traz consigo uma série de desafios que afetam diretamente a saúde emocional, física e espiritual das pessoas. Esses sofrimentos estão intrinsecamente ligados a crises existenciais, doenças, exclusão social, desigualdades e uma sensação crescente de isolamento, mesmo em um mundo hiper conectado. Além disso, a pós-modernidade é marcada pela “experiência do vazio existencial, da busca pelo suicídio e [...] uma volta ao sagrado desvinculado das instituições religiosas”.⁴ Esses sofrimentos, muitas vezes, refletem a desconexão emocional e o isolamento causados pela tecnologia e pelas relações virtuais.

A pesquisa sobre o aconselhamento pastoral enfrenta o desafio de ajudar as pessoas a encontrar sentido na vida e na fé, mesmo quando “a vida parece não ter qualquer sentido e a dúvida se sobrepõe à fé”.⁵ Para a autora, o aconselhamento pastoral visa intensificar as relações com Deus e mostrar que “mesmo não sendo

² SILVA, Vardilei Ribeiro da. **Aconselhamento pastoral e logoterapia: convergências possíveis frente ao suicídio**. Cachoeirinha: Fi, 2024, p. 141.

³ SILVA, 2024, p. 150.

⁴ ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. A Teologia e o Sofrimento no Contexto Pós-Moderno: Pistas para o Aconselhamento Pastoral. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul-dez, p. 321-330, 2016, p. 322.

⁵ ANDRADE, 2016, p. 321.

possível encontrar uma solução para suas dores, a vida e a fé merecem uma chance”.⁶ Essa abordagem não compete com a psicoterapia; ao contrário, oferece uma alternativa espiritual ao sofrimento, conectando a pessoa a um sentido transcendente e ao amor de Deus.⁷

Assim, a teologia da cruz emerge como um auxílio nesta reflexão e prática atuais e pode contribuir no campo da teologia prática e do aconselhamento pastoral. Para tanto, partiremos do Debate de Heidelberg. Este Debate, que ocorreu em 1518, é considerado um marco na reflexão teológica de Martinho Lutero, onde ele articulou de maneira clara e profunda a sua compreensão sobre a natureza de Deus e a experiência humana de sofrimento. Esta dissertação busca investigar como a teologia da cruz, conforme entendida por Lutero e seus comentadores, pode contribuir de forma significativa para a prática do aconselhamento pastoral.

A hipótese central que orienta esta pesquisa é que a teologia da cruz, ao abordar questões fundamentais como Deus *absconditus* (o Deus oculto), a fé, a vida sob a cruz e a esperança escatológica, pode oferecer uma hermenêutica válida para a interpretação da vida e do sofrimento humano. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão teológica, mas também proporciona uma base sólida para o trabalho do aconselhamento pastoral, permitindo que pastores e pastoras e pessoas conselheiras ofereçam suporte mais eficaz e compassivo às pessoas que enfrentam dificuldades e desafios em suas vidas.

Para isso, a pesquisa adota uma abordagem exploratória, com foco na pesquisa bibliográfica. A dissertação está estruturada em quatro capítulos, cada um abordando aspectos essenciais para a compreensão do aconselhamento pastoral à luz da teologia da cruz.

No primeiro capítulo, será explorado o aconselhamento pastoral, enfatizando o papel do pastor e da pastora como *Seelsorger*, ou seja, cuidadores de almas comprometidos com o bem-estar espiritual e emocional da comunidade.

O segundo capítulo aprofundará a compreensão do pastor e da pastora como pessoas conselheiras, ressaltando a relevância de uma atuação pastoral que considere as realidades do sofrimento e da luta espiritual.

⁶ ANDRADE, 2016, p. 322.

⁷ ANDRADE, 2016, p. 322.

O terceiro capítulo será dedicado à análise do Debate de Heidelberg, reconhecido como o *locus classicus* da teologia da cruz de Lutero. Serão abordadas as tensões entre a revelação divina e a experiência humana de dor e sofrimento, demonstrando como esse contexto molda a compreensão teológica.

Por fim, o quarto capítulo apresentará os principais aspectos da teologia da cruz, explorando conceitos fundamentais como Deus *absconditus* (o Deus oculto) e Deus *revelatus* (o Deus revelado), a fé e a vida sob a cruz. Por último, no quinto capítulo, serão apresentadas as contribuições da teologia da cruz para o aconselhamento pastoral, destacando como essa perspectiva teológica pode enriquecer e transformar a prática pastoral brasileira.

A pesquisa tomará como fundamento a teologia da cruz e fará alguns apontamentos com vistas ao aconselhamento pastoral a partir das três realidades proporcionadas por essa teologia: a realidade dos paradoxos, que reconhece a complexidade da vida; a realidade da *Anfechtung*, que se refere à luta espiritual e ao desespero; e a realidade da esperança escatológica, que oferece uma perspectiva de futuro e redenção. Os resultados da pesquisa apontam para a teologia da cruz como uma hermenêutica válida para a interpretação da vida e da *Anfechtung*, contribuindo assim para o aconselhamento pastoral de maneira significativa.

Por meio dessa estrutura, essa dissertação busca aprofundar o entendimento sobre a teologia da cruz e sua aplicação prática no contexto do aconselhamento pastoral brasileiro. O objetivo é oferecer uma proposta de metodologia para um aconselhamento pastoral cruciforme com *insights* para pastores e pastoras, conselheiros e conselheiras e demais profissionais que lidam com o cuidado e o acompanhamento de pessoas em situações de sofrimento e desafio. Ao integrar a teologia da cruz na prática do aconselhamento, espera-se que esses profissionais possam proporcionar um suporte mais profundo e significativo, ajudando aqueles e aquelas que enfrentam as dificuldades da vida a encontrar consolo, esperança e uma compreensão mais rica de sua fé.

2 ACONSELHAMENTO PASTORAL

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo sobre o aconselhamento pastoral faremos uma análise sobre a função e a relevância do cuidado pastoral dentro da comunidade de fé. Neste segmento, investigaremos o papel do pastor e da pastora como *Seelsorger*, cura d'almas, e como pessoa conselheira, aquela que proporciona orientação e suporte em tempos de adversidade e sofrimento.

Nesse sentido, Vardilei Ribeiro da Silva, ao refletir sobre o sofrimento de pessoas com ideação suicida, ressalta que vivemos em uma sociedade racista, homofóbica e classista, que, apesar de pregar valores como meritocracia e democracia racial, perpetua desigualdades e crises existenciais. O sistema capitalista, sustentado pela economia neoliberal, fomenta o individualismo e reforça a meritocracia, contribuindo para essa crise. Além disso, a pandemia agravou esses problemas, afetando significativamente a saúde emocional e espiritual das pessoas.⁸

Entretanto, o sofrimento humano não pode ser reduzido apenas às dinâmicas sociais que o aprofundam e o tornam mais agudo. Questões como etnia, gênero e condição socioeconômica desempenham um papel importante na configuração do sofrimento, mas este tem raízes ainda mais profundas, atravessando toda a existência humana. A finitude, a fragilidade e a realidade do mal no mundo antecedem e moldam as experiências concretas de dor e angústia.

Ao mergulharmos no campo do aconselhamento pastoral, somos instigados a compreender a sutileza e a responsabilidade envolvidas nesse ministério, bem como a importância de uma abordagem fundamentada na mensagem transformadora da graça de Deus a partir da cruz.

2.2 O PASTOR E A PASTORA COMO SEELSORGER

A palavra alemã *Seelsorger* não possui uma tradução direta e exata para o português, sendo difícil encontrar um equivalente de uma única palavra. No entanto, no contexto luterano, o termo “pastor” é frequentemente utilizado para designar a

⁸ SILVA, 2024, p. 107.

pessoa, enquanto “cuidado pastoral” é aplicado à prática de cuidar das necessidades espirituais do povo de Cristo. Dentro dessa tradição, o pastor é aquele que oferece orientação espiritual e assistência ao rebanho de Deus. Martinho Lutero não era apenas teólogo acadêmico, mas também alguém que vivia e praticava a teologia que ensinava. Em seus escritos e sermões, ele demonstrava ser um verdadeiro *Seelsorger*, profundamente comprometido com o cuidado das almas redimidas de Cristo, agindo não de forma abstrata, mas como um pastor caloroso, atento e, quando necessário, firme em sua abordagem para com as pessoas que pastoreava.⁹

O cuidado pastoral, originado na tradição da *cura animarum* (cura das almas) do cristianismo primitivo, é uma prática fundamental nas primeiras comunidades cristãs e faz parte das exigências essenciais da vida congregacional. O pastoreio, ou o oferecimento desse cuidado, é considerado distinto da organização comunitária ou da proclamação do evangelho. Como instituições humanas, as congregações sempre enfrentaram a necessidade de ministrar àqueles que sofrem e precisam de atenção e cuidado.¹⁰

As funções pastorais fundamentais, tradicionalmente, são quatro. A primeira é a **cura**, que está relacionada à restauração da saúde emocional e espiritual do indivíduo, auxiliando-o a enfrentar problemas e sofrimento, com o intuito de recuperar seu bem-estar. A segunda função, a **sustentação**, foca em oferecer apoio a pessoas que enfrentam situações difíceis e inevitáveis, especialmente quando não há uma solução imediata, buscando dar-lhes força e encorajamento para seguir adiante em meio ao sofrimento. A **orientação**, terceira função, consiste em oferecer aconselhamento espiritual e moral, ajudando o indivíduo a tomar decisões em conformidade com a vontade de Deus e os princípios cristãos. Por fim, a **reconciliação** se refere ao processo de restauração de relacionamentos quebrados, tanto com Deus quanto com outras pessoas, promovendo o perdão e a reintegração na comunidade de fé. Ao longo da história, essas funções pastorais têm sido aplicadas de maneiras diversas, adaptando-se aos contextos e necessidades de cada época.¹¹

⁹ KRAUS, George. Luther the Seelsorger. *Concordia Theological Quarterly*. v. 48, n. 2 & 3, April-July, p. 153-163, 1984, p. 153.

¹⁰ McCLURE, Barbara. Pastoral Care. In: McLEMORE, Bonnie J. Miller (Ed.). *The Wiley-Blackwell companion to practical theology*. Chichester: Blackwell, p. 269-278, 2012, p. 270.

¹¹ CLEBSCH, WILLIAM A.; JAEKLE, Charles R. *Pastoral Care in Historical Perspective – An Essay With Exhibits*. New Jersey: Prentice-Hall, p. 32-66, 1964.

O sofrimento humano em meio às crises é uma realidade que permeia a vida contemporânea e influencia diretamente o cuidado pastoral. No livro “Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança”, Ronaldo Sathler-Rosa observa que vivemos em tempos de competição e desprezo pelos mais fracos. Ele explora como a sociedade atual, marcada por mudanças rápidas e uma cultura de competição e insegurança, cria um ambiente de vulnerabilidade e sofrimento profundo para as pessoas.¹² Isso significa que o sofrimento humano não deve ser ignorado ou subestimado no ministério pastoral, mas sim visto como um elemento central para o cuidado com aqueles que sofrem.

Em um mundo onde as relações afetivas são rompidas como se os seres humanos não tivessem a capacidade de cuidar das dificuldades próprias de qualquer relacionamento próximo, o sofrimento se agrava ainda mais. A falta de estabilidade nos relacionamentos e o declínio da solidariedade comunitária contribuem para um cenário de abandono, solidão e desesperança. O cuidado pastoral, nesse sentido, assume um papel importante ao tentar proporcionar conforto, esperança e a presença de Cristo na vida das pessoas.¹³

Para finalizar, Sathler-Rosa enfatiza que “o desemprego tem sido considerado por muitos estudiosos como uma das epidemias mais danosas de nossos tempos incertos”,¹⁴ destacando a ligação entre sofrimento humano e condições socioeconômicas, como a exclusão social. Isso reforça a necessidade de uma pastoral que compreenda o contexto cultural e econômico das crises, oferecendo não apenas apoio espiritual, mas também auxílio concreto aos vulneráveis. Assim, o sofrimento humano é uma realidade que exige uma resposta pastoral sensível, que leve em consideração tanto os aspectos espirituais quanto os fatores sociais e culturais que intensificam as crises.

Com isso em mente, Henri Nouwen afirma que:

[...] os ministros [e as ministras] são chamados a reconhecer os sofrimentos de seu tempo em seus próprios corações e a fazer desse reconhecimento o ponto de partida de seu serviço. Quer tentem entrar em um mundo deslocado, relacionar-se com uma geração sem raízes ou falar com um indivíduo moribundo, seu serviço não será percebido como autêntico a menos que

¹² SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança** – Uma Hermenêutica Contemporânea. São Paulo: Aste, 2004, p. 15-16.

¹³ SATHLER-ROSA, 2004, p. 19.

¹⁴ SATHLER-ROSA, 2004, p. 22.

venha de corações feridos pelo sofrimento sobre o qual falamos.¹⁵ (tradução e grifo nossos).

Essa visão do ministério pastoral, que relaciona o sofrimento à capacidade de quem aconselha de servir autenticamente, reflete uma longa tradição de cuidado humano no contexto eclesial. Ao longo da história, o aconselhamento pastoral evoluiu a partir dessa preocupação, demonstrando a importância de um cuidado integral. Inicialmente orientado apenas pela teologia pastoral, o aconselhamento passou a incorporar também elementos da psicologia, especialmente a partir das influências freudianas.¹⁶ Portanto, ao explorar as origens e as práticas do aconselhamento pastoral, é essencial considerar a teologia pastoral como uma disciplina transdisciplinar, que, segundo Ronaldo Sathler-Rosa, “alimenta-se de estudos das Escrituras, serve-se das investigações históricas, organiza seu pensar com o auxílio dos estudos teológicos sistematizados e recorre às ciências humanas e sociais para compreender e melhor servir a família humana.”¹⁷

A Teologia Prática desafia pastores e pastoras a aplicar o conhecimento de Deus e das coisas divinas às necessidades espirituais de suas comunidades. Norbert H. Mueller e George Kraus destacam o desafio de cumprir o propósito divino e lidar com o poder misterioso de Deus por meio da administração dos meios da graça, enfatizando que o centro não é o pastor, mas o ofício pastoral em si.¹⁸ A Teologia Pastoral é dada por Deus (*theósdotos*) e adquirida (*acquisitus*), uma tensão que o pastor luterano C. F. W. Walther explica como *habitus practicus theósdotos*, indicando que essa prática não é apenas um conhecimento teórico, mas uma capacidade prática sobrenatural implantada pelo Espírito Santo, e ao mesmo tempo adquirida por meio de certos meios auxiliares.¹⁹

¹⁵ *For ministers are called to recognize the sufferings of their time in their own hearts and to make that recognition the starting point of their service. Whether they try to enter into a dislocated world, relate to a rootless generation, or speak to a dying individual, their service will not be perceived as authentic unless it comes from hearts wounded by the suffering about which they speak.* NOUWEN, Henri J. M. **Ministry and Spirituality** - Creative Ministry The Wounded Healer Reaching Out. New York: Continuum, 1996, p. 109-110.

¹⁶ HULME, William E. **Counseling and Theology**. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1956, p. 2.

¹⁷ SATHLER-ROSA, 2004, p. 62.

¹⁸ MUELLER, N.H. & Kraus G. **Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1990. E-book (4921 p.), p. 203.

¹⁹ WALTER, C. F. W. **Walther's Works: Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 2017. E-book (14389 p.), p. 581.

Na teologia luterana, o pastor ou pastora é considerado um *Seelsorger*, ou seja, um cuidador de almas.²⁰ Essa função pode ser interpretada de maneira ampla como englobando todo o ministério pastoral ou, de forma mais específica, como o aconselhamento pastoral. A cura de almas é um “ministério de apoio e amparo para pessoas e todos aqueles que lhes são próximos que estejam passando por sofrimentos, como doença, cirurgia, incapacidade, morte e desolação”.²¹

No contexto cristão, o termo “curar” (do latim: *curare*) envolve o cuidado da pessoa de maneira abrangente, incluindo os aspectos psicológicos, sociais e espirituais.²² Mueller e Kraus sugerem que o aconselhamento pastoral individual proporciona uma oportunidade para aplicar a lei e o evangelho de Deus àqueles que buscam orientação para solucionar problemas e corrigir suas vidas.²³ Christoph Schneider-Harpprecht menciona termos técnicos como poimênica (a ciência da prática pastoral), clínica pastoral (assistência pastoral na área da saúde), e psicologia pastoral (interpretação pastoral sob a perspectiva psicológica) e define os participantes na conversa como paciente, cliente e aconselhado.²⁴ Desta forma, como explica Schneider-Harpprecht:

Não existe uma definição geral aceita [para aconselhamento pastoral]. As propostas vão de “orientação da palavra de Deus para o indivíduo” ou “disciplina eclesial” (Eduard Thurneysen) ou “psicoterapia no contexto da igreja” (Dietrich Stollberg) até “ajuda cristã para a condução da vida” (Christoph Schneider--Harpprecht). As definições destacam a dimensão teológica, sociológica ou psicológica. Mostra-se que aconselhamento pastoral é uma prática multidimensional. A compreensão daquilo que é aconselhamento pastoral difere de acordo com o contexto cultural, social, histórico e eclesial.²⁵ (grifo nosso)

Assim, o aconselhamento pastoral também pode ser considerado uma forma específica de cuidado espiritual. Além disso, o conteúdo do aconselhamento pastoral não difere do que é proclamado publicamente na Palavra de Deus, apenas assume uma forma específica. O pastor ou pastora, ao cuidar de sua congregação, possui recursos que os conselheiros humanísticos não têm, e que até mesmo outros conselheiros cristãos podem não utilizar de maneira tão eficaz, como a Lei e o

²⁰ FRITZ, John H. C. **Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1932, p. 172.

²¹ PRIETO, 1997, p. 26.

²² HOCH, 2007, p. 5.

²³ MUELLER E KRAUS, 1945, p. 2189.

²⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, p. 256-280, 2011, p. 256.

²⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. As transformações do Aconselhamento Pastoral até hoje. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 306-320, 2016, p. 307.

Evangelho, a Palavra de Deus que capacita as pessoas a viver uma vida plena e eterna em Jesus Cristo, através do Espírito Santo.²⁶

De acordo com Richard H. Warneck, o pastor e a pastora proclamam e aplicam a palavra de Deus para atender às necessidades do povo de Deus, seja em momentos de ansiedade, decepção, desordem ou teimosia, mas também para celebrar conquistas, satisfações e momentos de alegria. O cuidado pastoral auxilia as pessoas a alcançarem bem-estar emocional e a desenvolverem a maturidade necessária para que possam se autoajudar.²⁷ Assim, o pastor e a pastora devem compreender que seu ministério não se limita à pregação e ao ensino, mas deve incluir também uma atitude calorosa, solidária e acolhedora com sua congregação, cultivando um relacionamento cristão fundamentado no amor, conforme a orientação de “sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13).²⁸ Uma pessoa que valoriza esse relacionamento genuíno será reconhecida como uma boa conselheira e será acolhida dessa forma pela sua comunidade, assumindo o papel de verdadeira cuidadora de almas.²⁹

2.3 O PASTOR E A PASTORA COMO PESSOA CONSELHEIRA

Atualmente, o aconselhamento pastoral tem sido discutido em correlação com o termo "poimênica", que deriva do grego *poimen*, significando “pastor”.³⁰ De acordo com Howard J. Clinebell Jr., a poimênica é entendida como um ministério abrangente e inclusivo que promove cura e crescimento mútuo tanto na congregação quanto em sua comunidade, ao longo de todo o ciclo da vida. Como parte da poimênica, o aconselhamento pastoral usa diferentes métodos terapêuticos para ajudar as pessoas a enfrentar crises e problemas, promovendo crescimento pessoal e facilitando o alívio de seus sofrimentos.³¹

Segundo Schneider-Harpprecht, todas as definições de aconselhamento pastoral cristão indicam que esse tipo de ajuda interpessoal é fundamentado,

²⁶ MUELLER E KRAUS, 1945, p. 2209.

²⁷ WARNECK, 2018, p. 225-229.

²⁸ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

²⁹ NERGER, 1960, p. 276.

³⁰ SILVA, 2024, p. 108.

³¹ CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento Pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. São Paulo: Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998, p. 25.

interpretado e moldado pela fé cristã de forma qualificada. A compreensão do aconselhamento pastoral, assim como os conceitos de Deus, religião ou espiritualidade, são construções sociais que se modificam dentro do discurso da sociedade. Em contextos multiculturais e multirreligiosos, o aconselhamento pastoral cristão é confrontado com outras abordagens religiosas e espirituais, exigindo que o discurso cristão se posicione e se relacione com esse cenário diversificado, o que pode resultar em novas construções e conceitos de aconselhamento pastoral.³²

Com base nas especificidades apresentadas por Clinebell, o aconselhamento pastoral é discutido como uma dimensão relevante da poimênica. No entanto, observa-se que sua prática, especialmente no que diz respeito ao método utilizado, varia de acordo com o contexto cultural de uma determinada época e, principalmente, com os pressupostos teológico-pastorais dos aconselhadores. Esses pressupostos teológicos influenciam diretamente a definição do que é considerado aconselhamento pastoral.³³

No aconselhamento pastoral, estamos lidando com um relacionamento comunicativo entre duas ou mais pessoas: quem aconselha e a(s) pessoa(s) aconselhada(s). Assim, é fundamental reconhecer que esse processo envolve sempre alguma abordagem, mesmo que nem sempre seja percebida de forma consciente.

Dessa forma, um aspecto relevante para quem exerce o aconselhamento pastoral é estar familiarizado com diferentes abordagens de aconselhamento que podem ser aplicadas durante as consultas e sessões. Isso se deve ao fato de que os relacionamentos interpessoais são dinâmicos e o aconselhamento pastoral formal é realizado por meio de métodos específicos que visam alcançar determinados objetivos.

De acordo com Thomas Heimann, é necessário que esses fenômenos psicodinâmicos transcendam o conhecimento comum, sendo descritos e compreendidos a partir de uma perspectiva mais científica. Ele destaca que o campo da psicologia é vasto devido à diversidade de teorias psicológicas. Portanto, existe uma ampla gama de conceitos, princípios, fenômenos, recursos e técnicas

³² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 309.

³³ SILVA, 2024, p. 109.

psicológicas que podem ser extremamente valiosos para quem tem o aconselhamento pastoral como seu trabalho de acompanhar, compreender e cuidar das pessoas.³⁴

A utilização específica de cada uma das abordagens é mediada pela sensibilidade da pessoa conselheira diante do conteúdo que lhe é apresentado pela pessoa aconselhada na consulta. Schneider-Harpprecht ressalta a importância de quatro modelos teóricos de aconselhamento pastoral na América Latina: a) o modelo fundamentalista; b) o modelo evangelical de psicologia pastoral; c) o modelo holístico de libertação e crescimento e d) o modelo contextual de uma poimênica de libertação.³⁵

a) O modelo fundamentalista (noutético) – O teólogo norte-americano Jay E. Adams descreve *nouthesia* como um ‘vocábulo rico de significação, sem equivalente exato em português, e declara haver três “elementos básicos dentro da prática do aconselhamento noutético: 1. Efetuar mudança de conduta e de personalidade; 2. Confrontação verbal em relação interpessoal; 3. Motivação pelo amor – para o bem do cliente e para a glória de Deus.³⁶ Para Roger Hurdling, esse modelo de aconselhamento é fundamentado exclusivamente na Bíblia (“técnica bíblica”), considerada a única fonte de orientação sobre a condição humana e as causas de seu sofrimento, rejeitando completamente qualquer perspectiva psicológica.³⁷ O método de Adams atribui as doenças psíquicas ao pecado individual. Segundo Adams, conselheiros e profissionais de saúde mental estavam equivocados ao tentar deslocar a responsabilidade do pecador para fatores estruturais ou sociais fora de seu controle. Em contraste, Adams sustentava que, conforme a Palavra de Deus, todos os problemas têm sua origem na depravação da natureza humana caída.³⁸

b) O modelo evangelical de psicologia pastoral – O psicólogo Gary R. Collins buscou a integração da psicologia com a teologia para realizar um aconselhamento mais efetivo formando um modelo ‘psicoteológico’. Hurdling destaca que, embora Collins priorize a revelação bíblica sobre a natural, ele afirma que as verdades

³⁴ HEIMANN, Thomas. Aconselhamento pastoral: características fundamentais. ULBRA (Org.). **Princípios Teológicos de Aconselhamento**. Canoas: Ed. Ulbra, 2015, p.25-48, p. 35.

³⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

³⁶ ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Fiel, 1977, p. 55-75.

³⁷ HURDLING, Roger. **A Árvore da Cura**. Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 321-322.

³⁸ ADAMS, 1977, p. 12.

provenientes dessas duas fontes não podem se contradizer, pois “a Palavra de Deus e o mundo de Deus estão harmonia perfeita.”³⁹

Collins defende que tanto a Bíblia quanto a psicologia são ferramentas que Deus disponibiliza para ajudar quem aconselha e quem é aconselhado. Ele argumenta que rejeitar completamente as contribuições da psicologia reduziria significativamente a eficácia do aconselhamento. Além disso, nossa integridade ficaria comprometida se, ao mesmo tempo em que rejeitamos a psicologia em teoria, utilizássemos seus conceitos na prática. Portanto, é essencial acreditar firmemente na inspiração e autoridade da Bíblia, utilizando-a como critério para avaliar e julgar o conhecimento psicológico.⁴⁰

c) O modelo holístico de libertação e crescimento – Este modelo tem como seu maior expoente o pastor metodista Howard J. Clinebell Jr. que baseou seu modelo de aconselhamento numa visão holística da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus e que através de Cristo alcança uma vida abundante. O modelo de Clinebell “abriu-se para impulsos da psicologia humanística, porém tenta fundamentá-los biblicamente.”⁴¹ Clinebell afirma que o objetivo do estilo de vida cristão, da poimênica e do aconselhamento pastoral é promover a libertação mais completa possível das pessoas em todos os seus contextos relacionais e sociais. Para ilustrar esse processo, ele utiliza três metáforas: um posto de resgate, simbolizando a salvação; um jardim, representando o cultivo e o crescimento contínuo das pessoas ao longo de suas vidas; e um centro de treinamento, onde as pessoas são preparadas para se tornarem agentes de transformação na vida de outros e na sociedade. Assim, o Evangelho não apenas liberta, mas também capacita as pessoas a alcançar o ideal de Deus de que todos tenham uma vida plena e abundante.⁴²

d) O modelo contextual de uma poimênica de libertação – Schneider-Harpprecht destaca que este modelo está representado especialmente pelo teólogo luterano Lothar Carlos Hoch. A característica principal deste modelo de aconselhamento é que parte do sofrimento atual das pessoas, tem o caráter de apoio solidário na luta popular e acontece dentro do contexto específico de grupos, promovendo a conscientização e a transformação social a partir da fé e do

³⁹ HURDING, 1995, p. 273.

⁴⁰ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 24.

⁴¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

⁴² CLINEBELL, 1998, p. 27.

compromisso comunitário. O aconselhamento é “exercido pelos próprios atingidos ou por representantes especializados que trabalham com o objetivo de capacitar as vítimas de problemas e injustiças sociais para defender os seus interesses vitais”.⁴³ Hoch defende que é essencial que o aconselhamento pastoral seja fundamentado em um espírito comunitário e que considere também a dimensão estrutural em suas abordagens. Caso contrário, corre-se o risco de operar com um conceito individualista e ser influenciado por ideologias externas.⁴⁴

Como visto anteriormente, Christoph Schneider-Harpprecht identifica quatro modelos teóricos de aconselhamento pastoral na América Latina, contudo, sua análise não é fixa. Em uma revisão posterior, ele percebe que o aconselhamento pastoral tem sido moldado por mudanças históricas e teológicas. Assim, Schneider-Harpprecht interpreta as transformações do aconselhamento pastoral para além da Reforma, sugerindo que os modelos atuais podem ser compreendidos com base nas Escrituras, na tradição da poimênica pastoral, nas influências do humanismo e do Iluminismo — que trouxeram uma ênfase educacional e moral na arte de viver de acordo com a razão e a religião —, além das descobertas da psicologia nos séculos 19 e 20.⁴⁵

De acordo com Schneider-Harpprecht, as práticas de aconselhamento pastoral e suas concepções, originadas na Bíblia, evoluíram ao longo da história da igreja, resultando na atualidade em cinco modelos distintos: teologia da encarnação, cristológico, carismático, espiritual e trinitário.⁴⁶ Para melhor compreensão, a seguir, são destacados os principais aspectos de cada modelo:

O modelo da teologia da encarnação emergiu com o retorno ao empirismo na teologia prática a partir dos anos 1960, permitindo um diálogo enriquecedor com as ciências humanas, como psicologia, psicoterapia e sociologia. Ele enfatiza a presença de Cristo nas interações interpessoais, especialmente no aconselhamento pastoral, onde a pessoa conselheira atua como representante de Cristo, refletindo seu amor e cuidado. Baseado em Mateus 18.20,⁴⁷ esse modelo vê o aconselhamento como uma experiência espiritual, em que a pessoa conselheira deve ser um canal da graça

⁴³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

⁴⁴ HOCH, Lothar C. Aconselhamento pastoral e libertação. **Estudos Teológicos**, v. 29, n. 1, 1989, p. 27.

⁴⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 307.

⁴⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 311.

⁴⁷ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

divina. Valoriza a empatia, a escuta ativa e a compaixão, incorporando uma perspectiva holística do ser humano, mas também corre o risco de idealizar o papel da pessoa conselheira, levando a desapontamentos quando as expectativas não são atendidas.⁴⁸

O modelo cristológico centra-se na figura de Jesus Cristo, reconhecido como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, segundo a formulação do Concílio de Calcedônia. Esse modelo destaca a interação entre a divindade e a humanidade, enfatizando a justiça divina aplicada à condição humana. A teologia da justificação de Lutero é fundamental, onde Cristo assume os pecados da humanidade e oferece sua justiça e vida eterna. Assim, o aconselhamento pastoral é visto como um processo de transformação da identidade do aconselhado pela graça divina, promovendo cura e transformação por meio da relação com Cristo.⁴⁹

O modelo carismático ressalta a ação do Espírito Santo e os dons espirituais no aconselhamento pastoral. Neste enfoque, a pessoa conselheira deve estar atenta à orientação do Espírito e receptivo às manifestações dos dons espirituais durante o processo de aconselhamento. A prática é entendida como uma colaboração ativa com o Espírito Santo, que guia e capacita tanto a pessoa conselheira quanto a pessoa aconselhada. Esse modelo enfatiza a necessidade de abandonar comportamentos antigos e cultivar hábitos saudáveis, com a oração desempenhando um papel muito importante, especialmente na superação de traumas. Embora alguns adeptos do modelo carismático rejeitem a psicologia, muitos a integram com princípios bíblicos, como no aconselhamento bíblico-terapêutico, que também abrange práticas de libertação do mal e destaca a importância da comunidade e dos rituais de fé.⁵⁰

O modelo espiritual surgiu como resposta ao pluralismo cultural e religioso das sociedades pós-modernas, tornando-se uma abordagem proeminente no aconselhamento pastoral em sistemas de saúde de países como Estados Unidos, Inglaterra e Holanda, e ganhando relevância no Brasil. Ele aborda a vida humana em sua dimensão espiritual, compreendendo o ser humano de forma integrada, considerando corpo, alma e espírito interconectados. Utiliza métodos como a avaliação espiritual, que envolve questionários e entrevistas, para promover o bem-

⁴⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 312-313.

⁴⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 313-315.

⁵⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 315-317.

estar dos pacientes, definindo espiritualidade como a capacidade de vivenciar o presente e as relações com os outros e o sagrado. A pessoa conselheira ajuda a pessoa aconselhada a explorar e desenvolver sua espiritualidade como parte do processo de cura e crescimento pessoal. A diversidade de concepções de espiritualidade, que mesclam tradições religiosas e filosóficas, como o budismo e as religiões afro-brasileiras, enriquece essa abordagem, promovendo uma visão holística onde a saúde espiritual é fundamental para o bem-estar integral.⁵¹

Por fim, o modelo trinitário, revitalizado no século XX, busca interpretar a comunicação entre Deus e as pessoas, bem como as interações interpessoais, à luz da doutrina da Trindade. Ele enfatiza a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, promovendo uma abordagem relacional e comunitária no cuidado pastoral. O aconselhamento é percebido como um espaço onde a presença e a ação de Deus podem ser vivenciadas, oferecendo consolação e perdão, aspectos centrais na poimênica reformada. O modelo sugere um método de ver-julgar-agir, inspirado na teologia da libertação, onde a pessoa conselheira analisa a situação da pessoa aconselhada, reflete teologicamente e com base nas ciências humanas, e age de maneira apropriada, visando conectar a prática pastoral à ação transformadora de Deus na vida das pessoas.⁵²

Após analisarmos os modelos de aconselhamento destacados por Schneider-Harpprecht, é importante destacar que cada modelo possui um método de ação específico. Entendemos que o método é um “caminho organizado e planejado de atos comunicativos para alcançar um objetivo premeditado”.⁵³ É essencial que todos os métodos sejam analisados criticamente em relação aos seus fundamentos filosóficos e religiosos. Métodos baseados em considerações religiosas que não estejam em consonância com a fé cristã não deveriam ser utilizados. Contudo, há uma variedade de métodos e técnicas terapêuticas que podem ser muito úteis no contexto do aconselhamento pastoral. De acordo com Heimann, combinando o método bíblico clássico com essas abordagens, a pessoa conselheira pode organizar seu trabalho, seja individual ou coletivo, de maneira criativa, utilizando elementos da psicanálise,

⁵¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 317-318.

⁵² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 318-320.

⁵³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 277.

da terapia Gestalt, do psicodrama, da terapia familiar sistêmica, da programação neurolinguística e de muitas outras técnicas de diversas escolas psicoterapêuticas.⁵⁴

No entanto, a multidimensionalidade do aconselhamento pastoral não pode ser desvinculada de sua fundamentação bíblica. É a partir das Escrituras que todo o processo de aconselhamento se estrutura, embora seja necessário refletir cuidadosamente sobre sua aplicação, para evitar abordagens moralistas, mantendo o foco nos princípios libertadores que o aconselhamento busca promover.⁵⁵

No artigo "*Contextual pastoral counselling: Paradigm shifts in practical theological development since the middle 20th century*", Amanda L. du Plessis defende que a teologia prática, sobretudo no aconselhamento pastoral, passou por mudanças paradigmáticas importantes desde a metade do século XX. Inicialmente, o desenvolvimento da disciplina seguia um caminho evolutivo em busca de legitimidade científica. No entanto, houve uma mudança de enfoque, que passou a priorizar uma abordagem pastoral mais contextual, fundamentada na Palavra de Deus, em vez de depender fortemente da psicologia. A autora destaca que a incorporação de experiências empíricas contextualizadas tornou-se um aspecto fundamental para o avanço dessa perspectiva, permitindo que a teologia prática responda de forma mais adequada aos desafios culturais, políticos e científicos contemporâneos, além das questões complexas que envolvem a teologia pastoral.⁵⁶

Da mesma forma, Lothar Carlos Hoch afirma que a poimênica, que pode ser compreendida como sinônimo de aconselhamento pastoral, desempenha o papel de oferecer apoio solidário à pessoa humana em todas as esferas de sua vida. Essa prática exige uma atenção especial às influências contextuais que afetam o indivíduo, sendo essencial buscar uma compreensão profunda da pessoa em sua totalidade. Portanto, aproximar-se verdadeiramente de alguém implica considerar tanto o contexto de onde a pessoa vem quanto o ambiente ao qual ela retornará.⁵⁷ Hoch chama a atenção para o perigo do que ele chama de estreitamentos. Segundo ele,

Há dois tipos de estreitamento que precisam ser superados. O primeiro consiste em dedicar-se tão somente a indivíduos, sem levar em consideração o contexto social e o cultural. O segundo consiste em dedicar-se tão somente

⁵⁴ HEIMANN, 2015, p. 29.

⁵⁵ SILVA, 2024, p. 109.

⁵⁶ DU PLESSIS, A.L., 2021, 'Contextual pastoral counselling: Paradigm shifts in practical theological development since the middle 20th century', **In die Skriflig** 55(2), a2696. <https://doi.org/10.4102/ids.v55i2.2696>.

⁵⁷ HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento e Cuidado Pastoral**. Joinville: Grafar, 2019, p. 148-149.

a certos compartimentos do ser pessoa, sem levar em conta a integralidade das dimensões psíquica, corporal, social e espiritual.⁵⁸

Wilhelm Wachholz enfatiza que a poimênica e o aconselhamento pastoral são atividades profundamente hermenêuticas, pois envolvem a interpretação das experiências humanas, especialmente aquelas marcadas pelo sofrimento e pela busca de sentido. Essa interpretação requer não apenas escuta, mas também a percepção dos sentimentos e lutas internas. Assim, o aconselhamento pastoral busca compreender a realidade do outro, oferecendo uma resposta que faça sentido no contexto da fé cristã.⁵⁹ Em sua visão, a poimênica e o aconselhamento pastoral tem a ver com dizer, explicar e traduzir. Estes são considerados exercícios hermenêuticos porque envolvem a interpretação profunda de experiências humanas, especialmente aquelas marcadas por sofrimento, dúvida e busca de sentido. Essa interpretação vai além das palavras faladas, exigindo de quem aconselha uma escuta que perceba também sentimentos, afetos e lutas internas da pessoa aconselhada. Em essência, o aconselhamento pastoral não se limita a fornecer respostas, mas busca compreender e dialogar com a realidade de quem sofre, oferecendo uma resposta que faça sentido dentro do contexto de fé e da cruz de Cristo.⁶⁰

Nos últimos anos, o cuidado pastoral passou por uma transformação significativa, integrando teorias de raça, gênero, sociologia e estudos culturais. De acordo com Barbara McClure, três principais mudanças caracterizam essa evolução contemporânea: a transição de um modelo de cuidado focado exclusivamente em pastores para um modelo comunitário de responsabilidade compartilhada, o desenvolvimento do cuidado pastoral como uma teologia pública que examina as dimensões sociais e políticas do sofrimento, e a ênfase na participação estratégica dos indivíduos como uma forma de cura. Primeiramente, o cuidado pastoral tem se tornado cada vez mais uma tarefa coletiva, onde os membros da comunidade compartilham o cuidado mútuo, criando um espaço inclusivo e de apoio. Esse modelo comunitário-contextual valoriza o papel da comunidade tanto como sujeito quanto como agente do cuidado.⁶¹

⁵⁸ HOCH, 2019, p. 148.

⁵⁹ WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 50, n. 2, p. 202-218, 2010, p. 203.

⁶⁰ WACHHOLZ, 2010, p. 203-206.

⁶¹ McCLURE, 2012, p. 275.

O cuidado pastoral contemporâneo se expandiu para incluir o engajamento com questões sociais, reconhecendo que o sofrimento pessoal muitas vezes está ligado a estruturas opressivas. A promoção de mudanças sociais e políticas agora faz parte do ministério pastoral, promovendo uma prática que apoia a justiça e o bem-estar coletivo. Esse modelo permite que pastores e pastoras trabalhem de forma colaborativa com a comunidade, oferecendo um apoio mais inclusivo e sensível ao contexto social. A partir dessa perspectiva, o diagnóstico de tais estruturas e a promoção de mudanças políticas se tornam formas legítimas e necessárias de intervenção pastoral. Por fim, essa abordagem revisada questiona o papel tradicional do pastor como único detentor de poder e conhecimento no cuidado. Em vez disso, adota um modelo colaborativo, no qual cuidadores e aqueles que recebem o cuidado percorrem juntos a jornada, respeitando as realidades culturais e sociais de cada indivíduo.⁶²

Assim, o pastor ou a pastora precisa reconhecer que o cuidado pastoral ocorre sempre dentro de um contexto cultural específico, e é essencial que a pessoa cuidadora tenha uma compreensão da rede de relacionamentos e das conexões que estruturam a vida dentro dessa cultura. Por isso, um paradigma hermenêutico contextual é fundamental. Além disso, é importante adquirir conhecimento nas ciências comportamentais, que buscam esclarecer a condição humana, e estar aberto a acolher qualquer pessoa que busque ajuda com seus problemas. No entanto, ao perceber que a situação demanda mais do que suas habilidades podem oferecer, ou se sentir inseguro em tentar auxiliar, confie nessa percepção. Nesses casos, encaminhe a pessoa a um profissional especializado. Lembre-se: é fundamental encaminhar para profissionais de saúde quando os casos ultrapassarem sua competência.⁶³

2.4 O PASTOR E A PASTORA COMO PESSOA CONSELHEIRA A PARTIR DA CRUZ

Conforme apresentado acima, uma pesquisa sobre aconselhamento busca compreender questões e desenvolver abordagens que aliviem o sofrimento e

⁶² McCLURE, 2012, p. 276.

⁶³ SAUNDERS, Stephen M. **Martin Luther on Mental Health** - Practical Advice for Christians Today - St. Louis: Concordia Publishing House, 2023. E-book (2605 p.), p. 2188.

promovam o bem-estar. Um exemplo é o artigo de João Henrique Stumpf, “Deus e o sofrimento: subsídios para o aconselhamento pastoral e a poimênica”,⁶⁴ no qual ele aborda essas questões de forma profunda, refletindo sobre a experiência do sofrimento e a busca por respostas na fé. Para Stumpf, o sofrimento humano é uma realidade complexa que aflige as pessoas de diversas maneiras, incluindo a perda de entes queridos, doenças graves, catástrofes naturais e injustiças sociais.

Ele questiona, por exemplo, como podemos compreender e aceitar que inúmeras crianças nasçam e faleçam nos primeiros meses de vida? Essa pergunta reflete a dor e perplexidade que muitos sentem diante da realidade de uma morte prematura e/ou inexplicável. Além disso, Stumpf aponta que catástrofes ceifam a vida de milhares de pessoas a cada ano, algumas com explicações racionais, outras sem justificativa aparente. Essa realidade gera um sentimento de desilusão em relação à fé em um Deus que traz vida e esperança. Sua pesquisa sobre aconselhamento pastoral busca tratar esses sofrimentos de maneira sensível e empática. Ele entende que os argumentos racionais por si só não são suficientes para abordar todas as indagações sobre a relação de Deus com a dor e o sofrimento. Isso sugere que o aconselhamento deve ir além de explicações lógicas, abrangendo também a dimensão emocional e espiritual do sofrimento.⁶⁵

Stumpf propõe que a visão de um Deus solidário, amoroso e sofredor pode oferecer uma base para uma prática pastoral responsável. Essa visão de Deus, revelada em Jesus Cristo, proporciona um alicerce para que as vítimas do sofrimento encontrem consolo e esperança, mesmo em meio ao caos da perda. O autor enfatiza que “se conseguirmos manter como base para o aconselhamento e a poimênica o Cristo crucificado, impotente (aos olhos do mundo), mas ressurreto, aliado a uma leitura crítica da realidade, será possível ajudar as vítimas a superarem suas dores.”⁶⁶

Assim, a partir da teologia da cruz de Lutero exposta em Heidelberg e olhando o pastor ou pastora como *See/sorger* e pessoa conselheira, podemos refletir sobre os dois caminhos propostos por Lutero em Heidelberg (glória ou cruz) como possibilidades de atuação no aconselhamento pastoral usando a hermenêutica cruciforme. Assim como Lutero fez esta distinção e aplicação prática na vida da igreja

⁶⁴ STUMPF, João Henrique. Deus e o Sofrimento: Subsídios para o Aconselhamento Pastoral e a Poimênica. São Leopoldo: **Tear**, v. 4, n. 2, jul.-dez, p. 76-86, 2015.

⁶⁵ STUMPF, 2015, p. 80.

⁶⁶ STUMPF, 2015, p. 85.

de seu tempo, proponho uma reflexão sobre o uso da teologia da cruz como hermenêutica válida para o aconselhamento pastoral. Para isso, olharemos as teses 19-21 de Lutero. No entanto, proponho uma substituição da palavra teólogo para conselheiro pastoral:

[Tese 19] Não se pode designar condignamente de teólogo [conselheiro pastoral] quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas; [Tese 20] mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz. [Tese 21] O teólogo [conselheiro pastoral] da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo [conselheiro pastoral] da cruz diz as coisas como elas são.⁶⁷ (grifos nossos).

Como fica evidente nas teses acima, existe uma dicotomia entre a teologia da glória e a teologia da cruz. Essas duas abordagens teológicas representam maneiras distintas de compreender e viver a fé cristã. Parafraseando Gehard O. Forde, as duas narrativas, a da glória e a da cruz, se entrelaçam em batalhas decisivas que moldarão e determinarão nosso destino. A cruz é o ponto central onde esse confronto ocorre. Quando a cruz prevalece, fica evidente que existe uma forma distinta de se fazer teologia, levando-nos a tornarmos conselheiros(as) da cruz. Portanto, assim como há duas narrativas principais, também existem duas abordagens teológicas: ser um(a) conselheiro(a) da glória ou da cruz.⁶⁸

Convém destacar para nossa reflexão que, conforme Kolb, a cruz oferece à humanidade a melhor visão do ser humano e da natureza divina, revelando o *modus operandi* de Deus, sua maneira de lidar com o mal e reivindicar a humanidade. Para ele, Lutero ensinou que a verdadeira justiça de Deus — sua verdadeira essência e natureza — é revelada na cruz, demonstrando que Ele é amor e misericórdia. Deus enviou seu Filho ao mundo para carregar o pecado e a morte, sepultando os pecadores em seu túmulo. Fora do sacrifício de sua própria vida como substituto do seu povo sob a condenação da lei, não há vida.⁶⁹

Assim, diante desse *modus operandi* divino temos a oportunidade de constatar que é pela cruz que podemos buscar “o real” ou “a realidade” a respeito de Deus e do ser humano. Diante daquilo que podemos ver apenas com nossos olhos físicos poderíamos incluir acontecimentos como: acidentes, tragédias, mortes, funerais,

⁶⁷ Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 49.

⁶⁸ FORDE, Gehard O. **On Being a Theologian of the Cross** – Reflections on Luther’s Heidelberg Disputation, 1518. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997, p. 10.

⁶⁹ KOLB, 2009, p. 42.

desastres naturais, doenças, perdas, sofrimento, decepções, crimes bem como momentos de boa sorte, como sucessos inesperados, escapar do perigo, experiências de grande beleza ou prazer, pura graça, encontros casuais que mudam nossas vidas e amor. Nessas situações e experiências vividas, Forde alerta que começamos a nos questionar. Deus surge em nossos pensamentos e conversas. Podemos clamar em agonia: “Por que, Deus?” ou em alívio: “Graças a Deus!” Ou até mesmo usar o nome de Deus em uma maldição.⁷⁰

A teologia da cruz fornece uma perspectiva única para o aconselhamento pastoral, ajudando aqueles que sofrem a ver suas experiências através da lente da cruz. Ela oferece uma maneira de interpretar o sofrimento, evitando julgamentos simplistas e promovendo uma compreensão mais profunda da fé. Esse entendimento permite que a pessoa aconselhada encontre sentido e propósito, mesmo em meio à dor, reconhecendo que Deus está presente e agindo nas situações mais difíceis. É neste ponto que a religião pode dar significado à espiritualidade para que as pessoas possam encontrar sentido para a própria vida auxiliando o *homo religiosus* a completar sua dinâmica ontológica, pois toda pessoa “descende do *homo religiosus* e não pode anular sua própria história, quer dizer, os comportamentos de seus antepassados religiosos, que o constituíram tal como ele é hoje”.⁷¹

Para Mircea Eliade, a religião é vista como uma solução exemplar para qualquer crise existencial, não só por sua repetibilidade infinita, mas também por sua origem transcendental, valorizada como uma revelação vinda de um outro mundo, além do humano. Essa solução não apenas resolve a crise, mas também abre a existência a valores que não são contingentes nem particulares, permitindo ao indivíduo superar situações pessoais e, eventualmente, alcançar o mundo do espírito.⁷²

Toda religião tem seu *modus operandi*, glória ou cruz. Nesta dissertação a proposta é seguir com o *modus operandi* da teologia da cruz. Segundo Lutero, a cruz de Cristo é o único lugar onde podemos conhecer Deus autenticamente. É lá que ele se revela, mas de forma paradoxal, escondido na fraqueza e no sofrimento. Esse ocultamento revela um Deus que não responde às expectativas humanas de poder,

⁷⁰ FORDE, 1997, p. 11.

⁷¹ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 100.

⁷² ELIADE, 1992, p. 101.

mas se manifesta na humildade e na entrega.⁷³ Como McGrath explica, esse é um Deus visto “pelas costas”, onde o observador nunca compreende totalmente sua essência, mas ainda assim experimenta uma revelação verdadeira. Como diz Mcgrath,

Essa revelação é a revelação de um Deus cuja mão impede o observador de ver completamente o que está acontecendo; é um Deus que passa, mas não para; é um Deus visto pelas costas, mas cuja face não pode ser vista. Pelo fato de serem as *posteriora Dei* que são reveladas, essa revelação de Deus deve ser vista como uma revelação *indireta* de Deus, mas é, mesmo assim, uma revelação genuína.⁷⁴

Assim como em Heidelberg foram expostos dois caminhos, duas maneiras de ser teólogo, diante da prática da vida ou do aconselhamento pastoral são propostos os mesmos caminhos: glória ou cruz. Estas duas abordagens teológicas representam caminhos opostos na compreensão da existência humana, pois ela “é alimentada por pulsões que lhe chegam do mais profundo de seu ser, da zona que se chamou de inconsciente. Um homem exclusivamente racional é uma abstração; jamais o encontramos na realidade.”⁷⁵

No caminho da glória temos o ver para crer. Ele representa a busca por experiências diretas do divino, sucesso, prosperidade e exaltação com sinais visíveis de bênçãos e favores divinos. Os defensores dessa abordagem valorizam o poder e a majestade de Deus, buscando sinais visíveis de triunfo e realização. Quem vive neste *modus operandi* tende a evitar o sofrimento e a humildade, buscando uma imagem de Deus que corresponda às expectativas humanas de grandiosidade e poder. Por outro lado, o *modus operandi* da teologia da cruz abraça a ideia do sofrimento e da humildade como centrais para a revelação divina. Quem vive assim, reconhece a importância do sofrimento de Cristo na cruz como o cerne da redenção e salvação, valorizando a revelação de Deus na fraqueza e na humildade. Para estes, a verdadeira vida em Cristo passa pelo caminho da cruz, onde a graça divina e a fé são fundamentais para a salvação.⁷⁶

Stephen M. Saunders também faz uma reflexão semelhante quando afirma que o conselheiro da glória diz que Cristo nos condena e nos pune por nossos pensamentos tolos e errados. Ele dirá que Cristo condena a fé fraca, manifestada no

⁷³ MCGRATH, 2014, p. 202.

⁷⁴ MCGRATH, 2014, p. 203.

⁷⁵ ELIADE, 1992, p. 101.

⁷⁶ VEITH JR., 2015, p. 57-60.

sofrimento mental, e que, para sermos salvos, precisamos fortalecer essa fé. Satanás deseja que pensemos dessa forma. O Diabo quer que acreditemos que Cristo veio para condenar a ansiedade e outros problemas de saúde mental como se fossem pecados. No entanto, esses problemas não são pecados em si mesmos, mas consequências da natureza corrompida após a queda. À medida que as pessoas acreditam nas mentiras dos teólogos da glória, os esforços de Satanás para causar desespero e enfraquecer a fé do povo de Deus são intensificados.⁷⁷

Segundo Saunders, Lutero tinha uma visão diferente. Ele condenava a transformação do Evangelho em Lei: “O diabo faz do Evangelho uma lei.” Ele também condenava aqueles que julgavam as pessoas por seu sofrimento emocional. A teologia da cruz de Lutero oferece muito mais conforto.⁷⁸ Como ele mesmo diz:

Um teólogo da cruz vê a ansiedade, o sofrimento emocional e a dor de maneira diferente. Um teólogo da cruz vê que, mesmo quando estamos ansiosos, Deus, que está no céu, está no controle de tudo. Ele ou ela vê que Cristo veio para obedecer perfeitamente a lei em nosso lugar. Ao fazer isso, Ele satisfaz a ira de Deus contra nós. Apesar de nossos pensamentos falhos, sabemos que Cristo nos assegura que não há nada que nos cause ansiedade. Como com todas as outras palavras que Ele falou, Cristo nos assegura que cumpriu a Lei em nosso lugar. Nossa fé é fraca demais para compreender isso, então somos confortados ao saber que a fé é um dom do Espírito Santo por meio da Palavra e do Sacramento de Deus. Um teólogo da cruz diz, como o discípulo disse a Cristo, “Eu creio; ajuda a minha incredulidade!” (Marcos 9.24). Um teólogo da cruz se apega ao Evangelho em meio ao nosso mundo e pensamentos quebrados, confiando e recebendo os dons de perdão, vida e salvação de Deus através de qualquer coisa que experimentamos na vida.⁷⁹ (tradução nossa).

Lutero menciona três tipos de luzes em seu escrito “Da Vontade Cativa”: a luz da natureza, comum a todos; a luz da graça, exclusiva aos crentes; e a luz da glória, que simboliza a esperança no julgamento final. Ele explica que a luz da natureza não resolve o sofrimento humano, enquanto a luz da graça oferece conforto temporário. Somente a luz da glória revelará completamente a justiça divina no *éschaton*. Lutero explica a dinâmica das luzes:

⁷⁷ SAUNDERS, 2023, p. 1513.

⁷⁸ SAUNDERS, 2023, p. 1522.

⁷⁹ *A theologian of the cross views anxiety, emotional distress, and suffering differently. A theologian of the cross sees that even When we are anxious, God, who is in heaven, is in charge of everything. He or she sees that Christ came to perfectly obey the law on our behalf. By doing so, He satisfied God's anger at us. Despite our flawed thinking, we know Christ assures us that there is nothing to cause us anxiety. As with every other word He spoke, Christ assures us He has fulfilled the Law on our behalf. Our faith is too weak to grasp this, so we are comforted by knowing that faith is a gift of the Holy Spirit through God's Word and Sacrament. A theologian of the cross says, as the disciple said to Christ, "I believe; help my unbelief!" (Mark 9:24). A theologian of the cross clings to the Gospel in the midst of our broken world and broken thinking, trusting in and receiving God's gifts of forgiveness, life, and salvation through whatever we experience in life.* SAUNDERS, 2023, p. 1522.

À luz da natureza é insolúvel que seja justo quando o homem bom é afligido e o mau vai bem. No entanto, a luz da graça resolve a questão. À luz da graça é insolúvel como Deus pode condenar aquele que com qualquer de suas forças próprias somente é capaz de pecar e de se tornar culpado. Aqui tanto a luz da natureza quanto a luz da graça ditam que a culpa não é do miserável homem, mas do Deus iníquo, pois não pode fazer outro juízo de Deus que coroa o ímpio sem nenhum mérito, e ao outro, menos ímpio, em todos os casos não mais ímpio, não coroa, antes o condena. A luz da glória, porém dita outra coisa e há de mostrar que Deus, cujo juízo por ora ainda encerra uma justiça incompreensível, é de uma justiça extremamente justa e evidente; apenas que, entrementes cremos nisso, admoestados e confirmados pelo exemplo da luz da graça que realiza um milagre semelhante à luz natural.⁸⁰

Como se conclui, apenas nessa terceira luz (a luz da glória) será revelado que Deus agiu de forma justa e compreensível, mesmo nos eventos que atualmente parecem incompreensíveis, inacessíveis e injustos.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a análise do aconselhamento pastoral, reconhecemos a complexidade e a nobreza do ministério de cuidado e orientação na comunidade de fé. O pastor ou pastora, atuando como *See/sorger* e pessoa conselheira, desempenha um papel essencial no apoio espiritual e emocional daquelas pessoas que sofrem e que buscam orientação. Ao integrar os princípios da teologia da cruz, a pessoa conselheira se transforma em um veículo da graça divina, oferecendo conforto, esperança e direção para aqueles que enfrentam dificuldades e sofrimentos. Compreendendo a importância do aconselhamento pastoral, somos convocados a adotar uma abordagem sensível, compassiva e fundamentada na mensagem do Evangelho, tornando-nos agentes de cura e restauração sob a direção de Deus. Seguindo o *modus operandi* da teologia da cruz veremos no próximo capítulo o Debate de Heidelberg e a teologia da cruz.

⁸⁰ LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. vol. 4. p. 11-216, p. 214.

3 O DEBATE DE HEIDELBERG E A TEOLOGIA DA CRUZ

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Debate de Heidelberg representa um ponto crucial na história da teologia, em que Martinho Lutero introduziu sua teologia da cruz de maneira marcante e inovadora. Neste capítulo será examinada a relevância desse Debate como um critério e local fundamental para a teologia, enfatizando como as discussões e reflexões em Heidelberg não só influenciaram o pensamento teológico da época, mas também impactaram a prática e a vida da igreja. Ao investigar esse contexto histórico e teológico, pode-se entender melhor como a teologia da cruz se tornou um eixo central no trabalho de Lutero, moldando sua percepção sobre Deus, a humanidade e a salvação. Neste contexto, a análise desse Debate se torna essencial para compreender a evolução do pensamento de Lutero e sua abordagem hermenêutica das Escrituras.

3.2 O DEBATE DE HEIDELBERG

O Debate de Heidelberg não foi apenas uma oportunidade para Martinho Lutero consolidar suas críticas à teologia escolástica, mas também para desenvolver e avançar suas reflexões sobre o que ele chamou de “teologia da cruz” (*theologia crucis*). Esse conceito central apontava para a revelação de Deus na humilhação e no sofrimento, ao contrário da “teologia da glória” (*theologia gloriae*), que buscava Deus nas manifestações de poder e sucesso humano. Lutero propôs que a verdadeira natureza de Deus não poderia ser conhecida através da razão ou das glórias mundanas, mas apenas através da cruz de Cristo, onde Deus se oculta e revela ao mesmo tempo. O Debate, portanto, não foi apenas uma discussão acadêmica, mas um evento que marcou uma ruptura profunda com a teologia tradicional e uma reinterpretção radical da relação entre Deus e a humanidade.

A fim de explorar de forma mais detalhada os aspectos relevantes desse evento teológico, esta seção será subdividida em dois subtópicos principais: Contexto histórico e significado teológico do Debate de Heidelberg e Análise das teses e posicionamentos. O primeiro subtópico abordará o pano de fundo histórico em que o Debate foi realizado, destacando a situação teológica, política e social da época, além

de explicar como Heidelberg se tornou o local de um evento tão significativo. Analisará também o impacto imediato e de longo prazo do Debate no desenvolvimento do pensamento luterano e na difusão das ideias reformadoras.

O segundo subtópico, análise das teses e posicionamentos, examinará o conteúdo das teses teológicas apresentadas por Lutero durante o Debate. Será feita uma análise das principais ideias defendidas por Lutero, com destaque para sua crítica à teologia escolástica, influenciada pela filosofia de Aristóteles, e sua ênfase na teologia da cruz como chave para a compreensão da fé cristã. Além disso, será discutido como as ideias apresentadas no Debate de Heidelberg impactaram diretamente a prática pastoral luterana, moldando uma nova abordagem para o cuidado espiritual, especialmente no contexto do sofrimento humano e da busca por significado à luz da cruz de Cristo.

Esses subtópicos permitirão uma exploração mais aprofundada das implicações teológicas do Debate de Heidelberg, destacando como as ideias ali apresentadas influenciaram não apenas a teologia luterana, mas também a prática pastoral que dela deriva. A partir desse Debate, o conceito de viver sob a cruz se tornaria uma diretriz central para a vida cristã, com impactos diretos na forma como a comunidade de fé seria guiada em sua jornada espiritual, especialmente nas situações de dor, aflição e tentação.

3.2.1 Contexto histórico e significado teológico do Debate de Heidelberg

O Debate de Heidelberg é o *locus classicus*⁸¹ para a compreensão da teologia da cruz de Lutero desenvolvida nos anos de 1509 a 1519, sendo o resultado de sua agonia, angústia e reflexão sobre como entender o que significa o termo justiça de Deus.⁸² Sob esta ótica, “a doutrina da justificação de Lutero pela fé e sua teologia da cruz devem ser compreendidas como resultados paralelos do mesmo manancial teológico”.⁸³ Para Lutero, “tudo na vida — bom e ruim — aponta de volta para a

⁸¹ THIEMANN, Ronald F. A teologia da cruz de Lutero: Subsídio para uma teologia das religiões. In HELMER, Christine (Ed.). **LUTERO: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 255-273, 2013, p. 257.

⁸² KOLB, Robert. The “Heidelberg Theses” of 1518: A Milestone in Luther’s Theological Maturation. **The Southern Baptist Journal of Theology**. v. 21, n. 4, p. 15-34, 2017, p. 15-16.

⁸³ MCGRATH, Alister E. **Lutero e a Teologia da Cruz: A Ruptura Teológica de Martinho Lutero**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 201.

justificação operada pelo Filho de Deus na cruz. É desse ponto de vista que percebemos Lutero, o *Seelsorger*.⁸⁴ Portanto, se uma pessoa enfrenta ansiedade de consciência e não busca Deus em Cristo, ela acaba em desespero; e se essa mesma pessoa adere a uma religião desprovida de Cristo, pode encontrar paz, mas se torna orgulhosa — e tanto o orgulho quanto o desespero são obras do diabo.⁸⁵

Como diz Oswald Bayer, “Lutero, todavia, não é um observador frio que descreve as coisas a partir de um distanciamento respeitoso. Ele está, antes, ardorosamente envolvido: de corpo e alma, dos pés à cabeça.”⁸⁶ Por isso, é possível observar que nas teses teológicas do Debate de Heidelberg aparecem com profusão termos relacionados com a morte: “pecados mortais” (teses 3,4,7,8,9,12); “morta” (tese 10) e “desespero” (teses 17,18).⁸⁷ Tal inclusão surge de um contexto de extremo sofrimento em que a morte (*mors* em latim) era onipresente no tempo de Lutero (guerras, escassez, pestes, etc.) e o levou a um confronto contínuo com o medo de uma morte “antes da hora”, com a provação causada pela morte e com o consolo diante do medo da morte ou a superação da experiência de luto pessoal.⁸⁸ Assim, o cuidado pastoral de Lutero sempre ocorre em um contexto específico e cultural, sendo que ele, enquanto pessoa cuidadora, compreendia as redes de relacionamentos e a interdependência da vida dentro dessa cultura. Por isso, seu paradigma hermenêutico contextual é essencial.

Lutero relaciona sofrimento e morte diretamente à queda em pecado. Para ele, a vida é uma jornada contínua para a morte, uma condição imposta pelo pecado e pela maldição divina. Diante da ameaça de morte, ele recomenda aos cristãos focarem não na própria mortalidade, mas em Cristo, na graça e na vida eterna. Sob esta perspectiva, Lutero diz:

[...] porque, embora não queiramos chamar de morte a vida que vivemos aqui, ela realmente nada mais é do que uma jornada contínua para a morte. Exatamente como uma pessoa infectada pela peste já começa a morrer quando começou a infecção, assim esta vida, depois de ter sido infectada pelo pecado, não pode mais ser chamada propriamente de vida por causa do

⁸⁴ *Everything in life-good and bad-points back to the justification wrought by the Son of God on the cross. It is from this point of view that we perceive Luther the Seelsorger.* KRAUS, 1984, p. 154.

⁸⁵ ALTHAUS, Paul. **The Theology of Martin Luther**. Philadelphia: Fortress Press, 1979, p. 23.

⁸⁶ BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero: uma atualização**. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 3.

⁸⁷ LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. vol. 1. p. 35-54, p. 38.

⁸⁸ LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury. **DICIONÁRIO DE LUTERO**. São Leopoldo: Sinodal; São Leopoldo: Faculdades EST. 2021, p. 730.

pecado e do castigo do pecado: a morte. Pois imediatamente, desde o útero da mãe, começamos a morrer.⁸⁹

O pecado trouxe tamanha desgraça e sofrimento que, mesmo a terra, não tendo pecado, sofre as consequências da maldição. Ela deixa de gerar os frutos bons que produziria antes da queda humana, e, em vez disso, origina elementos prejudiciais, como venenos, animais nocivos e outros tipos de males.⁹⁰

Embora a morte e o morrer adquiram um significado positivo sob a ótica da teologia da justificação, Lutero aborda esse tema da morte e do sofrimento de maneira empática e diferenciada em sua poimênica, pois ele o enxerga com a ótica da cruz de Cristo e sua ressurreição. De um lado, ele destaca que, diante da ameaça iminente da morte, não é condenável evitar o risco de morrer, desde que o mandamento duplo do amor a Deus e ao próximo seja respeitado. Por outro lado, ele recomenda compreensão para com aqueles que, devido à fraqueza de sua fé, temem a morte. Finalmente, ele sublinha que, ao enfrentar a proximidade da morte, o foco não deve estar em si mesmo — ou seja, na morte, no pecado e no inferno — mas em Cristo. Consequentemente, deve-se focar na vida, na graça e na bem-aventurança.⁹¹

Robert Kolb destaca que as teses de Heidelberg representam um momento basilar no amadurecimento do pensamento de Lutero, revelando um componente fundamental na formação de sua visão de mundo e em sua abordagem hermenêutica para interpretar as Escrituras.⁹²

A data do Debate de Heidelberg não é tão exata, mas foi um evento ocorrido no dia 25 ou 26 de abril de 1518 nas dependências da Faculdade de Artes de Heidelberg.⁹³ Este encontro acontecia de três em três anos para uma reunião do capítulo geral dos agostinianos alemães. Nesta ocasião, Lutero deveria entregar o cargo de vigário distrital, como era costume após o término do “mandato”, mas João von Staupitz aproveitou para solicitar que Lutero conduzisse o Debate previsto.⁹⁴

Certamente, esta era uma oportunidade para Lutero defender sua teologia, pois a divulgação de suas 95 teses causou uma inquietação interna na ordem. Neste

⁸⁹ LUTERO, Martinho. Interpretação do Antigo Testamento – Textos Selecionados da Preleção sobre Gênesis. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas, Ulbra, 2014. vol. 12, p. 212.

⁹⁰ Obras Selecionadas 12, 2014, p. 220-221.

⁹¹ Obras Selecionadas 1, 1987, p. 385-398.

⁹² KOLB, 2017, p. 19.

⁹³ **DICIONÁRIO DE LUTERO**, 2021, p. 287.

⁹⁴ Obras Selecionadas 1, 1987, p. 35.

contexto, Lutero apresentou suas 28 teses de teologia e 12 teses de filosofia para o Debate. As teses teológicas contavam com um comentário e seguiam o que Lutero qualificou de paradoxos.⁹⁵

Por sua vez, Martin Dreher destaca que “as teses filosóficas são violentas e dirigem-se contra a metafísica de Aristóteles, contra a filosofia que considera seu esforço no campo natural e das coisas visíveis como o único válido e correto.”⁹⁶ As teses concluem com uma seção frequentemente negligenciada sobre filosofia, que esclarece os cânones aceitos para o leitor da época. Na teologia medieval, era comum iniciar com pressupostos filosóficos gerais – muitas vezes citando Aristóteles para estabelecer as bases da revelação natural antes de apresentar a revelação especial. No entanto, Lutero adota um tom sarcástico nessas teses filosóficas. O fato de Lutero posicioná-las ao final é uma subversão irônica do reformador.⁹⁷

Claramente percebemos que Lutero rompe com o método escolástico de interpretação incluindo sua teologia da cruz na reflexão pública.⁹⁸ Sua intenção é demonstrar que a teologia da cruz visa as “coisas práticas, pois seria a forma correta de lidar com a realidade, onde a experiência é teologia existencial em contraposição à teologia produzida pela escolástica, a qual Lutero chama de *teologia illusoria*”.⁹⁹

Entre o público deste Debate estavam membros da ordem agostiniana, professores e estudantes das faculdades de artes, até mesmo representantes do Tribunal Eleitoral do Palatinado, e cidadãos comuns.¹⁰⁰

A maneira como Lutero aplicou suas ideias no Debate de Heidelberg merece uma análise especial, pois mesmo que tenha ignorado completamente a questão das indulgências, ele acabou se envolvendo novamente em uma discussão fundamental com a teologia escolástica. Com suas teses paradoxais, cuidadosamente preparadas, Lutero buscava essencialmente apresentar o pensamento de Paulo e de seu fiel intérprete, Agostinho,¹⁰¹ como ele mesmo diz em sua introdução das teses:

⁹⁵ LIENHARD, Marc. **Martim Lutero: tempo, vida e mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 50.

⁹⁶ DREHER, Martin N. **De Luder a LUTERO: uma biografia**. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 106.

⁹⁷ WESTHELLE, Vítor. *Theologia crucis*. In: KOLB, Robert, DINGEL, Irene and BATKA, L'ubomír (Ed.). **Martin Luther's Theology**. Oxford: Oxford University Press, p. 156-167, 2016. p. 157.

⁹⁸ BRÄUTIGAM, Michael. Luther's Heidelberg Disputation and identity formation. *Dialog*, v. 58, n. 1, p. 70–78, março, 2019, p. 70.

⁹⁹ EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988, 186.

¹⁰⁰ BRÄUTIGAM, 2019, p. 71.

¹⁰¹ BRECHT, Martin. **Martin Luther: his road to Reformation. 1483-1521**. Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 231.

Desconfiando inteiramente de nós mesmos, em conformidade com aquele conselho do Espírito: “Não te fies em tua inteligência” [Pv 3.5], vimos humildemente oferecer ao julgamento de todos os que quiserem estar presentes os seguintes paradoxos teológicos, para que assim se evidencie se estão bem ou mal tomados do divino Paulo, vaso e órgão de Cristo escolhido por excelência, e ainda Sto. Agostinho, seu mui fiel intérprete.¹⁰²

Desta forma, não é preciso enfatizar que, em sua teologia da cruz, Lutero segue os ensinamentos de Paulo. Ele revitaliza as declarações de Paulo em 1 Coríntios 1.18-21¹⁰³, bem como em 2 Coríntios 4.16-18¹⁰⁴, sobre como a vida de Deus opera na morte e sua força se manifesta no desamparo. Paulo foi o precursor de Lutero na compreensão da cruz como o padrão essencial para o conhecimento de Deus e para o entendimento do homem sobre si mesmo.¹⁰⁵

Lutero usou a cruz de Cristo e a Palavra que a comunica para desenvolver pelo menos cinco aspectos principais de seu pensamento. Ele recorreu à epistemologia e à estrutura do pensamento cristão, conforme apresentados por Paulo em 1 Coríntios 1 e 2,¹⁰⁶ para delinear suas ideias sobre Deus, a natureza humana, a obra redentora de Cristo, a experiência contínua dos crentes e da igreja sob ataque, e as obrigações do chamado divino para o serviço no mundo. Em cada uma dessas áreas, de formas distintas, o modo de operar divino, que nas palavras de Paulo parece tolo e impotente segundo os padrões humanos, é, na verdade, a sabedoria e o poder de Deus. Lutero descreveu essa característica das ações de Deus como sua operação sob a aparência de opostos (*sub contrario*).¹⁰⁷

Como dito acima, o Debate de Heidelberg contou com 40 teses, sendo que 28 são teológicas e as últimas 12 são filosóficas. Este Debate tornou-se um marco na teologia de Lutero, pois ali ele rompeu com o método escolástico tradicional e introduziu pela primeira vez publicamente a sua influente teologia da cruz.¹⁰⁸ Além disso, o Debate marca uma mudança no próprio Lutero, que fica expressa em sua carta a Jorge Espalatino, secretário do príncipe-eleitor, pois até essa carta, Lutero assinava seu nome na “grafia de “Luder”; agora concluiu-a com a grafia “Martinus

¹⁰² Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 38.

¹⁰³ **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

¹⁰⁴ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

¹⁰⁵ ALTHAUS, 1979, p. 34.

¹⁰⁶ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

¹⁰⁷ KOLB, 2017, p. 21.

¹⁰⁸ BRÄUTIGAM, 2019. p. 70.

Eleutherius”. Doravante será o “Eleutherius”, o liberto, e o “th” passará a substituir o “d”. Luder passa a ser Lutherus, Luther; Lut(h)ero.”¹⁰⁹

Bernhard Lohse diz que estas teses foram preparadas por Lutero para uma apresentação da teologia básica da Reforma como: a pecaminosidade humana, a escravidão da vontade no relacionamento com Deus, a operação da graça de Deus sem a cooperação humana e a fé. Em oposição a uma “teologia da glória”, Lutero afirmou a sua “teologia da cruz”.¹¹⁰

Kolb destaca que Lutero examinou a natureza e a prática da teologia nas teses apresentadas em Heidelberg baseando-se no que ele vinha propondo em 1516 e 1517 com as proposições sobre a liberdade da vontade e a teologia escolástica.¹¹¹ Assim podemos ler na tese 21: “O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são”.¹¹² Este aspecto seria fundamental para o desenvolvimento teológico de Lutero, pois o teólogo da glória (*theologus gloriae*) confere um alto grau a capacidade racional humana e nela confia, enquanto que o teólogo da cruz (*theologus crucis*) fala a partir da cruz, pois ali está todo o seu conhecimento, glória e consolo.¹¹³

Gerhard Ebeling lembra que “esses termos *theologia*, respectivamente *theologus crucis* e *gloriae*, Lutero criou no ano de 1518, na discussão da indulgência e neles ele expressou com precisão sua compreensão de teologia”.¹¹⁴ Estes dois conceitos que se tornaram famosos foram usados algumas vezes por Lutero em 1518: neles Lutero queria afirmar contra os seus oponentes daquela época que a maneira adequada de abordar a teologia estava na cruz e no sofrimento de Cristo, não nas obras e nas realizações.¹¹⁵ Sobre estas teses Kolb afirma que,

As quarenta teses que seu aluno e irmão agostiniano Leonhard Beyer, que o acompanhou de Wittenberg a Heidelberg, apresentou e que o próprio Lutero defendeu, expuseram ideias centrais e implicações procedentes delas que Lutero havia proposto nas teses sobre teologia escolástica em setembro de 1517. Lutero havia de fato capturado a frustração de muitos da guilda de teólogos, particularmente entre os mais jovens que ainda estavam estudando. Entre aqueles que o ouviram em Heidelberg e que se tornaram seus seguidores como resultado estavam os futuros reformadores Johannes

¹⁰⁹ DREHER, 2014, p. 106.

¹¹⁰ LOHSE, Bernhard. **Martin Luther**: an introduction to his life and work. Philadelphia: Fortress Press, 1986, p. 46.

¹¹¹ KOLB, 2017, p. 18.

¹¹² Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 50.

¹¹³ LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury, 2021, p. 288.

¹¹⁴ EBELING, 1988, p.180.

¹¹⁵ BRECHT, 1985, p. 233.

Brenz, Martin Bucer, Theobald Billikan e talvez Erhard Schnepf.¹¹⁶ (tradução nossa).

No entanto, as teses de Heidelberg tiveram um impacto direto muito menor no século XVI do que as 95 Teses sobre as indulgências e do que o desenvolvimento posterior de Lutero em seus seis tratados programáticos de 1520-1522.¹¹⁷ Mesmo assim, o Debate de Heidelberg teve um impacto significativo na trajetória teológica de Lutero, influenciando diretamente o desenvolvimento de sua teologia da cruz.

3.2.2 Análise das teses e posicionamentos

As discussões e reflexões desse Debate contribuíram para a consolidação de aspectos fundamentais do pensamento luterano, deixando um legado duradouro na história da teologia cristã. Martin Brecht destaca que as teses teológicas formavam uma unidade meticulosamente organizada. Suas definições, apesar de agudamente contraditórias, foram brilhantemente formuladas e ultrapassaram os limites de um Debate clássico sobre pecado e graça, tornando-se uma declaração e proclamação existencial.¹¹⁸

Visando uma melhor compreensão, Brecht¹¹⁹ divide as teses em três grupos, sendo que o primeiro grupo abrange as teses de 1 a 12. Nessas primeiras doze teses, Lutero faz o contraste entre as obras humanas e as obras de Deus. Ele argumenta que a lei não pode levar uma pessoa à justiça, mas sim impedi-la, revelando o pecado e causando a morte. Dada essa incapacidade da lei, as obras realizadas pelos poderes naturais de uma pessoa também não podem alcançar a justiça. Em contraste, Lutero exalta as obras de Deus, que, apesar de parecerem fracas e humildes, são na verdade méritos imortais. Lutero descreve o modo de agir de Deus, que se esconde sob o seu oposto, destruindo primeiro para depois erguer, e os fiéis participam desse processo. As obras humanas, embora não sejam crimes, são perversas aos olhos de Deus. Em contrapartida, as obras que Deus realiza em nós são méritos, pois o pecado

¹¹⁶ *The forty theses which his student and Augustinian brother Leonhard Beyer, who had accompanied him from Wittenberg to Heidelberg, presented and which Luther himself defended, laid out central ideas and implications proceeding from them that Luther had proposed in the theses on scholastic theology in September 1517. Luther had indeed caught the frustration of many of the guild of theologians, particularly among the younger who were still studying. Among those who heard him in Heidelberg and who became his followers as a result were the future reformers Johannes Brenz, Martin Bucer, Theobald Billikan, and perhaps Erhard Schnepf.* KOLB, 2017, p. 20.

¹¹⁷ KOLB, 2017, p. 18.

¹¹⁸ BRECHT, 1985, p. 231.

¹¹⁹ BRECHT, 1985, p. 231-233.

não as afeta. Mesmo as obras dos crentes são imperfeitas e, no temor a Deus, são consideradas obras mortas, especialmente aquelas feitas com autoconfiança e sem temor de Deus. Lutero, assim, nega a possibilidade de realização humana em relação à salvação, indicando que a única esperança é a aceitação de Deus, que muitas vezes é oculta, através da entrega total de si mesmo.¹²⁰

No segundo grupo de teses (13-18), Brecht destaca que Lutero intensifica a análise dos fundamentos antropológicos da atividade humana. Ele argumenta que, após a queda, o livre arbítrio é apenas um nome vazio e que, ao agir dentro de suas capacidades, o ser humano comete pecado mortal, tornando-se escravo do pecado. A ideia de que se deve "fazer o que está dentro de si" como uma mínima contribuição positiva para a salvação é descartada. Embora o livre arbítrio possa aparentemente se orientar para o bem, na realidade, sempre busca o mal. A crença de que alguém pode fazer o bem por conta própria é considerada um pecado adicional e uma falta de clareza sobre a situação real. Lutero não se opõe à ação por si só, mas insiste na necessidade de voltar-se para Cristo, reconhecer os próprios pecados e buscar a graça. A lei revela o pecado, o que leva à humildade, e é através dessa humildade que se alcança a graça. Lutero não quer desesperar as pessoas ao questionar sua capacidade de agir, mas sim motivá-las a buscar a graça com humildade, sendo esta a única esperança. Para receber a graça, a pessoa deve reconhecer a inutilidade de suas próprias capacidades. Este grupo de teses ainda se situa no âmbito da crítica e da teologia negativa de Lutero, destacando-se como a primeira manifestação clara de sua posição no grande debate sobre a liberdade da vontade.¹²¹

Brecht conclui com a terceira parte das teses (19-24), abordando a maneira como Deus age e como essa ação deve ser entendida. A partir de Lutero, ele argumenta que não se pode considerar alguém um teólogo se tentar interpretar as coisas invisíveis de Deus como se fossem evidentes nas coisas que acontecem no mundo. Em vez disso, um verdadeiro teólogo é aquele que compreende as coisas visíveis e mais dignas de Deus através do sofrimento e da cruz. Reconhecer o poder, a sabedoria, a justiça e a bondade de Deus não confere mérito ou sabedoria a ninguém; o que realmente se revela em Deus é a sua humanidade, fraqueza e insensatez. Devido ao abuso que os homens fizeram do reconhecimento de Deus em

¹²⁰ BRECHT, 1985, p. 231-232.

¹²¹ BRECHT, 1985, p. 232.

suas obras, Deus deseja ser conhecido através do sofrimento, rejeitando a ideia de que sua sabedoria é compreendida apenas nas coisas invisíveis. Ele se revela na humildade e na vergonha da cruz; procurar sua glória e majestade é fútil. A verdadeira teologia e o verdadeiro reconhecimento de Deus são encontrados no Cristo crucificado.

Em conclusão, Brecht constata que os teólogos da glória não compreendem o princípio da ação de Deus oculto sob a cruz e preferem as obras ao invés do sofrimento, a glória à cruz, a força à fraqueza e a sabedoria à loucura. Esses teólogos são inimigos da cruz de Cristo, pois consideram que o bem vindo da cruz é, na verdade, um mal. No entanto, Deus só pode ser verdadeiramente encontrado na cruz e no sofrimento. Os seguidores da cruz de Cristo veem a cruz como algo bom e as obras como más; eles renunciam ao pecado. A sabedoria que tenta compreender a invisibilidade de Deus através de suas obras apenas infla, cega e endurece a pessoa, pois utiliza critérios errôneos, carecendo daqueles corretos que vêm da loucura da cruz. A lei, ao criar ira, matar, ferir, acusar, julgar e condenar tudo o que não está em Cristo, ou seja, todas as obras, não é, por si só, algo maléfico. Ela só se torna nociva quando é interpretada sem a perspectiva da cruz. A função condenatória e mortal da lei, que faz a morte parecer iminente, é um pré-requisito para o renascimento.¹²²

Martin Dreher, assim como Brecht, propõe divisões distintas do mesmo conjunto de teses. Ambas seguem uma estrutura em três partes, mas cada uma organiza as teses de maneira diferente, ressaltando aspectos variados da abordagem teológica.

Dreher ressalta que, nessas teses, Lutero estabelece uma distinção entre a postura prática do ser humano e o conhecimento teológico. Na primeira parte de suas teses (1-18), Lutero argumenta que o ser humano não tem o direito de se basear em suas realizações éticas para alcançar justiça. Nem mesmo a lei divina é capaz de tornar uma pessoa justa. Isso se aplica a todas as obras, pois mesmo as melhores ações humanas são consideradas pecado diante de Deus, ainda que não sejam vistas como crimes do ponto de vista humano. Na segunda parte de suas teses (19-22), Dreher destaca que Lutero afirma que o verdadeiro conhecimento teológico só é alcançado através da humildade. A teologia da glória busca reconhecer Deus através

¹²² BRECHT, 1985, p. 233.

de suas obras na criação. No entanto, a verdadeira teologia não reconhece Deus em seu poder, mas no sofrimento e na fraqueza, especificamente no Cristo crucificado. Na terceira parte de suas teses (23-28), Lutero esclarece que, embora a lei provoque a ira de Deus, ela não é má em si mesma. O que a torna má é o abuso cometido pelo ser humano. Além disso, a fé em Cristo gera a verdadeira justiça das obras. A lei aponta para um futuro sem esperanças, enquanto a fé vive do que já foi realizado em Cristo. Dessa forma, nossas obras deixam de ser nossas, passando a ser obras de Cristo em nós e através de nós.¹²³

Marc Lienhard faz um breve comentário das teses de Heidelberg afirmando que Lutero começou por colocar em dúvida que a lei de Deus pudesse levar o ser humano à justiça; antes o impede (tese 1). As teses 2 a 11 retomam a trajetória das teses contra a teologia escolástica e negam o valor religioso meritório das obras dos seres humanos. As teses 13 a 16 negam toda possibilidade de o livre arbítrio contribuir para a salvação. As teses 17 e 18 constituem um primeiro balanço: o ser humano não pode chegar à graça sem ter passado pelo conhecimento do pecado, revelado pela lei. No entanto, para Lienhard, a parte mais original de Lutero são as teses 19 a 24. Estas contrapõem duas maneiras de fazer teologia.¹²⁴

Na mesma linha de pensamento de Brecht, Dreher e Lienhard, Walther von Loewenich destaca que as sentenças decisivas estão nas teses 19 e 20, pois ambas tratam do conhecimento de Deus.¹²⁵ Nelas, Lutero afirma:

[Tese 19] Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas; [Tese 20] mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz.¹²⁶

De igual modo, Alister E. McGrath também entende que as teses 19 e 20 são as mais importantes referências à *teologia crucis* apontando para o único *locus* autêntico do conhecimento humano de Deus: a cruz de Cristo. Na cruz de Cristo Deus se revela, mas paradoxalmente se oculta.¹²⁷

Para Dreher, estas teses refletem e reproduzem a teologia da cruz de Lutero, que é uma extensão da doutrina da justificação: Cristo salva o pecador, não o justo.

¹²³ DREHER, 2014, p. 106-107.

¹²⁴ LIENHARD, 1998, p. 54-55.

¹²⁵ LOEWENICH, Walther von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 15.

¹²⁶ Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 49.

¹²⁷ MCGRATH, 2014, p. 202.

Assim, Deus pode ser encontrado apenas na cruz de seu Filho. Somente a teologia da cruz percebe a realidade e descreve as coisas como realmente são.¹²⁸ O próprio Lutero faz o seguinte comentário sobre estas duas teses:

As coisas posteriores e visíveis de Deus são opostas às invisíveis, ou seja, humanidade, debilidade, tolice, ao feitio de 1 Co 1.25, que fala da debilidade e tolice de Deus. Porque os seres humanos abusaram do conhecimento de Deus a partir das obras, Deus, por sua vez, quis ser reconhecido a partir dos sofrimentos e quis reprová-los aquela sabedoria das coisas invisíveis através da sabedoria das coisas visíveis, para que, desta forma, aqueles que não adoraram ao Deus manifesto em suas obras adorassem ao Deus oculto nos sofrimentos, como diz 1 Co 1.21: "Como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela tolice da pregação." Assim, não basta nem adianta a ninguém conhecer a Deus em glória e majestade se não o conhece também na humildade e na ignomínia da cruz. Desta maneira ele destrói a sabedoria dos sábios, etc., conforme diz Isaías: "Verdadeiramente tu és Deus abscondido." [Is 45.15.] Assim, em Jo 14.9, ao dizer Felipe no feitio da teologia da glória: "Mostra-nos o Pai", Cristo incontinenti recolheu e reconduziu para si mesmo o pensamento volátil de quem procura Deus em outra parte, dizendo: "Felipe, quem vê a mim, vê também meu Pai." Portanto, no Cristo crucificado é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus. Também Jo 10.9: "Ninguém vem ao Pai senão por mim." "Eu sou a porta", etc.¹²⁹

Ronald F. Thiemann aproxima e une a tese 21 (O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são) como uma complementação desta reflexão das teses 19 e 20. Segundo ele, "essas três teses descrevem um conjunto de práticas teológicas que caracterizam a obra da pessoa cuja vida foi moldada pela graça salvadora de Deus em Cristo".¹³⁰ Heino O. Kadai, por sua vez, prefere agrupar as teses 18-21 como sendo o bloco mais relevante e base para uma série de percepções teológicas emergentes com destaque para o paradoxo do conhecimento de Deus e a revelação radical da realidade.¹³¹

Mesmo reconhecendo que a criação fala linguagem imponente e que o caminho primário seria o de buscar os "vestígios deixados por Deus na criação", pelo qual as coisas invisíveis de Deus transparecem, para Lutero este caminho de cognição não proporciona sabedoria tonando-se imprestável na prática.¹³²

¹²⁸ Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 37.

¹²⁹ Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 49-50.

¹³⁰ THIEMANN, 2013, p. 258.

¹³¹ KADAI, Heino O. Luther's Theology of the Cross. *Concordia Theological Quarterly*, v. 63, n. 3, p. 169-204, July, 1999, p. 179.

¹³² LOEWENICH, 1988, p. 15-16.

Ebeling considera que “tal conhecimento de Deus pela razão é a teologia mística e especulativa do neoplatonismo” e que o “conhecimento de Deus pela razão é exatamente ateísmo”.¹³³

Em resumo, Kolb destaca que nas teses de Heidelberg, Lutero apresentou três temas fundamentais: Deus, a criatura humana e o sofrimento cristão, que ele denominou de sua "teologia da cruz". Seu tratamento da cruz de Cristo como instrumento de salvação do pecado e do fardo dos cristãos no serviço ao próximo, ao qual Deus os chama, foi desenvolvido em outros contextos.¹³⁴

Primeiro, Lutero descreveu uma verdade fundamental sobre Deus que descobriu em seu estudo das Escrituras: o Criador é tão grandioso que a imaginação humana nunca pode presumir ser capaz de descrevê-lo plenamente. Em segundo lugar, nas Teses de Heidelberg, Lutero afirma que a criatura humana existe em total relação com o Criador. Ele não definiu o ser humano de outra forma que não fosse centrando a vida no "temor, amor e confiança em Deus acima de tudo", uma confiança da qual Deus deseja que todas as ações humanas se originem. A dependência e confiança em Deus, baseadas na promessa de perdão e nova vida em Cristo, substituíram a ideia de controle humano sobre a própria vida e o mundo, como proposto no sistema de Aristóteles, que não incluía um deus pessoal em quem confiar.¹³⁵

Terceiro, essa teologia da cruz explica como Deus resgatou a humanidade de sua pecaminosidade por meio da morte expiatória de Cristo na cruz. A morte de Cristo representa a morte das identidades pecaminosas daqueles que confiam nele, preparando-os para a ressurreição, conforme mencionado por Paulo em 1 Coríntios 15,¹³⁶ que coloca os crentes no caminho da nova vida seguindo os passos de Cristo.¹³⁷

Quarto, o modo de operar de Deus, demonstrado na cruz, ajuda os crentes a entenderem grande parte de sua experiência como cristãos. Assim como seu Senhor, eles enfrentam os ataques de Satanás e seus asseclas de várias formas, o que explica por que aqueles escolhidos por Deus enfrentam a hostilidade e perseguição do mundo ao seu redor. Isso não transforma o sofrimento em algo bom por si só, mas reconhece

¹³³ EBELING, 1988, p. 183-184.

¹³⁴ KOLB, 2017, p. 21.

¹³⁵ KOLB, 2017, p. 23.

¹³⁶ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

¹³⁷ KOLB, 2017, p. 23.

que Deus opera sob a aparência de opostos para cumprir sua vontade em um mundo pecaminoso através do sofrimento.¹³⁸

Quinto, Lutero ocasionalmente mencionava o chamado do cristão para servir aos outros como a causa do peso de uma cruz que acompanha o sofrimento e as necessidades alheias. Em um mundo repleto de diversos males, outros sofrem, e os crentes se juntam a eles em seu sofrimento para oferecer conforto e ajuda, pois Deus os chamou a amar o próximo de maneiras concretas. Embora essa aplicação da cruz seja menos frequente nos escritos de Lutero, ela se ajusta à sua compreensão de como Deus supera o mal através daquilo que a razão considera como mal. Lutero vê esse sofrimento como o ato de Deus transformando o negativo em algo benéfico para seu povo.¹³⁹

3.3 A TEOLOGIA DA CRUZ COMO CRITÉRIO HERMENÊUTICO E COGNITIVO

A teologia da cruz de Lutero é o caminho para aqueles que buscam uma aproximação e cognição de Deus. Dreher afirma que “Lutero assumiu a *theologia crucis* de Paulo. O apóstolo dos gentios obtivera, a partir da cruz de Jesus, uma compreensão totalmente nova a respeito de Deus.¹⁴⁰ Da mesma forma, “à medida que Lutero reconheceu a plena doçura do amor de Deus na cruz, percebeu que a cruz também tinha uma dimensão epistemológica.”¹⁴¹

Para tanto, a partir do Debate de Heidelberg e seguindo a interpretação de Walther von Loewenich, trataremos a teologia da cruz não apenas como um tema teológico ou um aspecto da teologia, mas sim a forma determinante de fazer teologia. A questão é que a cruz de Cristo não é importante apenas para a busca da redenção e da certeza da salvação, mas é o centro de toda perspectiva teológica. Desta forma, assumimos que a teologia da cruz é o princípio fundamental de toda a teologia de Lutero e não pode ser restrita a um período específico de sua teologia. Assim como no caso de Paulo, essa abordagem é característica de todo o seu pensamento teológico. Segundo Lutero, a cruz não é apenas um tema da teologia, mas sim a essência de toda teologia. Ela não está presente apenas na doutrina da satisfação

¹³⁸ KOLB, 2017, p. 23-24.

¹³⁹ KOLB, 2017, p. 24.

¹⁴⁰ DREHER, Martin N. Lutero, teólogo para a universidade. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). **Lutero**, o teólogo. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. p. 13-37, p. 22.

¹⁴¹ KADAI, 1999, p. 177.

vicária, mas é um elemento fundamental em todo o conhecimento cristão.¹⁴² Por isso, “a *theologia crucis* não é um tema parcial ou um tipo especial de teologia, mas aquilo que é o critério e o lugar de verdadeira teologia.”¹⁴³ Nas palavras de Thiemann,

A *theologia crucis* é, com base nessa interpretação, um conjunto complexo de práticas intelectuais e espirituais projetadas para moldar a mente, o caráter e a fé do teólogo. A *theologia crucis*, convida a teólogo a uma forma de vida evangélica que moldará e remoldará continuamente a orientação da pessoa crente para com o pensamento e a prática cristãos. A *theologia crucis* reafirma a convicção de Lutero de que “o que faz um teólogo é viver, ou melhor, viver e ser condenado, e não entender, ler ou especular”.¹⁴⁴

McGrath observa que Lutero utiliza a teologia da cruz como uma maneira de enxergar o mundo. Essa abordagem funciona como uma hermenêutica que molda a vivência cristã, reconhecendo as ambiguidades da fé. Contudo, essa teologia se opõe ao conhecimento de Deus alcançado por especulação intelectual ou pelo uso da razão, que são inadequados para entender o divino. Isso porque a teologia da cruz prioriza a vivência, do contrário, a cruz seria esvaziada e traduzida apenas em ideias abstratas.¹⁴⁵

Loewenich apresenta a teologia da cruz de Lutero em Heidelberg como um programa teológico traçando cinco momentos considerados fundamentais e McGrath também destaca estes cinco temas da teologia da cruz Lutero:

Quadro 01 - Os cinco momentos no Debate de Heidelberg na visão de Loewenich e McGrath.

Loewenich	McGrath
1. Teologia da cruz na qualidade de teologia de revelação está em rigorosa oposição à especulação;	1. A <i>theologia crucis</i> é uma teologia da revelação que se contrapõe nitidamente à especulação;
2. Revelação de Deus é revelação indireta, velada;	2. Essa revelação de Deus deve ser compreendida como indireta e oculta;
3. Revelação de Deus por isso não é reconhecida nas “obras”, mas nos “sofrimentos”, onde se deve observar o duplo sentido desses termos;	3. A autorrevelação de Deus deve ser buscada primeiramente nos sofrimentos e na cruz de Cristo, não na atividade moral humana ou nas estruturas da ordem criada;
4. Este conhecimento de Deus que está velado em sua revelação, é assunto de fé;	4. O conhecimento desse Deus oculto em sua revelação é, portanto, uma questão de fé;

¹⁴² LOEWENICH, 1988, p. 14.

¹⁴³ EBELING, 1988, p. 180.

¹⁴⁴ THIEMANN, 2013, p. 257.

¹⁴⁵ MCGRATH, 2014, p. 13-14.

5. A natureza do conhecimento de Deus reflete-se na ideia prática de sofrimento da teologia da cruz.	5. Deus é conhecido principalmente pelo sofrimento.
--	---

Fonte: Criação própria (2024), baseado em LOEWENICH, 1988, p. 19 e MCGRATH, 2014, p. 210-213.

No quadro acima é possível observar que há uma repetição de temas entre os autores. No primeiro tema a revelação está colocada como prioridade. Por outro lado, a especulação filosófica a respeito de Deus compromete a teologia. Uma teologia autêntica deve reconhecer plenamente que é uma teologia da revelação. Podemos falar sobre Deus porque Ele se revelou a nós. Sabemos onde olhar porque Deus se mostrou.¹⁴⁶ Deus escolheu se autorrevelar de maneira observável, em um determinado lugar e tempo. A missão dos teólogos cristãos é “se ocupar com as peculiaridades dessa autorrevelação, e não construir noções predeterminadas de Deus que, por fim, terão que ser destruídas, já que representam obstáculos que impedem o conhecimento de Deus”.¹⁴⁷

A revelação continua presente no tema dois. Para McGrath, este é um dos aspectos mais difíceis da *theologia crucis*. Mesmo assim, ele entende que a chave para a compreensão deste paradoxo de uma revelação pelo ocultamento é oferecida pelo próprio Lutero quando menciona Êxodo 33.23¹⁴⁸ na tese 20. Da mesma maneira, Deus se revela e está oculto na cruz. Mesmo que a cruz seja de certa forma visível, o seu “significado mais profundo está coberto e escondido, em parte por conta das concepções humanas sobre a maneira e a natureza da autorrevelação divina, que impedem que esse evento seja visto como revelador.”¹⁴⁹ Isso ocorre porque, como esclarece Loewenich: “esta revelação naturalmente é revelação indireta; tal qual Moisés, o homem de Deus, vemos apenas por detrás. Intuição direta, contemplação da face de Deus não nos são dadas.”¹⁵⁰

Por isso, Lutero, em sua interpretação do Êxodo (33.18ss),¹⁵¹ sugere que só é possível conhecer “as costas de Deus” (*posteriora Dei*), uma vez que a condição humana, limitada, não permite ver a face de Deus diretamente. Até mesmo Moisés viu apenas “as costas” de Deus. Assim, o conhecimento de Deus é acessível apenas na

¹⁴⁶ LOEWENICH, 1988, p. 16.

¹⁴⁷ MCGRATH, 2014, p. 210.

¹⁴⁸ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

¹⁴⁹ MCGRATH, 2014, p. 211.

¹⁵⁰ LOEWENICH, 1988, p. 16.

¹⁵¹ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

medida em que ele se revela dessa forma. Lutero não especula sobre um conhecimento “pela frente” (*anteriora Dei*), pois, como Deus não se revelou dessa maneira, não cabe ao ser humano buscar compreender o que está além do que foi revelado.¹⁵² Wilhelm Wachholz esclarece e enfatiza que

As “costas de Deus” e a “frente de Deus” são relacionadas com o Deus revelado e abscondito. Se perguntarmos “pelas costas de Deus”, ou seja, por Jesus Cristo, encontraremos consolo, amparo em meio à finitude humana. Caso enveredarmos pelo caminho através das perguntas especulativas sobre o rosto de Deus, somente teremos desespero, pois jamais teremos respostas absolutas do Deus absoluto, totalmente Outro e infinito. Por isso o conhecimento de Deus começa na manjedoura.¹⁵³

Dando sequência na temática da revelação, o tema três é direcionado para como reconhecer e buscar tal revelação. Loewenich, lembra que o termo obras é ambíguo, pois podem ser obras de Deus na criação ou as obras morais como desempenho da pessoa. “Tanto o moralista como o racionalista esperam encontrar Deus por meio da reflexão inteligente sobre a natureza do senso moral humano ou sobre os padrões da ordem criada.”¹⁵⁴ No entanto, para Lutero ambas estão na mesma categoria de rejeição quando o assunto é revelação e cognição divina combatendo tanto o moralismo como o racionalismo.

Esta ambiguidade também pode ser encontrada nos termos “cruz” e “sofrimento”. Ambos os termos são atribuídos a Cristo primeiramente sem descartar seus usos para o cristão. Lutero vê que a cruz de Cristo não é apenas evento histórico, mas na cruz de Cristo “evidencia-se a “situação reinante entre Deus e a pessoa. Se eu quiser que essa evidência realmente tenha validade, terei de afirmá-la com toda a minha existência: isto é, à cruz de Cristo corresponde a cruz do cristão”.¹⁵⁵ Para reconhecer a revelação de Deus é necessário que a fé esteja presente. Assim, o tema quatro inclui a fé na teologia da cruz, pois “não há conhecimento direto de Deus porque a própria revelação de Deus é revelação indireta”¹⁵⁶ e “apenas a fé reconhece a revelação velada das *posteriora Dei* como revelação *de Deus*”.¹⁵⁷

¹⁵² WACHHOLZ, 2010, p. 210.

¹⁵³ WACHHOLZ, 2010, p. 210.

¹⁵⁴ MCGRATH, 2014, p. 212.

¹⁵⁵ LOEWENICH, 1988, p. 16-17.

¹⁵⁶ LOEWENICH, 1988, p. 18.

¹⁵⁷ MCGRATH, 2014, p. 212.

O quinto e último tema aborda o sofrimento com um significado especial. Para McGrath, este tema ainda é reflexo da tradição agostiniana da ênfase numa interação “imaginativa e empática” com o sofrimento de Cristo. No entanto,

Há uma verdade espiritual muito mais profunda envolvida aqui: uma alegação fundamental da *teologia crucis* não é apenas que Deus é conhecido *através* do sofrimento (seja o de Cristo ou do indivíduo), mas que Deus *decidiu* se revelar através do sofrimento. Para Lutero, Deus se envolve ativa, não passivamente, nessa questão, pois o sofrimento e a tentação são considerados meios pelos quais Deus derruba os obstáculos do orgulho e da ignorância que impedem as pessoas de discernir a presença e o propósito divinos.¹⁵⁸

Na mesma direção de McGrath, Loewenich lembra que “à intuição de Deus a partir das obras da criação contrapõe-se aquela que surge da cruz de Cristo, ao passo que à santidade por obras se opõe a idéia [sic] de sofrimento.”¹⁵⁹ Isso acontece porque a cruz e os sofrimentos de Cristo destroem toda a possibilidade de salvação pelas obras reduzindo a pessoa a nada. Nas palavras de Lutero:

[...] quem ainda não foi destruído, reduzido a nada pela cruz e pelo sofrimento, atribui as obras e a sabedoria a si mesmo e não a Deus; desta forma abusa das dádivas de Deus e as macula. Todavia, quem foi exinanido pelos sofrimentos já não opera mesmo, mas sabe que é Deus quem nele opera e tudo realiza. Por isso, se Deus opera ou não, para ele é a mesma coisa: não se gloria caso Deus opere nele nem é confundido caso Deus não o faça. Ele sabe que lhe basta se sofre e é destruído pela cruz, para que seja, mais ainda, reduzido a nada. É isto que Cristo diz em Jo 3.7: “Importa que nasçais de novo.” Para renascer, é necessário primeiro morrer e ser exaltado com o Filho do homem; digo morrer, isto é, sentir a presença da morte.¹⁶⁰

Estes são os cinco temas abordados por Loewenich e McGrath que destacam os aspectos principais da *teologia crucis*. A partir deste enfoque, pode-se dizer que temos contribuições para a prática do aconselhamento pastoral tendo a teologia da cruz como critério hermenêutico.

Loewenich fez uma análise em sua tese que pode ser útil na compreensão da *teologia crucis*. Após falar na Parte I sobre o Programa da Teologia da Cruz no Debate de Heidelberg, ele fez o seguinte desdobramento das partes seguintes: A doutrina de Lutero a respeito do Deus abscondido (Parte II - Capítulo I); A doutrina de Lutero a respeito da fé (Parte II - Capítulo II), A Vida sob a Cruz (Parte III) e Teologia da Cruz e Mística (Parte IV). Para a finalidade desta dissertação, abordaremos apenas

¹⁵⁸ MCGRATH, 2014, p. 213.

¹⁵⁹ LOEWENICH, 1988, p. 18.

¹⁶⁰ Obras Seleccionadas 1, 1987, p. 52.

os seguintes temas: 1. A doutrina de Lutero a respeito do Deus abscondito; 2. A doutrina de Lutero a respeito da fé e a 3. A vida sob a Cruz.

A decisão de focar especificamente nos temas da doutrina de Lutero sobre o Deus *absconditus*, a doutrina da fé e a vida sob a cruz na dissertação é fundamentada pela importância que esses conceitos possuem para a prática do aconselhamento pastoral. Cada um desses tópicos traz implicações significativas e práticas que podem aprofundar a compreensão do sofrimento humano e proporcionar orientação e consolo àqueles que buscam apoio pastoral. Assim, a seleção desses temas para a dissertação tem como objetivo explorar aspectos essenciais da teologia da cruz de Lutero que são diretamente relevantes para o aconselhamento pastoral, oferecendo valiosos *insights* e uma base sólida para uma orientação cuidadosa e compassiva às pessoas que enfrentam adversidades em suas vidas.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do Debate de Heidelberg como critério e ponto de referência para a teologia da cruz, torna-se evidente a profundidade e a relevância dessas discussões para a compreensão da mensagem evangélica e sua aplicação prática no aconselhamento pastoral tendo a teologia da cruz como critério hermenêutico diante do sofrimento humano. Através dos ensinamentos de Lutero sobre Deus oculto, a fé e a vida sob a cruz, somos levados a refletir sobre como esses conceitos fundamentais podem orientar nossa visão teológica e prática de aconselhamento. Reconhecendo a teologia da cruz como critério e lugar central da teologia, somos convidados a aprofundar nossa compreensão da mensagem redentora de Cristo, buscando não apenas conhecimento teórico, mas também transformação espiritual e prática em nossa vivência.

4 A TEOLOGIA DA CRUZ – ASPECTOS PRINCIPAIS

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo oferece uma imersão na essência da mensagem teológica de Martinho Lutero, com foco na centralidade da cruz de Cristo. Exploraremos os principais elementos da teologia da cruz, abordando a concepção de Deus *absconditus*, a importância da fé e a experiência de viver sob a cruz. Ao nos aprofundarmos nesses temas essenciais, somos convidados a explorar as profundezas da fé cristã e a compreender o impacto contínuo da mensagem da cruz em nossa teologia com vistas ao aconselhamento pastoral tendo a teologia da cruz como critério hermenêutico.

Robert Kolb lembra que os seguidores de Lutero no século XVI raramente se referiam à sua teologia como uma teologia da cruz e só adotaram essa nova perspectiva para tratar de questões teológicas de forma limitada. Na visão de Kolb, eles careciam das ferramentas intelectuais necessárias para analisar os pressupostos e as estruturas conceituais. Influenciados por Melanchthon, eles foram ensinados a organizar ideias por tópicos (*loci communes*) e assumiram que todas as pessoas racionais compartilhariam naturalmente sua abordagem ao material. Eles acreditavam que a estrutura lógica e teológica interna de seu pensamento seria evidente para todos.¹⁶¹

No entanto, como a *theologia crucis* pode ser vista como algo que abarca a essência do pensamento de Lutero,¹⁶² convém analisarmos suas características principais com o intuito de encontrarmos elementos úteis para a prática do aconselhamento pastoral.

4.2 DEUS ABSCONDITUS E DEUS REVELATUS

A doutrina de Deus oculto (Deus *absconditus*) é um tema complexo, mas fundamental na teologia da cruz, especialmente no contexto do Debate de

¹⁶¹ KOLB, Robert. **Luther on the Theology of the Cross**. In: WENGERT, Timothy J. (Ed.). *The Pastoral Luther*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009, p. 34.

¹⁶² MCGRATH, 2014, p. 228.

Heidelberg.¹⁶³ Para Lutero, a cruz é o único lugar onde Deus se revela e, ao mesmo tempo, se esconde. Essa revelação paradoxal desafia a percepção humana, exigindo fé para compreender a presença de Deus em meio ao sofrimento.¹⁶⁴ A cruz, portanto, representa tanto a revelação quanto o ocultamento divino, onde Deus se revela “pelas costas”, em uma revelação indireta, mas verdadeira.

Devido a isso, na cruz, inicialmente, não se pode enxergar a presença de Deus. No máximo, a cruz nos sugere que Deus está oculto. Como diz Dreher, na melhor das hipóteses, ela nos faz questionar: Onde estás, Deus? Como diz a passagem de Isaías, citada por Lutero: “*Vere absconditus tu es Deus*” (Is 45.15). “Mesmo oculto, Deus quer ser conhecido.”¹⁶⁵ É por isso que o teólogo da cruz fala sobre o Deus crucificado e oculto. “Essa seria então a caracterização de Deus como *Deus theologicus*: ele é o *Deus crucifixus* e *absconditus*.”¹⁶⁶ Oswald Bayer esclarece o pensamento de Lutero quando diz,

Em sua teologia reformatória, Lutero diferencia estritamente essa abscondidade *friamente distanciada* de Deus daquela abscondidade na qual Deus está *salvificamente presente* na fraqueza do sofrimento e da morte de seu Filho e nos é “pregado, revelado, oferecido” na palavra da cruz, de modo que possamos ouvi-lo, compreendê-lo e captá-lo como o Deus crucificado e que se tornou humano. Ela diferencia-se mais precisamente também da abscondidade *terrivelmente assoladora* de Deus, pela qual ele exerce sua ira incompreensível, na qual não posso mais ouvi-lo, ao menos não posso mais “entendê-lo”, mas só o “escuto” como terror e o experimento como opressivo, terrível, temível. Essa ocorrência nem mesmo pode ser pensada e expressa de modo adequado. Por isso, *deus absconditus* (Deus oculto) não é algo como um nome de Deus entre outros, jamais o nome próprio de Deus, mas um conceito-problema e um conceito-limite.¹⁶⁷

McGrath explica que Lutero vê o Deus *absconditus* de duas formas: como o Deus oculto na revelação e como o Deus que se esconde atrás dela. Na primeira perspectiva, a fé percebe a presença de Deus onde a razão só vê ocultação. Na segunda, reconhece que há aspectos de Deus que permanecem sempre ocultos. A cruz de Cristo simboliza essa contradição, onde o sofrimento revela o amor divino em uma manifestação paradoxal de fraqueza e poder.¹⁶⁸

¹⁶³ LOEWENICH, 1988, p. 22.

¹⁶⁴ MCGRATH, 2014, p. 202.

¹⁶⁵ DREHER, 2004, p. 25.

¹⁶⁶ EBELING, 1988, p. 181.

¹⁶⁷ BAYER, 2007, p. 142.

¹⁶⁸ MCGRATH, 2014, p. 219-220.

Aqui faz-se necessário uma ressalva destacada por Ebeling, o qual enfatiza que Lutero busca seu apoio exegético em 1Co 1.18ss¹⁶⁹ onde o apóstolo Paulo aborda um discurso sobre o Cristo crucificado no qual estaria a sabedoria de Deus oculta. Lutero também se apoia em Romanos 1.20¹⁷⁰ para indicar que a tentativa de conhecer a essência de Deus pelas obras da criação mediante o uso da razão está oposta a *theologia crucis*. Neste caminho, no qual se progride do visível para o invisível só se conhece o *Deus gloriosus* nas suas qualidades metafísicas.

Para Lutero, a “invisibilidade desse glorioso Deus, a qual eleva para esfera puramente espiritual, não deve ser confundida com a ocultação do Deus vergonhosamente crucificado, que se aventurou à visibilidade, à carne, à história, ao sofrimento. Por isso, o conhecimento de Deus na cruz está sob o signo da contradição sendo a “verdadeira chave para o autêntico conhecimento de Deus e do ser humano”.¹⁷¹

“Mas esse mesmo Deus revelado e proclamado é, como diz a *theologia crucis*, o Deus oculto, encoberto sob o contrário. A compreensão da revelação como revelação sob o contrário caracteriza o pensamento teológico de Lutero já na primeira preleção sobre Salmos e se mantém até o fim.”¹⁷² Desta forma, conclui Ebeling:

Sob o signo dessa ocultação da revelação sob o contrário está tudo o que Lutero diz sobre palavra e fé, justificação e nova vida, Espírito Santo e Igreja. Mas é preciso precaver-se para não sucumbir ao impacto emocional de tais afirmações ou rebelar-se contra elas sem entender a verdadeira razão dessa maneira de falar, que de modo algum só admite tais formulações paradoxais e à qual não se faz justiça nenhuma através do êxtase do paradoxo.¹⁷³

Para Lohse, Lutero levou esta distinção muito longe e muitas das suas declarações chegam perto de uma divisão no conceito de Deus. Ao mesmo tempo, o próprio Lutero procura evitar um mal-entendido interpretando a distinção entre o Deus proclamado no evangelho e o Deus oculto como a distinção entre a Palavra de Deus e o próprio Deus. Finalmente, Lutero afirmou que, mesmo nos preocupando com a vontade oculta de Deus, devemos nos apegar à encarnação de Deus no Cristo crucificado (*Deus incarnatus*).¹⁷⁴

¹⁶⁹ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

¹⁷⁰ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

¹⁷¹ EBELING, 1988, p. 181-187

¹⁷² EBELING, 1988, p. 188.

¹⁷³ EBELING, 1988, p. 190.

¹⁷⁴ LOHSE, 1986, p. 65-67.

Para Lutero, o Deus abscondito e o Deus revelado são completamente idênticos. “O dualismo de roupagem mitológica, entre o Deus abscondito e o Deus revelado, não existe para a fé. Justamente diante do Deus revelado é que a fé sabe do Deus abscondito”.¹⁷⁵ Neste contexto, Vítor Westhelle ressalta que

[...] o que o Reformador afirmou nas teses 19-20 no Debate de Heidelberg é relevante: Deus não deve ser visto ou procurado atrás da criação, nem inferido dela, mas apenas reconhecido na criação e através dela. Mas esse “em e através” é enganador se não compreendermos que a criação “revela a ocultação, a ausência de Deus, nossa própria cegueira para a realidade divina”.¹⁷⁶

De acordo com Thiemann, o “Deus revelado é o Deus que está oculto (*absconditus*) na cruz de Cristo. Desse modo, a realidade de Deus se revela justamente em seu ocultamento, sob a forma de seu oposto (*abscondita sub contrariis*)”.¹⁷⁷

Segundo Loewenich, a teologia da cruz está relacionada com a cognição indireta de Deus porque o Deus abscondito só pode ser conhecido em essência e obra apenas “sob aspecto contrário”. No entanto, Deus é abscondito em função da sua revelação, considerando que revelação pressupõe ocultamento. Assim, a abscondicidade deveria ser considerada como obra alheia que só é realizada por causa da obra própria. A partir disso, conclui-se que o Deus abscondito é o Deus crucificado, pois o local próprio do ocultamento de Deus é a cruz de Cristo visto que ali (na cruz) o ocultamento divino se dá em função da revelação. Assim, este conceito precisa ser compreendido estritamente no sentido cristológico excluindo a especulação. “Deus, portanto, se tornou visível ao ocultar-se, e somente neste ocultamento é que ele se torna visível”. De modo semelhante, as obras de Deus mostram o mesmo caráter porque estão tão ocultas que somente aparecem sob aspecto contrário.¹⁷⁸

Westhelle, por sua vez, concebe o Deus *absconditus* como algo que pode ser observado não apenas na ira e no mal, mas nas coisas externas em geral, como na beleza e na bondade da natureza. No entanto, há uma predileção humana por encontrar evidências do divino apenas na beleza e rejeitar o mal como pedagogo. O

¹⁷⁵ LOEWENICH, 1988, p. 32.

¹⁷⁶ WESTHELLE, Vítor. **O Deus escandaloso**: o uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 110.

¹⁷⁷ THIEMANN, 2013, p. 259.

¹⁷⁸ LOEWENICH, 1988, p. 23-25.

problema é que a criação sugere uma epifania unívoca, uma manifestação direta de Deus, o que leva à idolatria por prender nosso olhar apenas na beleza nos cegando para o sofrimento e para o mal. Neste sentido, o *opus alienum* deveria ter a primazia epistemológica, pois “a ocultação de Deus só é realizada na ira de Deus através do *opus alienum*, porque através do mal, em especial, tornamo-nos conscientes de que o visível não revela Deus, certamente não como epifania”.¹⁷⁹

Para Martim Carlos Warth, essa revelação e epifania *sub contrario* é associada com os meios da graça, palavra, batismo e santa ceia. Como ele mesmo diz:

Tudo ainda não é aparente, mas é promessa certa e eficaz. A Santa Ceia é um dos meios da graça de Deus, junto com a Palavra do evangelho e o Santo Batismo, pelos quais o Nome de Deus é dado às pessoas humanas pela fé. Essa fé, aparentemente insignificante, é o dom transformador do Espírito Santo que estabelece a relação abençoada com o Nome de Deus. Outra vez Deus se esconde nos meios da graça para se revelar. É a lei da cruz pela qual Deus se manifesta no seu contrário: o Criador se manifesta na sua criatura.¹⁸⁰

Warth destaca que o evangelho veio a nós como pessoa humana, Jesus Cristo. Embora sendo *lahweh*, Jesus foi levado à cruz antes de ressuscitar e revelar a sua glória pela ascensão. No batismo, o que aparece é apenas água junto com a palavra na qual Deus se esconde para revelar-se. De forma semelhante, *lahweh* Jesus Cristo dá o seu corpo e sangue que ele esconde no pão e no vinho e aos que creem, concede perdão dos pecados e novo espírito para viver em amor e esperança aguardando a vida eterna.¹⁸¹ De forma semelhante, Wachholz destaca o *Sola Scriptura* de Lutero, afirmando que o Deus revelado é como um “Deus vestido” ou “de costas” para a humanidade, apresentando-se através da palavra. Na encarnação, Deus utiliza a linguagem humana para expressar sua palavra, revestindo-se assim de comunicação compreensível. É nesse ato de se “vestir” como palavra que Deus se torna acessível ao entendimento humano, possibilitando o conhecimento divino.¹⁸²

4.3 DEUS ABSCONDITUS E FÉ

Diante da ocultação divina, a fé torna-se essencial como forma de compreensão. Se Deus escolhe o caminho oculto da cruz para se revelar, como

¹⁷⁹ WESTHELLE, 2008, p. 110-111.

¹⁸⁰ WARTH, Carlos Martim. **A ética de cada dia**. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2002, p. 87.

¹⁸¹ WARTH, 2002, p. 86.

¹⁸² WACHHOLZ, 2010, p. 210.

podemos percebê-lo? Apenas pela fé, que reconhece o caminho da paixão. Na paixão, Deus é, afinal, *humanitas, infirmitas, stultitia*.¹⁸³ Assim, “o conhecimento [de Deus] somente pode se dar pela fé. A fé, por sua vez, é obra de Deus. Logo, tanto a fé quanto o conhecimento de Deus vêm dele mesmo.”¹⁸⁴ De acordo com Loewenich, o conceito de Lutero sobre o Deus abscondito tem sua origem no seu conceito de revelação e fé. Logo, se é o caso de que Deus se oculta “sob aparência contrária”, ele chegará à “sua obra própria” somente pela sua “obra alheia”. A questão do mistério é mantida num Deus livre que escapa a todo cálculo. Daí a necessidade da fé, pois não existe um caminho de cognição que parta de alguma qualidade humana em direção a Deus.¹⁸⁵ Thiemann entende que

O Deus que se revela mediante o ocultamento da cruz só pode ser conhecido através da fé. Como a verdadeira natureza de Deus sempre e somente se revela sob o oposto de Deus, a fé não pode se fiar nas evidências da razão, natureza ou experiência para obter certeza. Lutero gostava especialmente da definição de fé que se encontra na Epístola aos Hebreus (11.1): “A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”. Tal fé é, inevitavelmente, acossada pela dúvida e assaltada por incertezas (*Anfechtungen*). A própria fé é submetida ao crisol de sofrimento e morte à medida que o crente/teólogo procura seguir o Cristo sofredor e crucificado. Assim, a fé compartilha os sofrimentos do Crucificado à medida que a pessoa crente luta para seguir um discipulado fiel.¹⁸⁶

Para delimitar o conceito de fé, Loewenich faz uma abordagem sobre a relação entre fé e sindérese, intelecto e razão. Com respeito à sindérese, diz que Lutero descarta o conceito de sindérese como consciência moral por ser semipelagiana e pelo fato de que a teologia da cruz reduz a pessoa a nada.¹⁸⁷ Da mesma forma, devido ao pecado original, toda a capacidade do intelecto humano está enfraquecida e comprometida em seu uso. Lutero considera o filosofar apenas como possibilidade de especulação, mesmo que tenha a ver com coisas invisíveis. É evidente que a filosofia chega a conhecer as coisas invisíveis, mas apenas por inferências. Ao contrário, a teologia vê o invisível. É isto o que quer dizer a distinção entre “especular” e “contemplar”. Sobre a relação entre fé e razão, Loewenich lembra que Lutero veio da escola occamista (separação rigorosa entre fé e saber, fé e razão) e como tal deve ser localizado. Também se percebe que seu repúdio não é absoluto, pois Lutero usa a razão como raciocínio lógico e como fator cultural. No entanto, o combate está no

¹⁸³ DREHER, 2004, p. 25.

¹⁸⁴ WACHHOLZ, 2010, p. 209.

¹⁸⁵ LOEWENICH, 1988, p. 54.

¹⁸⁶ THIEMANN, 2013, p. 259.

¹⁸⁷ LOEWENICH, 1988, p. 46-53.

uso da razão na medida em que ela é transformada em princípio de cosmovisão. Portanto, a sua luta contra a razão não foi motivada pela reflexão filosófica, mas é o resultado de sua teologia.¹⁸⁸

Loewenich também aborda a fé em oposição à experiência ao mesmo tempo que faz uma conexão entre fé e esperança. Inicialmente, Lutero define a fé como algo oposto à experiência, enfatizando a necessidade de confiar nas promessas divinas em vez de se basear em percepções sensoriais ou empíricas. Lutero sempre tem em mente o texto de Hebreus 11.1 como sua definição de fé. Ele destaca que a fé deve focar no invisível, pois a invisibilidade é crucial para o objeto da fé, que está mais relacionada ao sofrimento do que às obras. Com o tempo, Lutero passa a valorizar mais o conteúdo da fé, destacando “confiar na promessa” como elemento central. Assim, Lutero sublinha a importância de separar a fé de qualquer experiência objetiva, o que dá à sua concepção de fé um caráter escatológico. Ele enfatiza que a fé é direcionada para o invisível e para o futuro, diferenciando-se do conhecimento, que está vinculado ao presente. A esperança, por outro lado, é apresentada como contrária à realidade circundante, sendo um elemento que se opõe a ela. Lutero destaca que a esperança não se refere à realidade presente, mas à certeza dos bens futuros, sugerindo uma posse antecipada desses bens.¹⁸⁹

4.4 A VIDA SOB A CRUZ

Loewenich destaca que a teologia da cruz de Lutero implica uma vida de sofrimento em união com Cristo. A compreensão teológica emerge não da contemplação, mas da experiência vivida sob a cruz. Assim, teologia e vida cristã se harmonizam, pois a verdadeira compreensão do evangelho envolve a aceitação do sofrimento junto com Cristo.¹⁹⁰ Nestes termos, a cruz tem mais a ver com uma experiência sofredora do que um pensar contemplativo, mais com o sofrimento do que com as obras. Assim, o teólogo da cruz é envolvido nesse acontecimento porque é na “teologia da cruz de Lutero que doutrina e vida harmonizam”.¹⁹¹

¹⁸⁸ LOEWENICH, 1988, p. 54-74.

¹⁸⁹ LOEWENICH, 1988, p. 74-87.

¹⁹⁰ LOEWENICH, 1988, p. 111.

¹⁹¹ LOEWENICH, 1988, p. 112.

Nessa harmonização, a teologia da cruz torna-se uma teologia prática, a qual abandona a contemplação do divino levando-o à uma decisão de fé. Desta maneira, só podemos compreender a *theologia crucis* em uma vida sob a cruz. A cruz de Cristo não pode ser pensada sem a cruz do cristão, do contrário, será uma *theologia gloriae*.¹⁹² Loewenich enfatiza que esta é a visão de Lutero, pois tanto a cruz como os sofrimentos representam num primeiro momento a cruz e o sofrimento de Cristo e, num segundo plano, a cruz e o sofrimento do cristão. A cruz de Cristo e a cruz do cristão são por ele vistas em conjunto.¹⁹³

Isso é assim, porque assumir a cruz é aceitar o propósito de se tornar semelhante ao mestre em todas as coisas. Isso significa seguir Jesus na cruz que o revelou. Digno de nota é que Lutero exorta seus leitores e ouvintes a sempre medirem seus próprios sofrimentos com as tristezas de Cristo. Isso pode ser observado em “Um Sermão sobre a Contemplação do Santo Sofrimento de Cristo” de 1919.¹⁹⁴ Tal postura adotada por Lutero e derivada de Agostinho, está de acordo com a distinção de Cristo como sacramento e Cristo como exemplo, em que a primeira condição conduz necessariamente à segunda. Assim, “inspirados pelo amor de Deus e pelo exemplo da *kenosis* de Cristo (Fp 2.4-7),¹⁹⁵ nós também alcançamos os ímpios [...] procurando o bem deles em lugar de lamentar os nossos ferimentos”.¹⁹⁶

No entanto, é essencial equilibrar a consolação cristocêntrica com o reconhecimento legítimo da dor humana. A exortação de Lutero para medir o sofrimento pessoal pelo de Cristo não visa minimizar a dor, mas inseri-la na narrativa redentora, onde há espaço tanto para o lamento quanto para a esperança. Seguir Cristo na cruz não significa negar a realidade do sofrimento, mas experimentar o amor divino em meio a ele. Assim, antes de convidar a pessoa aconselhada a enxergar seu sofrimento como um chamado ao discipulado, é preciso acolher e validar sua dor, lembrando que Cristo é primeiro sacramento antes de ser exemplo. Somente após esse acolhimento é que o sofrimento pode ser transformado à luz da cruz, não como um fardo imposto, mas como uma resposta ao amor recebido. A pessoa conselheira precisa de sensibilidade para discernir o momento certo de apresentar essa

¹⁹² DREHER, 2004, p. 28.

¹⁹³ LOEWENICH, 1988, p. 17.

¹⁹⁴ Obras selecionadas 1, p. 249-256.

¹⁹⁵ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

¹⁹⁶ NGIEN, Dennis. **Lutero como Conselheiro Espiritual**: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 92.

perspectiva, pois há ocasiões em que a pessoa aconselhada precisa primeiro de alguém que simplesmente chore com ela, antes de ser chamada a seguir adiante. Dessa forma, a cruz é aplicada pastoralmente como fonte de consolo, fortalecimento e esperança, sem sufocar nem minimizar a dor real.

De forma semelhante, no pensamento de Dietrich Bonhoeffer, a cruz representa tanto paixão quanto rejeição, embora esses dois momentos sejam profundamente distintos. Jesus é o Cristo rejeitado na paixão. A rejeição retira toda a dignidade e honra da paixão. O discípulo crucificado com Cristo assume toda a desonra do Cristo crucificado. Com as palavras de Bonhoeffer:

Há que ser sofrimento sem honra. Paixão e rejeição, eis em resumo a definição da Cruz de Jesus. Ser crucificado é sinônimo de sofrer e morrer rejeitado e repudiado por força da necessidade divina. Qualquer tentativa de impedir o que é necessário, vem de Satanás, mesmo que esta tentativa provenha do círculo dos discípulos (o que é um agravante), pois assim não se quer permitir que Cristo seja Cristo. O fato de ser justamente Pedro, a Rocha da Igreja, a tornar-se culpado logo após sua confissão de Jesus como o Cristo, e de sua posse, revela que, logo no início, a Igreja se escandalizou com o Cristo sofredor.¹⁹⁷

Como vimos, assim como Cristo, deve-se sofrer, ser rejeitado e repudiado. Portanto, não há diferença entre ser cristã(o) e ser discípula(o). Aquele que crê, ao contemplar a cruz e o sofrimento de Cristo como sacramento, aceita sua própria cruz e sofrimento, assim como Cristo o fez. “O discipulado é *“passio passiva”*, é sofrimento obrigatório.”¹⁹⁸ “Na cruz toda a projeção humana de Deus fracassa. *Crux probat omnia!* (A cruz põe a prova todas as coisas), i.é, a cruz é juízo sobre as invencionices e obras do ser humano; põe de pernas para o ar as teses humanas.”¹⁹⁹ Bayer faz um esclarecimento sobre este conceito de Lutero da *vita passiva*:

O decisivo da *vita passiva* é o fato de ela estar vinculada a uma determinada experiência: a uma experiência que eu não faço, mas sofro. ... Nós não atuamos, mas sofremos a ação de um outro em nós: Deus. O mundo não a compreende. Ela está oculta ao ser humano encerrado em si mesmo, que quer produzir a si mesmo, que por meio de seus atos e obras não apenas quer fazer algo de si mesmo, mas quer fazer a si mesmo. [...] A fé não é ciência nem atividade, nem metafísica tampouco moral, nem *vita activa* tampouco *vita contemplativa*, mas *vita passiva*.²⁰⁰

No entanto, a vida cristã é uma vida oculta porque é um estado de fé não sendo possível provar o estado cristão. A vida cristã não pode ser identificada

¹⁹⁷ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 42.

¹⁹⁸ BONHOEFFER, 1995, p. 46.

¹⁹⁹ DREHER, Martin N. A Theologia Crucis de Lutero e o Tema da Teologia da Libertação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 137-152, 1988, p. 142.

²⁰⁰ BAYER, 2007, p. 32.

completamente com a vida empírica que vivemos. A vida cristã é objeto de fé, e como tal, oculta. Como explica Loewenich,

O que vemos jamais é o verdadeiro; este mais íntimo só o vê Deus e a fé. Tão pouco como é possível revelação sem velação, tão pouco pode o estado cristão abandonar seu incógnito. [...] Ela, porém, é tão profunda que os próprios santos não têm consciência de sua vida verdadeira. Nem suspeitam quão belos parecem aos olhos de Deus.²⁰¹

Assim para Loewenich, além da vida empírica, o cristão vive outra vida, a vida oculta. Ou seja, uma vida dupla. Tal realidade não é definitiva, pois a vida oculta virá à luz. Este é o caráter escatológico da teologia da cruz que afirma que a vida cristã é mais um “tornar-se do que um ser”. Assim como um dia a contradição entre o Deus oculto e o Deus revelado chegará ao fim – ou seja, quando a fé se transformar em visão – também chegará o dia em que a condição cristã se libertará da ocultação, em que o velho ser humano perecerá, e se poderá declarar sem restrições: "Cristo vive em mim".²⁰²

Rick W. Marrs afirma que para Lutero, nosso sofrimento nesta vida é como uma continuação do sofrimento de Cristo por nós. Nosso sofrimento nos obriga a depender somente de Cristo e de sua cruz, e outros veem nosso sofrimento e se perguntam onde está nossa confiança. O objetivo da vida cristã não é contemplar ou ser um praticante de boas obras como os escolásticos ensinaram. Sua teologia legalista havia afirmado que a vida cristã era algo que os humanos fazem para Deus mostrar sua fidelidade. Lutero chamou isso de teologia da glória e afirmou que a vida cristã não é algo que fazemos; é algo feito para nós. Somos recipientes passivos da graça de Cristo através da teologia da cruz.²⁰³

A vida cristã é uma *vita passiva* – uma vida que está acontecendo com você. John T. Pless²⁰⁴ e Dennis Ngien²⁰⁵ mencionam a teologia da cruz de Lutero citando seus escritos e suas cartas consoladoras nas quais a misericórdia de Jesus e a completa incapacidade acusativa do diabo frente a completa absolvição e a redenção oferecidos em Cristo. Lutero anuncia o Evangelho para mostrar o consolo e a esperança que estimulam e motivam o cristão.

²⁰¹ LOEWENICH, 1988, p. 113.

²⁰² LOEWENICH, 1988, p. 116.

²⁰³ MARRS, Rick W. **Making Christian Counseling More Christ Centered**. Bloomington, WestBow Press, 2019, p. 39.

²⁰⁴ PLESS, John T. **Martín Lutero – Predicador de la cruz**. St. Louis: CPH, 2016, p. 11.

²⁰⁵ NGIEN, 2017, p. 191-223.

Esta vida sob a cruz, ou o estado cristão como discipulado do sofrimento, é descrita por Loewenich como: os cristãos tem que se tornar iguais ao seu Mestre em tudo; O estado cristão é discipulado do sofrimento; isso porque “o discipulado do sofrimento, porém, nada mais é do que discipulado da cruz e a vida sob a cruz é “conformidade com Cristo”.²⁰⁶

Deduz-se que a forma provisória da vida com Cristo não é a glória, mas a cruz. A *conformitas Christi*, que significa conformar-se com Cristo, indica que os cristãos adotam a forma de servos juntamente com Cristo, vivenciando a cruz em suas vidas. Como a cruz não é apenas algo do passado, essa conformidade é uma graça para o cristão.²⁰⁷ Nas palavras de Pich Roberto Hofmeister,

Sofre-se com Cristo neste mundo, tornando-se o cristão “conforme” com ele. Lutero abandonou a figura da *imitativo Christi* (imitação de Cristo) desenvolvida na Idade Média. É impossível imitá-lo. Mais radical do que a *imitativo Christi* é a substituição pela *conformitas cum Christo* (conformação com Cristo). *Conformitas* não induz ao conformismo, mas à vida conforme Cristo. O cristão veste, como Cristo, a forma de servo; deixa de lado todo o orgulho, fama e honra, diante de si mesmo e diante do mundo. Conformação não sugere capacidade humana de repetir o que Cristo fez. Mas, indica que está colocado, por Deus, o caminho da nova vida.²⁰⁸ (grifo do autor)

Devido a isso, a nova vida é dinâmica e combativa, jamais estática e acomodada. Walter Altmann lembra que o Cristo crucificado interpretado por Lutero, é um combatente do amor divino. Sua cruz revela-se definitivamente não como derrota, mas com uma vitória total, por isso Cristo vitorioso, *Christus victor*. Assim, “quanto mais concentração na ação redentora de Deus, tanto mais ação libertadora dos que creem em Cristo.”²⁰⁹

A partir desta conformidade a Cristo que culmina na abscondicidade e vergonha da cruz, Lutero fala de três características da vida sob a cruz: *humilitas*, *tentatio* e *oratio*.²¹⁰ Observa-se que estas três características formam um conjunto de três círculos concêntricos que compõe o cerne da teologia da cruz.²¹¹

²⁰⁶ LOEWENICH, 1988, p. 117-123.

²⁰⁷ DREHER, 1988, p. 145-146.

²⁰⁸ PICH, Roberto Hofmeister. **O Debate de Heidelberg e a teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: 1991, p. 27-28.

²⁰⁹ ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016, p. 76.

²¹⁰ DREHER, 1988, p. 146.

²¹¹ LOEWENICH, 1988, p. 129.

4.4.1 A vida sob a cruz - *Humilitas*

Humilitas é a virtude básica da vida sob a cruz. Para Lutero, *humilitas* pode significar nulidade ou humildade, conforme traduz as palavras gregas *tapeinosis* e *tapeinophrosyne*. No *Magnificat*, ele argumenta que *humilitas* representa uma condição de nulidade. Lutero enfatiza que essa nulidade não é um mérito, mas um estado que permite a graça de Deus operar. Dessa forma, humildade e fé se entrelaçam na teologia da cruz, onde a salvação depende exclusivamente da graça divina. No primeiro caso, *humilitas* deveria ser traduzido por baixeza, nulidade, e no outro, por humildade.²¹² Sobre este assunto, Dreher esclarece que,

A passagem, na qual Lutero se ocupou de maneira mais intensiva com o conceito *humilitas*, é o *Magnificat*. Ao interpretar o *respexit humilitatem* (Lc 1.48), Lutero defende a tese de que *humilitas* não pode ser traduzido com humildade (Demit): "Humilitas nada mais é que um ser ou categoria desprezada, insignificante, baixa, como os seres humanos pobres, doentes, famintos, sedentos, prisioneiros, sofredores e moribundos" (WA 7,556,16ss). "Como se haveria de imputar tal atrevimento e soberba a essa virgem pura, sincera, no sentido de que ela se gloriasse de sua humildade ante Deus, a qual é a mais alta das virtudes e quando ninguém se considera ou gloria de ser humilde, a não ser quando é o mais orgulhoso de todos. O único que reconhece a humildade é Deus, é ele também o único que a julga e revela, de modo que o ser humano nunca sabe tanto a respeito da humildade do que quando é verdadeiramente humilde." (WA 7, 560,7ss). A nulidade, porém, não deve ser vista como mérito diante de Deus. Não é a nulidade que deve ser honrada, mas somente a graça de Deus (WA 7,561,16 ss).²¹³

Quando Lutero faz uso da expressão humildade e fé na teologia da cruz, ele está usando o a primeira tradução de *humilitas*. A partir disso, constata-se que *humilitas* é a virtude principal da vida sob a cruz. É por isso que Lutero também pode dizer: "*humilitas sola salvat*" (somente a *humilitas* salva). Como é que Lutero traduz a expressão? Dreher responde: "Ele a traduz com nulidade, baixeza, opressão. Com tal tradução evita que o conceito possa vir a ter uma interpretação sinergista."²¹⁴

Mesmo reconhecendo que a humildade pode ser considerada o antigo ideal monástico, Loewenich enfatiza que, para Lutero, a humildade é a renúncia consciente a todas as qualidades humanas que poderíamos usar para nos justificar. Nesse sentido, a humildade deve preceder a fé e faz parte do fundamento crítico da fé. A justificação pela fé só pode ocorrer onde esse fundamento foi estabelecido. Humildade é reconhecer que não podemos nos sustentar diante de Deus com nossas próprias

²¹² LOEWENICH, 1988, p. 131.

²¹³ DREHER, 1988, p. 146.

²¹⁴ DREHER, 2004, p. 30.

virtudes. Por isso, Lutero usa humildade e fé de forma intercambiável em relação à justificação. A ênfase não está na atitude humilde, mas na baixeza, nulidade, opressão.²¹⁵

Na teologia pastoral de Lutero não há outro caminho do que o caminho da graça consoladora de Cristo. Não existe outra esperança do que a vitória de Cristo sobre nossos inimigos, o diabo, o mundo e a nossa própria carne. Para qualquer aflição, angústia ou escravidão, recorrer à obra de Cristo na cruz é o caminho que o pastor Lutero aponta. Transferir a culpa que gera angústia e depositá-la na cruz de Cristo.

4.4.2 A vida sob a cruz - *Tentatio*

Ao seguirmos os passos de Cristo, enfrentaremos sofrimentos, provações e tentações, ou *Anfechtungen*, como Lutero os chamou. O nosso sofrimento, de fato, não pode ser visto isoladamente dos sofrimentos de Cristo.²¹⁶ Assim, a *tentatio* está presente na vida de toda pessoa que se relaciona com Cristo e sua teologia, como afirma Lutero:

Terceiro, existe a tentação (*tentatio*), *Anfechtung*. Esta é a pedra de toque que ensina você não apenas a conhecer e entender, mas também a experimentar quão certa, quão verdadeira, quão doce, quão amável, quão poderosa e consoladora é a palavra de Deus, sabedoria que excede toda sabedoria. Assim, você vê como Davi, no Salmo mencionado, tantas vezes se queixa de todos os tipos de inimigos, príncipes arrogantes ou tiranos, falsos espíritos e facções, que ele deve tolerar porque medita, ou seja, porque está ocupado com a Palavra de Deus (como foi dito) de todas as maneiras possíveis. Pois assim que a Palavra de Deus cria raízes e cresce em você, o diabo o perseguirá e o transformará em um verdadeiro doutor, e por meio de seus ataques (*Anfechtungen*) ensinará você a buscar e amar a Palavra de Deus.²¹⁷ (tradução nossa).

²¹⁵ LOEWENICH, 1988, p. 129-133.

²¹⁶ BRÄUTIGAM, 2019, p. 74.

²¹⁷ *Thirdly, there is tentatio, Anfechtung. This is the touchstone which teaches you not only to know and understand, but also to experience how right, how true, how sweet, how lovely, how mighty, how comforting God's Word is, wisdom beyond all wisdom. Thus you see how David, in the Psalm mentioned, complains so often about all kinds of enemies, arrogant princes or tyrants, false spirits and factions, whom he must tolerate because he meditates, that is, because he is occupied with God's Word (as has been said) in all manner of ways. For as soon as God's Word takes root and grows in you, the devil will harry you, and will make a real doctor of you, and by his assaults (Anfechtungen) will teach you to seek and love God's Word. I myself (if you will permit me, mere mouse-dirt, to be mingled with pepper) am deeply indebted to my papists that through the devil's raging they have beaten, oppressed, and distressed me so much. That is to say, they have made a fairly good theologian of me, which I would not have become otherwise. And I heartily grant them what they have won in return for making this of me, honor, victory, and triumph, for that's the way they wanted it.* LUTHER, Martin. **Luther's Works**, v. 34. Preface to the Wittenberg Edition of Luther's German Writings. Helmut T. Lehmann, Editor. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960, p. 286-287.

Para John W. Kleinig, quando Lutero usa a palavra *Anfechtung* no seu prefácio da edição de Wittenberg mostra que ali está envolvido “algum tipo de ataque à pessoa. Lutero deixa claro que isso se passa no âmbito público.”²¹⁸

Anfechtung é um termo complexo que abrange experiências de tentação, provação e profunda angústia existencial. Ele descreve momentos de intensa dúvida e sofrimento, nos quais a fé é desafiada e colocada à prova. No contexto do aconselhamento, pode estar associado a sentimentos como ansiedade, tristeza, preocupação, angústia e tormento. Marrs²¹⁹ enfatiza que *Anfechtung* denota que somos criaturas frágeis, lutando com a angústia que é tanto terrena quanto espiritual e existencial. Podemos ser agredidos de fora, e esse ataque pode atingir nosso corpo, nossa psique ou nosso espírito. Este é o lado dramático da vida cristã. A humildade sempre de novo experimenta sua comprovação na tentação por causa da cruz que perturba todo o conhecimento estático de Deus. “Por isso, a cruz é motivo de escândalo. E a isso corresponde exatamente que também a vida piedosa não pode ser um estado estático, satisfeito em si mesmo”.²²⁰

Devido a isso, a teologia da cruz é, essencialmente, a teologia da fé. No entanto, a teologia da fé é e sempre será a teologia da tentação (*Theologie der Anfechtung*). O pensamento e o discurso teológicos não ocorrem isolados da dúvida e da tentação, nem da superação dessas tentações pela fé; ao contrário, eles se desenvolvem dentro desse processo, ou seja, pensam dentro da estrutura da *Anfechtung*. Lutero acredita que, desde a queda do ser humano no pecado, a verdadeira teologia só é possível como teologia da cruz.²²¹

Em sua análise sobre a *tentatio* em Lutero, o Dr. Won Young Ji, destaca que o conceito de *Anfechtung* está mais relacionado a um aprendizado prático, que surge da vivência, do que algo que possa ser ensinado formalmente. Não é uma teoria abstrata, mas uma experiência concreta. Ji lembra que o termo “*tentatio*” vem do contexto militar e descreve uma intrincada rede de tribulações e angústias internas, com dúvidas que brotam na mente, além de ataques externos bem coordenados.²²²

²¹⁸ KLEINIG, 2002, p. 14.

²¹⁹ MARRS, 2019, p. 26.

²²⁰ LOEWENICH, 1988, p. 129-137.

²²¹ ALTHAUS, 1979, p. 33.

²²² JI, Wong Yong. Significance of Tentatio in Luther’s Spirituality. *Concordia Journal*, v. 15, April/1989, n. 2, p. 181-188.

Para Ji, as tentações são os momentos em que a própria existência de Deus é questionada, quando o cristão tem a sensação de que sua espiritualidade está sendo testada por Deus e pelo diabo, sem sinal de trégua. Esse estado é marcado por um profundo desespero e solidão, onde Deus parece estar distante. No entanto, esses momentos podem também ser vividos com arrependimento, contrição e a alegria de ser libertado dessas aflições. Resumidamente, para Ji, *Anfechtung* representa um sentimento de abandono, semelhante ao que Cristo experimentou na cruz. É o encontro do cristão com as tribulações e a realidade da vida.²²³

Segundo Dreher, estes conflitos (*Anfechtungen*) levam o cristão a voltar-se para a Palavra e a promessa de Deus, desafiando a visão de mundo fundamentada no pensamento humano. Esses conflitos, ao extremo, reafirmam a vida cristã como uma jornada de fé, sustentada não pelas circunstâncias, mas pela confiança nas promessas divinas. Em suas palavras,

A *tentatio* (tentação) somente é possível no discipulado de sofrimento, pois o escândalo faz parte da cruz. A vida piedosa não é uma vida que repouse em si mesma. Onde o escândalo da cruz é eliminado, aí não estamos mais confrontados com uma vida na fé. Quando falta a tentação a vida cristã não é até às últimas conseqüências vida de fé. Consciência piedosa não substitui o combate da fé. A pior tentação é não ter tentação. Teologia da cruz é teologia da tentação (WA 43,472,13ss).²²⁴

Para Lutero, os cristãos enfrentam constantes ataques do diabo, do mundo, e da própria carne pecaminosa, gerando angústia quanto à salvação. O termo *Anfechtung* compreende esse estado de dúvida e sofrimento, que se resolve no consolo da obra redentora de Cristo. A crise de *Anfechtung*, portanto, é enfrentada olhando para Cristo crucificado, que tomou sobre si esse sofrimento.²²⁵ Muito da *Anfechtung* inicial de Lutero era seu medo de que seu Deus irado o condenasse à condenação eterna por causa de seu pecado. A descoberta do Evangelho de Jesus por Lutero deu-lhe esperança no amor e no perdão de Deus. Jesus não era primariamente seu juiz; Jesus foi antes de tudo o seu Salvador. A palavra “*Anfechtung*” foi cunhada por Lutero e não possui equivalente direto no português, mas compreende desespero, dúvida, desolação, turbulência espiritual. Segundo McGrath, para Lutero, “*Anfechtung*” é constituída de dois aspectos distintos, mas inseparáveis: ataques “objetivos” externos ao crente por parte das forças espirituais e stress “subjetivo” e

²²³ JI, 1989, p. 184.

²²⁴ DREHER, 1988, p. 146.

²²⁵ MCGRATH, 2014, p. 223.

ansiedade que esses ataques possuem.²²⁶ McGrath faz um destaque importante, quando diz:

A esta altura, precisamos observar a dialética importante entre *opus proprium Dei* e *opus alienum Dei* – As obras “próprias” e “estranhas” de Deus para lidar com o paradoxo de que a condenação leva à salvação. O *opus alienum* é, portanto, concebido como um meio para o fim do *opus proprium*. Deus faz algo que nos parece estranho ou constrangedor para alcançar algo que nos parece apropriado. No entanto, essa distinção se dá por causa das nossas preconcepções, não por causa do ser ou da vontade de Deus. Se as ações de Deus parecem ou não ser “estranhas” ou “apropriadas” depende das nossas preconcepções sobre a maneira como Deus deveria agir.²²⁷

É daí que surgem as dúvidas e as crises existenciais, pois como saber o que está acontecendo? Como resolver a crise da *Anfechtung*? Para Lutero, a solução se encontra no Cristo crucificado, que sofreu exatamente a mesma *Anfechtung* em nosso lugar.²²⁸ Esta relação da *Anfechtung* do povo de Deus com Cristo também é observável em Dietrich Bonhoeffer, como vemos:

Graças à tentação de Jesus, chegou ao fim a tentação de Adão. Como na tentação do primeiro homem toda a carne caiu, assim toda a carne foi libertada do domínio de Satanás na tentação de Cristo. Cristo Jesus tomou a nossa carne e sofreu a nossa tentação e obteve o triunfo. Destarte, levamos todos hoje a carne que em Cristo Jesus dominou o diabo. Também a nossa carne, também nós vencemos na tentação de Jesus. [...] **Não somos nós os tentados, mas Jesus Cristo é tentado em nós.** [...] Como Satanás não conseguiu levar à queda o Filho de Deus, ele o persegue agora nas pessoas de seus membros, com todas as tentações possíveis. Estas últimas tentações, todavia, não passam de estolhos daquela tentação de Jesus sobre a terra, pois **o poder da tentação foi liquidado na tentação de Jesus.**²²⁹ (grifo nosso)

Participar das tentações de Cristo significa também compartilhar de suas vitórias e triunfos. Isso não implica que as tentações enfrentadas por Cristo chegaram ao fim e que seus seguidores não enfrentarão mais dificuldades. Pelo contrário, é necessário resistir aos ataques de Satanás em meio à angústia e escuridão, confiando que o único consolo e segurança que restam vêm da Palavra de Deus, que sustenta, luta em nosso favor e vence por nós. “Assim, durante a tentação, o que resta para Jesus, de fato, é a Palavra e a promessa de Deus. “Não é a força própria nem a disposição à luta contra o mal, mas sempre, única e exclusivamente, o poder e o triunfo de Deus.”²³⁰

²²⁶ MCGRATH, 2014. p. 223.

²²⁷ MCGRATH, 2014, p. 224.

²²⁸ MCGRATH, 2014, p. 224.

²²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Tentação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 42-43.

²³⁰ BONHOEFFER, 1995, p. 41.

4.4.3 A vida sob a cruz - *Oratio*

Lutero, no Debate de Heidelberg, distingue entre o teólogo da glória (*theologus gloriae*) e o teólogo da cruz (*theologus crucis*). Vale ressaltar que o foco de Lutero não está no tema da teologia, mas na pessoa do teólogo. A conduta pessoal e, especialmente, a atitude do teólogo em relação a Deus são de importância crucial. Para Lutero, a teologia nunca é um campo para o cientista desinteressado. A teologia envolve o ser humano em sua totalidade. O objetivo final do teólogo é vivenciar uma transformação profunda.²³¹

O que podemos fazer diante da realidade da cruz presente na *humilitas* e na *tentatio* (*Anfechtung*)? Orar. Orar, pois uma pessoa segura não pode orar. No entanto, a pessoa que passa pela *humilitas* e a *Anfechtung* pode orar de mãos vazias. Não que a validade depende da dignidade. A validade da oração não depende da dignidade ou indignidade do ser humano. Seu valor provém do mandamento divino e da promessa de Deus, independentemente da intensidade com que se ora. Na oração, Deus se torna oculto para quem ora, para que, por meio da oração, a fé passe do Deus oculto ao Deus revelado.²³² Nas palavras de Dreher,

Será que ainda podemos ousar apresentar-nos diante de Deus com preces, quando o caminho a ser seguido pelo cristão é o caminho da cruz? É essa a pergunta que está em jogo, quando se fala da *oratio* na teologia da cruz. É importante que se observe que para Lutero a validade da oração não depende de nossa dignidade, também não de nossa indignidade. Sua validade vem de um mandamento divino e de uma promessa de Deus (WA 43,84, 1ss). Não é a intensidade de nossa oração que o faz (WA 2,127,36ss). Na oração Deus se torna *deus absconditus* para o que ora, a fim de que, na oração, a fé chegue *do deus absconditus* ao *deus revelatus* (WA 44,192,27ss). Na oração, o crente vive da certeza da **fé** e da **certeza** da fé.²³³

Embora Lutero sublinhe enfaticamente que somos justificados apenas pela fé, ele também destaca que a fé que justifica não permanece isolada. A teologia pós-Reforma e a prática da igreja, em alguns casos, negligenciaram esse ponto, levando à caricatura do cristão passivo e quietista que se acomoda em sua igreja, sonhando com a felicidade celestial. Isso, no entanto, distorce os ensinamentos de Lutero e não reflete o verdadeiro teólogo da cruz. Conforme demonstrado nas teses de Lutero, ele valoriza significativamente as obras, especialmente as que Deus realiza em e através de nós. A justiça que nos é transmitida passivamente nos torna ativos. Portanto, Lutero

²³¹ BRÄUTIGAM, 2019, p. 73.

²³² LOEWENICH, 1988, p. 141-143.

²³³ DREHER, 2004, p. 31.

sente a necessidade de esclarecer o que quer dizer com a expressão "sem trabalho".²³⁴

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a análise dos principais aspectos da teologia da cruz, deparamos com a riqueza e a profundidade da mensagem redentora de Cristo conforme proclamada por Lutero, sendo uma valiosa contribuição para o aconselhamento pastoral. A compreensão do Deus oculto, a centralidade da fé e a vivência da vida sob a cruz não apenas desafiam nossas mentes, mas também nos chamam a uma entrega completa ao mistério da graça divina diante de todas as situações de sofrimento. Refletindo sobre esses elementos fundamentais da teologia da cruz, somos motivados a viver de maneira alinhada com a mensagem do Evangelho, procurando uma vida refletida a partir da cruz de Cristo.

²³⁴ BRÄUTIGAM, 2019, p. 73.

5 CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA DA CRUZ PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O sofrimento é o ponto de partida para toda teologia pastoral e prática.”²³⁵ Neste capítulo, o foco será a relação intrínseca entre a teologia da cruz de Martinho Lutero e a prática do aconselhamento pastoral no contexto atual. A teologia da cruz de Lutero não nega o sofrimento; pelo contrário, ela o reconhece como parte da vida cristã. A cruz não apenas simboliza a dor e a morte, mas também a presença de Deus no meio do sofrimento. Essa teologia oferece uma visão de que Deus não está distante da dor humana, mas se envolve profundamente nela, oferecendo esperança e redenção. Em tempos de profundas crises espirituais e existenciais, a teologia da cruz oferece uma visão que não foge da dor e do sofrimento, mas os reconhece como realidades inevitáveis da vida cristã, onde Deus se revela de forma paradoxal. O sofrimento, em vez de ser evitado, torna-se um local onde Deus age de maneira redentora e transformadora. Nesse sentido, a pessoa conselheira deve guiar as pessoas que sofrem a enxergar a presença de Deus em meio à dor, apontando para a cruz de Cristo como o lugar onde a redenção é encontrada. Assim, a teologia da cruz de Lutero pode oferecer uma hermenêutica, especialmente quando aplicada a um mundo onde o sofrimento é onipresente e onde as respostas simplistas oferecidas pela teologia da glória não são mais suficientes para lidar com a complexidade da experiência humana.

Martinho Lutero não foi apenas um teólogo, escritor ou pregador do seu tempo; ele era um conselheiro pastoral comprometido com a realidade do Ministério da Palavra. De acordo com Bob Kelleman, além de reformar a teologia, Lutero também transformou a prática da poimênica pelo aconselhamento à luz da cruz. Ele é o precursor do aconselhamento centrado na cruz, que aplica de maneira profunda, relevante e vigorosa o evangelho da graça de Cristo ao sofrimento, ao pecado, à santificação e à busca da paz com Deus. Como seguidores de sua fé, temos muito a

²³⁵ *Suffering is the starting point for all pastoral and practical theology.* WHITE, Pamela Cooper. Suffering. In: McLEMORE, Bonnie J. Miller (Ed.). **The Wiley-Blackwell companion to practical theology.** Chichester: Blackwell, p. 23-31, 2012, p. 23.

aprender com sua vida e ministério.²³⁶ Assim como Lutero fez um contraponto em Heidelberg, ainda hoje é possível fazer essa abordagem a partir da teologia da cruz como um contraponto à teologia da glória, que muitas vezes promete soluções rápidas e superficiais. O conselheiro da cruz, por outro lado, oferece uma presença paciente e compassiva, que não foge do sofrimento, mas o confronta com a esperança que vem da cruz e da ressurreição de Cristo.

Segundo Kolb, em Heidelberg Lutero focou em discorrer sobre a natureza de Deus e a condição humana presa no pecado. Suas declarações sobre esses assuntos representaram uma mudança significativa no pensamento cristão ocidental, especialmente na compreensão de como Deus se revela, como ele lida com o mal e o que significa ser humano.²³⁷

No entanto, Kolb admite que se pode argumentar que a diferença entre nossa época e a de Lutero é tão grande que o próprio paradigma de Lutero para a prática teológica, onde teólogos e pensadores se posicionam sob a cruz, perdeu sua relevância. Mesmo assim, Kolb afirma que a teologia da cruz de Lutero mantém sua pertinência em todas as épocas, ao perpetuar a mensagem bíblica sobre a natureza de Deus, suas ações, e as características da humanidade, independentemente das mudanças históricas e culturais. A teologia da cruz não se limita a abordar as dificuldades e sofrimentos passageiros de uma época específica, mas aprofunda a compreensão do cristão sobre Deus e sobre o que significa ser humano em todas as épocas e culturas.²³⁸ Isso acontece porque a teologia da cruz de Lutero serve como uma estrutura conceitual para pensar (hermenêutica) sobre Deus e as pessoas. De maneira poética, Kolb diz:

Suas teses de Heidelberg flutuaram diante de seus irmãos monásticos uma nova constelação de perspectivas sobre a descrição bíblica de Deus e da realidade humana. Lutero chamou essa série de observações baseadas na Bíblia de "teologia da cruz", e mais tarde chamou essa teologia da cruz de "nossa teologia". "A cruz de Cristo é a única instrução na Palavra de Deus que existe, a teologia mais pura". O que ele ofereceu a seus companheiros monges em Heidelberg não foi um tratamento de um ou dois ensinamentos bíblicos específicos. Ele apresentou uma nova estrutura conceitual para pensar sobre Deus e a criatura humana.²³⁹ (tradução nossa).

²³⁶ KELLEMEEN, Bob. **Counseling under the Cross: How Martin Luther Applied the Gospel to Daily Life**. Greensboro, NC: New Growth Press, 2017. E-book (5739 p.), p. 297.

²³⁷ KOLB, 2009, p. 33.

²³⁸ KOLB, 2009, p. 34.

²³⁹ *His Heidelberg theses floated before his monastic brothers a new constellation of perspectives on the biblical description of God and of human reality. Luther called this series of biblically-based observations a "theology of the cross," and he later called this theology of the cross "our theology."*

Mesmo que “a preocupação de Lutero era a busca de um monge medieval sobrecarregado por um sentimento de culpa que a mente moderna não pode mais compreender”,²⁴⁰ suas reflexões podem contribuir para o aconselhamento pastoral.

Após analisar a teologia da cruz de Lutero a partir do Debate de Heidelberg e clarificar o termo *Seelsorger* dentro da teologia pastoral com vistas ao aconselhamento, chegamos ao último capítulo desta dissertação. O objetivo deste capítulo não é apresentar um modelo engessado através de um manual ou qualquer outro tipo de instrumento semelhante. Ao contrário, busca-se refletir e vislumbrar como a *theologia crucis* pode contribuir para o aconselhamento pastoral.

Este capítulo terá seu início com a percepção da realidade a partir da teologia da cruz percebendo a realidade dos paradoxos. Nesta primeira parte alguns temas serão enfatizados: revelação e experiência, cruz e glória e *Simul justus et peccator*. Na sequência, serão abordadas mais duas contribuições para o aconselhamento pastoral a partir da teologia da cruz: A realidade da *Anfechtung* e a realidade da esperança escatológica.

5.2 A REALIDADE DOS PARADOXOS

Kolb explica que Lutero propôs uma abordagem paradoxal para proclamar o evangelho, aceitando mistérios da fé como a Trindade e a união de Cristo como Deus e homem. Ao invés de explicar esses mistérios logicamente, Lutero os aceita pela fé, destacando a centralidade do sofrimento e da cruz na compreensão cristã.²⁴¹ Para Lutero, a teologia cristã está repleta de paradoxos,²⁴² como a cristologia que afirma

"The cross of Christ is the only instruction in the Word of God there is, the purest theology." What he offered his fellow monks in Heidelberg was not a treatment of a specific biblical teaching or two. He presented a new conceptual framework for thinking about God and the human creature. KOLB, 2009, p. 34.

²⁴⁰ WESTHELLE, 2008, p. 51.

²⁴¹ KOLB, 2009, p. 34.

²⁴² Duas interpretações diferentes do paradoxo lógico têm emergido na história da igreja. Uma delas assevera paradoxos reais, em que aquilo que é realmente verdadeiro também contradiz realmente uma aplicação correta das leis do pensamento humano. A outra sustenta que as asseverações paradoxais são apenas contradições aparentes. Frequentemente, esta diferença se resolve com uma mera diferença de atitude psicológica. Aqueles que adotam a primeira interpretação do paradoxo estão dispostos a achar paz de espírito mesmo abrigando elementos incoerentes sem solução nos seus pensamentos. Aqueles que adotam a segunda interpretação acreditam que toda verdade deve se harmonizar com as leis do pensamento humano tais como a lei da contradição e, portanto, não conseguem achar descanso mental nas incoerências. ELWELL Walthers A (Ed.). **ENCICLOPÉDIA HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA IGREJA CRISTÃ**. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 98-99.

que Cristo é simultaneamente Deus e humano, e a Trindade, que é um Deus em três pessoas. Esses mistérios desafiam a lógica humana e são aceitos pela fé na Palavra de Deus. Martinho Lutero identificou outros paradoxos nas Escrituras, especialmente nos escritos de Paulo, destacando a relação dos cristãos com o Cristo crucificado. Lutero contestou a interpretação medieval de Paulo, que priorizava as obras humanas em detrimento da centralidade da cruz de Cristo.²⁴³ “Tais paradoxos não são apenas fórmulas doutrinárias, mas, como será visto, polaridades que englobam as complexidades da vida.”²⁴⁴

Nesta direção, Paul Althaus conclui que a teologia da cruz propõe uma nova compreensão daquilo que chamamos de realidade. A verdadeira realidade não corresponde ao que o mundo e a razão consideram como tal. A realidade de Deus e sua salvação são paradoxais, escondendo-se sob o seu aparente oposto. A razão humana é incapaz de entender ou vivenciar essa realidade. Sob os critérios da razão e da experiência, ou seja, sob os parâmetros do mundo, a verdadeira realidade parece irreal e seu oposto parece real. Apenas a fé é capaz de apreender essa realidade verdadeira e paradoxal.²⁴⁵

Desta forma, o aconselhamento pastoral fundamentado na teologia da cruz deve levar em conta que as pessoas buscam respostas para dilemas profundos que envolvem sofrimento, fracasso, ansiedade, entre outros. Ao invés de uma teologia da glória, que busca o sucesso, a vitória, e a ausência de sofrimento, a teologia da cruz convida a pessoa aconselhada a enxergar a realidade como ela é — cheia de paradoxos, onde fracasso e sofrimento não são obstáculos à fé, mas caminhos para compreendê-la mais profundamente. Como afirma Lutero, a verdadeira revelação de Deus acontece na cruz, em meio à fraqueza, humilhação e sofrimento.

De forma semelhante, a teóloga feminista Pamela Cooper White também compreende que a cruz satisfaz plenamente a exigência de Deus por justiça, ao colocar o Filho de Deus em nosso lugar para pagar o preço devido pela humanidade, devido à corrupção da humanidade pelo pecado original.²⁴⁶

Teólogas feministas criticam esse entendimento como uma glorificação do sofrimento, até mesmo como “abuso infantil divino” (Fortune 1983:197). Elas repudiam a ideia de que o sofrimento, por si só, é redentor. A cruz não deve

²⁴³ MARRS, 2019, p. 47-48.

²⁴⁴ VEITH JR., 2015, p. 31.

²⁴⁵ ALTHAUS, 1979, p. 32.

²⁴⁶ WHITE, Pamela Cooper, 2012, p. 28.

ser interpretada para santificar a vitimização, o que reforça a submissão à violência por parte de mulheres e outros grupos oprimidos. Em vez disso, a paixão de Jesus deve ser entendida em termos libertacionistas como sua recusa em ceder diante da opressão e do mal, e sua disposição de defender a cura, a misericórdia e a justiça para os mais marginalizados – mesmo com a penalidade de tortura e morte. Dessa perspectiva, o próprio Deus entra, através da encarnação, no sofrimento humano, e a cruz se torna um símbolo da solidariedade eterna de Deus com todos os que sofrem (Solberg 1997; Thornton 2002).²⁴⁷ (tradução nossa).

Essa crítica encontra eco em certos aspectos da teologia católica tradicional, que, ao longo da história, enfatizou o valor redentor do sofrimento de forma que, em alguns contextos, poderia ser interpretado como resignação passiva diante da dor. A espiritualidade da *imitatio Christi*, especialmente no que se refere ao sofrimento como meio de santificação, influenciou profundamente a piedade popular, levando muitos fiéis a enxergarem suas próprias dores como uma participação inevitável na cruz de Cristo. Essa visão, ainda presente no imaginário religioso de muitos, pode reforçar dinâmicas de submissão, especialmente entre grupos historicamente marginalizados, ao associar a aceitação do sofrimento a uma virtude cristã fundamental.

No entanto, dentro da tradição cristã, há também uma leitura da cruz que não a reduz a um chamado à passividade, mas sim à resistência ativa contra o mal e à solidariedade com os que sofrem. A cruz de Cristo não legitima a perpetuação da injustiça, mas denuncia o pecado que levou à sua crucificação. Nesse sentido, interpretar o sofrimento apenas como redentor pode desconsiderar o chamado bíblico à transformação e à busca pela justiça. Esse desafio teológico continua a ser debatido, especialmente quando se trata de como a cruz é ensinada e vivida nas comunidades cristãs.

Assim, a teologia da cruz desafia a cultura contemporânea que promove o sucesso a qualquer custo. No aconselhamento pastoral, a cruz ajuda a pessoa a aceitar que o sofrimento faz parte da vida, e que Deus se revela precisamente na fraqueza e nas perdas. Em vez de oferecer soluções rápidas ou uma “cura” instantânea, a pessoa conselheira deve ajudar a pessoa que sofre a encontrar Deus

²⁴⁷ *Feminist theologians critique this understanding as a glorification of suffering, even “divine child abuse” (Fortune 1983:197). They repudiate the idea that suffering for its own sake is ever redemptive. The cross should not be interpreted to sanctify victimization, which reinforces submission to violence by women and other oppressed groups. Rather Jesus’ passion should be understood in liberationist terms as his refusal to back down in the face of oppression and evil, and his willingness to stand for healing, mercy, and justice for the least and the outcasts – even at the penalty of torture and death. From this perspective, God’s own self enters via the incarnation into human suffering, and the cross becomes a symbol of God’s eternal solidarity with all who suffer (Solberg 1997; Thornton 2002).* WHITE, Pamela Cooper, 2012, p. 28.

no meio das suas lutas, apontando para a presença de Cristo na cruz. A vida cristã, segundo Lutero, está cheia de paradoxos. Um desses paradoxos centrais é que Deus se revela onde ele parece estar mais ausente: na cruz. Esse é um dos pilares da teologia da cruz, que desafia a teologia da glória comum em muitos contextos contemporâneos, onde o sucesso e a vitória são celebrados como sinais da presença de Deus. Desta forma, a pessoa conselheira, fundamentada na teologia da cruz, pode ajudar quem sofre a perceber que Deus opera também nas fraquezas e nas derrotas humanas, invertendo as expectativas comuns.

5.2.1 Revelação e Experiência

O paradoxo da revelação e experiência fundamenta o alicerce para o aconselhamento pastoral. Através da fonte primária define-se o resultado da realidade. A via de conhecimento de Deus pela lógica e pela razão dos teólogos escolásticos medievais nos alertam para uma distorção da realidade.

Segundo Saunders, o contexto social, emocional e histórico de Martinho Lutero é complexo e multifacetado, refletindo as tensões e transformações da época em que ele viveu. Lutero enfrentou não apenas desafios teológicos, mas também questões políticas, emocionais e de saúde que influenciaram seu pensamento e suas ações. Lutero viveu durante o Renascimento, um período de redescoberta cultural e intelectual que desafiou as normas estabelecidas da Idade Média. No entanto, apesar dos avanços promovidos pela Renascença, muitos aspectos da sociedade ainda eram caracteristicamente medievais. A queda do sistema feudal não resolveu os conflitos sociais, e em alguns casos, até os agravou, como demonstrado pelas frequentes revoltas camponesas.

As guerras continuavam e as doenças eram abundantes, com a peste bubônica, embora em declínio, reaparecendo periodicamente, algo que Lutero mencionava em suas cartas. Embora houvesse progresso na medicina, os tratamentos eficazes para as doenças ainda eram escassos. Para a maioria das enfermidades, os resultados dependiam da recuperação natural do corpo. Aqueles que sofriam de doenças mentais enfrentavam um cenário ainda mais desafiador, pois, além do estresse que podia agravar os sintomas, havia pouca compreensão ou tratamento adequado. Palavras de conforto e ajuda prática eram as únicas formas de

apoio, e para os que tinham doenças mentais graves, a situação era pior, pois permaneciam doentes, muitas vezes confinados em casa ou em asilos.²⁴⁸

O contexto vivido por Lutero encontra paralelos na realidade contemporânea, especialmente no que se refere ao sofrimento físico e social decorrente de crises recorrentes, como guerras, doenças e privações econômicas. Hoje, assim como no tempo de Lutero, o sofrimento humano continua presente e não pode ser ignorado. Segundo Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, embora a ideologia pós-moderna tente mascarar as experiências existenciais como transitórias, o sofrimento humano não deve ser visto como algo passageiro e superficial. Mesmo em um cenário de globalização cultural e velocidade tecnológica, o sofrimento se mantém como uma questão central, que exige clareza e discernimento, impactando todos os setores culturais e religiosos da sociedade atual.²⁴⁹

Esse reconhecimento do sofrimento leva a um aumento no número de pessoas que buscam as igrejas em busca de aconselhamento pastoral. Isso representa uma mudança em relação ao início do século XX, quando o foco estava nas clínicas terapêuticas como solução para sofrimentos, culpas e frustrações. Embora o valor das terapias psicológicas seja amplamente reconhecido, a teologia prática enfatiza a importância de uma assistência pastoral adequada nas igrejas, especialmente voltada às vítimas de tragédias existenciais. Essa assistência tem como objetivo ajudar aqueles que enfrentam sofrimentos inevitáveis a lidar com suas dificuldades.²⁵⁰ Assim como Lutero viveu em um tempo de profundas instabilidades sociais, políticas e religiosas, em que a morte e a incerteza eram constantes, nossa época também é marcada por desafios semelhantes. O sofrimento social, como a pobreza e a desigualdade, continua a afetar profundamente a saúde mental e emocional das pessoas no mundo pós-moderno. Dessa forma, a necessidade de apoio pastoral permanece tão relevante quanto era no tempo de Lutero.

Sathler-Rosa menciona que a insegurança no emprego e a incerteza sobre o futuro aumentam o medo, a ansiedade e a depressão. De acordo com ele, estamos vivenciando uma nova era de desigualdades que intensifica a disparidade entre ricos e pobres. O crescimento da pobreza está relacionado ao fato de que muitas pessoas

²⁴⁸ SAUNDERS, 2023, p. 41-42.

²⁴⁹ ANDRADE, 2016, p. 321.

²⁵⁰ ANDRADE, 2016, p. 322.

não são mais úteis para os processos produtivos modernos e tampouco possuem poder de consumo, sendo, assim, vistas como obstáculos ao progresso e ao bem-estar dos que participam ativamente do mercado. Além disso, a competição, que antes estava restrita à esfera comercial, agora permeia as relações humanas, transformando-se em uma competição excludente que acentua ainda mais as desigualdades.²⁵¹

Nesta mesma ótica, Jessé Souza afirma:

Também é necessário assimilar que a experiência da humilhação é a mais fundamental para a dor e miséria de um ser humano. Afinal, como sabia Hegel melhor do que ninguém, o nosso comportamento não é determinado por necessidades econômicas, como acreditam tanto o liberalismo quanto versões do marxismo. Ele é determinado pela nossa necessidade mais básica de todas: o reconhecimento social de nossa dignidade e singularidade. Sem isso, não temos autoestima. E, sem autoestima, propiciada por uma ideia positiva sobre si a qual é sempre mediada pela percepção dos outros sobre nós, já entramos derrotados na competição social. Não à toa, as doenças da época são a depressão no alcoolismo - causadas, quase sempre, pela falta de autoestima e autoconfiança. Os sinais dos novos tempos estão no cotidiano, emprego mal pago, trabalho precário, culto aos ricos e ódio aos pobres, corte dos gastos sociais (remédios deixam de ser custeados pelo Estado), desorientação e falta crônica de esperança.²⁵²

Essa reflexão sobre o sofrimento e a fragilidade humana diante da falta de reconhecimento conecta-se diretamente com a teologia da cruz de Martinho Lutero. Em seu livro sobre aconselhamento pastoral centrado em Cristo, Rick W. Marrs discute o paradoxo da revelação, destacando a importância de reconhecer a tensão entre o que é revelado e o que permanece oculto acerca de Deus. Ele enfatiza que, para Martinho Lutero, a teologia da cruz envolve a compreensão de um Deus que se manifesta de forma paradoxal, ocultando-se e revelando-se ao mesmo tempo através da cruz de Cristo. Essa perspectiva sublinha a complexidade da revelação divina e a necessidade de aceitar e abraçar os mistérios que transcendem a compreensão humana, confiando na revelação de Deus por meio de Cristo.²⁵³ Em suas palavras,

Quando tentamos entender os aspectos ocultos de Deus, podemos entrar em um abismo de nossos próprios sonhos e fantasias e deixar de ver e apreciar o que Deus nos revelou em Sua Palavra. Deus frequentemente escolheu se comunicar conosco em uma voz calma e suave (1 Reis 19) em vez de domínio e controle. Novamente, vemos isso personificado por Jesus na cruz.²⁵⁴ (tradução nossa).

²⁵¹ SATHLER-ROSA, 2004, p. 19-25.

²⁵² SOUZA, Jessé. **O pobre de direita** – A vingança dos bastardos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024, E-book (236 p.), p. 14.

²⁵³ MARRS, 2019, p. 49.

²⁵⁴ *When we try to understand the hidden aspects of God, we can enter into an abyss of our own dreams and fantasies and fail to see and appreciate what God has revealed to us in His Word. God has often*

Loewenich, destaca que o paradoxo da revelação é fundamental na teologia da cruz de Lutero. Segundo essa visão, Deus se manifesta de forma paradoxal, ocultando-se sob uma aparência contrária. A revelação divina não é facilmente discernível na história, pois Deus se opõe ao mundo marcado pelo pecado, mesmo sendo seu criador. Esse encontro entre Deus e o mundo provoca uma inversão radical de hierarquias. Na teologia da cruz, Deus se revela de forma surpreendente e contrária às expectativas humanas, desafiando noções convencionais de poder e glória. Esse paradoxo enfatiza a natureza misteriosa e transcendente de Deus, que escapa à compreensão humana completa.²⁵⁵

Para Richard C. Eyer, compreender esse paradoxo é essencial para a prática do cuidado pastoral, pois permite que as pessoas conselheiras ajudem os fiéis a interpretar suas experiências de sofrimento à luz da cruz de Cristo, encontrando significado e esperança mesmo nas adversidades. Segundo ele, o paradoxo da revelação pode ser aplicado no aconselhamento pastoral, auxiliando as pessoas a perceberem a presença de Deus em meio ao sofrimento e à dor. Ao reconhecer que a revelação divina frequentemente ocorre de maneira inesperada e contrária às expectativas humanas, os(as) conselheiros(as) podem incentivar seus aconselhados e aconselhadas a encontrar significado e propósito mesmo nas situações mais difíceis. Isso inclui ajudar pessoas a verem a presença de Deus em sua vulnerabilidade, fraqueza e sofrimento, onde Deus se revela de forma mais profunda e transformadora. Além disso, ao utilizar o paradoxo da revelação, pode-se orientar a ver a cruz de Cristo como um símbolo do amor redentor de Deus em meio ao sofrimento humano, mudando a perspectiva em relação ao sofrimento e permitindo-lhes encontrar consolo, esperança e sentido nas situações desafiadoras. Assim, a compreensão do paradoxo da revelação no aconselhamento pastoral pode ser uma fonte de conforto e fortalecimento espiritual para aqueles que enfrentam dificuldades e provações.²⁵⁶

Podemos, desta forma, aplicar o princípio do paradoxo da revelação, que abrange a tensão entre a ocultação e a revelação de Deus, no aconselhamento

chosen to communicate to us in a still, small voice (1 Kings 19) rather than dominance and control. Again, we see this personified by Jesus on the cross. MARRS, 2019, p. 103.

²⁵⁵ LOEWENICH, 1988, p. 45.

²⁵⁶ EYER, Richard C. **Pastoral Care under the Cross**: God in the Midst of Suffering. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1994, p. 48-49.

pastoral de diversas maneiras: Ao reconhecer as limitações da compreensão humana diante dos mistérios divinos, tanto conselheiros e conselheiras quanto aconselhados e aconselhadas podem ser incentivados a cultivar humildade e a confiar na sabedoria e soberania de Deus. Lutero aplicou isso em si mesmo. Segundo Ngien, “por essa razão Lutero considerava a *Anfechtung* um “desespero delicioso”, por ocultar em si precisamente seu oposto — o saboroso consolo de Deus.”²⁵⁷

Outra aplicação prática seria ajudar as pessoas aconselhadas a lidar com as complexidades da vida e da fé, aceitando que nem tudo pode ser totalmente compreendido ou explicado. Assim, o paradoxo da revelação permite a aceitação da complexidade da vida. Além disso, ela é útil no respeito pela individualidade, pois reconhecer a dualidade da revelação divina pode ajudar a respeitar a singularidade de cada pessoa, abordando suas necessidades de maneira holística, considerando tanto as dimensões espiritual quanto emocional.

Eyer, falando deste aspecto prático, diz que uma pessoa exausta pela doença pode eventualmente chegar à conclusão de que a vida é caótica e desprovida de um significado coerente. Segundo Eyer, há o risco de que, ao acreditar que a vida não possui sentido, a pessoa deixe de reconhecer a presença de Deus em tudo o que está acontecendo, tornando-se incapaz de narrar sua experiência pessoal de forma que inclua Deus. A capacidade de auxiliar a pessoa sofredora a construir uma narrativa de seu sofrimento que incorpore o paradoxo da revelação e experiência se desenvolve através de uma escuta atenta e paciente, e ao levantar, de maneira delicada, a questão: “Como você percebe a atuação de Deus em meio a tudo isso?” Assim, Eyer narra a história e experiência do próprio pai como um exemplo desta aplicação prática:

Meu pai levou oitenta anos para montar sua história. Quando ele tinha cinco anos na cidade de Nova York na virada do século XX, ele e sua família planejaram ir a um piquenique da Escola Dominical no barco a remo General Slocum. Quando esse dia chegou, meu pai estava doente e não pôde ir, então ele e seus pais ficaram em casa enquanto centenas de outros, incluindo quase todos os seus parentes, embarcaram no General Slocum para viajar pelo East River. A história registra que o General Slocum pegou fogo e afundou, matando mais de 1.000 pessoas, incluindo a maioria dos parentes do meu pai. A pergunta “Por que fui poupado?” assombrava meu pai. Finalmente, na casa dos oitenta, papai me disse um domingo depois da igreja: “Sabe, acho que a razão pela qual fui poupado foi para que eu pudesse ter você e você pudesse ser pastor”. Pela primeira vez, papai viu a mão de Deus em sua história pessoal de tragédia e concluiu: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (veja Romanos 8:28). É esse “todas as coisas cooperam para o bem” nas mãos de Deus que todo

²⁵⁷ NGIEN, 2017, p. 188.

sofredor deve identificar para contar uma história que o sustente.²⁵⁸ (tradução nossa).

Assim, o uso prático do paradoxo da revelação no aconselhamento pastoral pode servir como um recurso para auxiliar pessoas aconselhadas a enfrentarem as incertezas, dúvidas e desafios da vida. Isso permite que integrem suas experiências pessoais com sua fé, de uma forma que favoreça o crescimento espiritual, a esperança e a resiliência. Desta maneira, ao integrar o paradoxo da revelação em suas práticas, a pessoa conselheira pode promover uma abordagem mais compassiva, centrada em Cristo e baseada na confiança na revelação divina.

No aconselhamento pastoral, o paradoxo entre revelação e experiência é fundamental. Muitas vezes, as pessoas que sofrem esperam encontrar Deus em momentos de triunfo, mas a teologia da cruz mostra que a revelação de Deus se dá principalmente no sofrimento e na fraqueza. Quando se enfrenta crises, dúvidas ou dor, a presença de Deus não deve ser buscada em sinais visíveis de poder, mas na vulnerabilidade da cruz.

5.2.2 Cruz e Glória

A teologia da cruz não oferece conselhos sobre como lidar com dificuldades e tragédias. Para entender essa estrutura teológica, é necessário diferenciá-la da teologia do sofrimento e da teologia da glória. A cruz, antes de ser uma fonte de salvação, é primeiramente uma investida de Deus contra o pecado humano. Esse ataque se manifesta de forma paradoxal, através do sofrimento e morte de Cristo, o que Lutero descreveu como a “obra estranha” de Deus. Esse ataque revela que o pecado reside não na carne, mas em nossas aspirações espirituais e na nossa

²⁵⁸ *My father took eighty years to put his story together. When he was five years old in New York City at the turn of the twentieth century, he and his family had planned to attend a Sunday School picnic on the paddleboat General Slocum. When that day came, my father was sick and unable to go, so he and his parents stayed home while hundreds of others, including nearly all his relatives, boarded the General Slocum to travel up the East River. History records that the General Slocum caught fire and sank, killing over 1,000 people, including most of my father's relatives. The question “Why was I spared?” haunted my father. Finally, in his eighties, Dad said to me one Sunday after church, “You know, I think the reason I was spared was so that I could have you and you could be a pastor.” For the first time, Dad saw God's hand in his personal story of tragedy, and he concluded, “All things work together for good to those that love God” (see Romans 8:28). It is this “all things working for good” at the hands of God that every sufferer must identify in order to tell a story that will sustain him. EYER, 1994, p. 73-74.*

teologia da glória. Portanto, o evento da cruz desafia e contradiz totalmente nosso entendimento religioso tradicional.²⁵⁹

Kolb lembra que Lutero, embora conhecesse profundamente o sofrimento humano, focava sua fé em Deus, agradecendo por sua graça, sustento e por todos os aspectos da vida, incluindo a família, o bom governo, a saúde e a música. Ele enfrentava sofrimentos físicos, emocionais e espirituais frequentemente, mas isso não era o foco central de sua teologia. Para Lutero, a teologia da cruz é o oposto da teologia da glória. As teologias da glória presumem algo sobre a glória de Deus e a glória humana, apresentando um Deus que se conforma aos padrões humanos caídos de sucesso divino e um Deus severo, digno dos imperadores e reis. Lutero via essas teologias como inadequadas porque tentavam moldar Deus à imagem humana.²⁶⁰

Como vimos acima, o paradoxo da cruz e da glória de Lutero fica evidenciado em suas teses debatidas em Heidelberg. A partir deste Debate, Lutero incluiu a teologia da cruz em seus sermões e suas cartas de aconselhamento. Aqui temos mais uma contribuição para a prática do aconselhamento pastoral. No entanto, as cartas e escritos de Lutero “não são exercícios de alguma teodiceia especulativa, como se, com ela, propuséssemos uma defesa e a justificação racional de Deus em face das realidades terríveis do mal e do sofrimento”.²⁶¹

Há cerca de 300 anos, Gottfried Wilhelm Leibniz introduziu o conceito de teodiceia para justificar a existência de Deus em face do mal, buscando reconciliar a crença em um Deus benevolente com a realidade do mal. Embora Martinho Lutero não tenha tratado diretamente dessa questão em sua teologia da cruz de 1518, sua abordagem é relevante para as atuais preocupações sobre a compreensão e a superação do mal, especialmente no Ocidente.²⁶²

O cuidado pastoral de Lutero sob a cruz não tem como objetivo eliminar o sofrimento, mas sim direcionar os fiéis a encontrar a presença de Deus durante esses momentos difíceis. Profissionais da saúde, especialmente aqueles que trabalham com abordagens humanistas e existenciais, também auxiliam os pacientes a lidar com o sofrimento de maneira significativa. Ao mesmo tempo, o cuidado pastoral não se

²⁵⁹ FORDE, 1997, p. 1.

²⁶⁰ KOLB, 2009, p. 36.

²⁶¹ NGIEN, 2017, p. 225-226.

²⁶² KOLB, 2009, p. 46.

restringe a interpretar a ação divina no sofrimento, mas também oferece suporte concreto, acolhimento e direcionamento espiritual. A experiência de impotência permite perceber a presença de Deus, sendo valiosa tanto para a pessoa fiel que sofre, quanto para a pessoa conselheira que compartilha do sofrimento. Jesus também enfrentou aparente derrota, mostrando que a experiência de derrota e desamparo pode conduzir à verdadeira paz e compreensão do significado da cruz.²⁶³

Eyer lembra que

a cruz, como o próprio sofrimento, é um mistério. Por que Deus escolheu se fazer conhecido no meio do sofrimento em uma cruz, só Deus sabe. Talvez, se a especulação for permitida, seja porque é lá que mais precisamos Dele. Ou talvez seja lá que menos esperamos ver Deus, mas Deus vem — em Seus próprios termos, pela graça. Ele não pode ser encurralado por nossa lógica ou teologia.²⁶⁴ (tradução nossa).

Kolb destaca que a teologia da cruz revela a realidade, apresentando a cruz como o local onde Deus se comunica de forma mais profunda com a humanidade. Na cruz, Deus se identifica com o sofrimento humano, e sua sabedoria se manifesta naquilo que o mundo vê como fraqueza. A cruz, assim, transforma o significado do sofrimento e aponta para a ressurreição e nova vida em Cristo. A exclamada frase de Cristo, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46)²⁶⁵ e sua morte na cruz ilustram a conexão de Deus com a humanidade no ponto mais profundo de seu sofrimento e mortalidade. A cruz, mais do que um símbolo de tortura, é um símbolo de morte e ressurreição, onde se compreende a essência de Deus e a verdadeira natureza humana. Isso é importante porque Kolb lembra que a teologia da cruz não se limita ao evento da crucificação, mas inclui a Palavra que transmite o significado e os benefícios desse acontecimento para o povo de Deus. A mensagem da cruz, apesar de parecer insensatez para aqueles que se perdem, é o poder de Deus para a salvação dos crentes (1Co 1.18).²⁶⁶ Lutero defendia que a Palavra de Deus, ao ser proclamada, transforma a realidade. Assim, a cruz e a Palavra criaram novas realidades na criação caída: derrotando Satanás, apagando as acusações da

²⁶³ EYER, 1994, p. 33.

²⁶⁴ *The cross, like suffering itself, is a mystery. Why God chose to make Himself known in the midst of suffering on a cross, God only knows. Perhaps, if speculation is allowed, it is because it is there that we need Him most. Or perhaps it is there that we least expect to see God, yet God does come—on His own terms, by grace. He cannot be cornered by our logic or theology.* EYER, 1994, p. 48-49.

²⁶⁵ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

²⁶⁶ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

lei com o sangue de Cristo, vencendo a morte no túmulo de Cristo e proporcionando uma nova vida para os pecadores ressuscitados com Cristo.²⁶⁷

Desta maneira, a revelação de Deus na cruz demonstra, de um lado, sua identificação com nosso pecado e fraqueza, enquanto, por outro lado, revela nossa união com sua santidade e amor, pois somos moldados à imagem de Cristo através do nosso sofrimento. Ironicamente, é nossa própria fraqueza que nos capacita a reconhecer e aceitar a ajuda de Deus, pois apenas quando reconhecemos nossa total fragilidade e necessidade podemos encontrar verdadeira força. Essa verdade ficou conhecida como “a troca feliz”.²⁶⁸ Como diz Lutero fazendo uso da metáfora do matrimônio em seu tratado sobre a liberdade cristã,

Daí se segue que tudo se lhes torna comum, tanto as coisas boas quanto as más, de modo que a alma fiel pode apropriar e gloriar-se de tudo que Cristo possui como sendo seu, e de tudo que tem a alma Cristo se apropria como se fosse seu. Confirmamos isso, e veremos coisas inestimáveis. Cristo é cheio de graça, vida e salvação; a alma está cheia de pecados, morte e condenação. Intervenha agora a fé, e acontecerá que os pecados, a morte e o inferno se tornam de Cristo, e a graça, vida e salvação são da alma. Pois se ele é o noivo, tem que, simultaneamente, aceitar o que é da noiva e compartilhar com a noiva o que é seu.²⁶⁹

Stephen Pietsch enfatiza que, para aqueles que sofrem de depressão, essa compreensão frequentemente traz um profundo consolo e alívio, já que se sentem incapazes de qualquer coisa além de fraqueza e necessidade, e se consideram espiritualmente arruinados. Aqui está um Deus que está disposto a encontrá-los exatamente onde estão. Através da cruz, seu sofrimento se torna um sinal de que Cristo está unido a eles. Crentes deprimidos às vezes afirmam que se sentem ‘incapazes de crer’, como se ‘Deus simplesmente tivesse desaparecido’ e deixado um vazio em suas vidas. Outros veem Deus apenas através da lente de uma consciência depressiva distorcida, como um juiz irado. Essas pessoas encontram consolo na cruz, onde Jesus foi feito completamente indefeso, abandonado, julgado, condenado e deixado para morrer, com e por elas.²⁷⁰

Por isso, esse contraste entre cruz e glória é essencial para o aconselhamento. A pessoa que aconselha a partir da cruz deve desviar o foco da pessoa aconselhada

²⁶⁷ KOLB, 2009, p. 40.

²⁶⁸ BAYER, 2007, p. 163-166.

²⁶⁹ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. vol. 2. p. 435-460, p. 442.

²⁷⁰ PIETSCH, Stephen. **Of Good Comfort** - Martin Luther's Letters to the Depressed and their Significance for Pastoral Care Today. Adelaide: ATF Theology, 2016, p. 198.

das expectativas de uma vida sem sofrimento e direcioná-la para uma visão mais profunda, onde a cruz de Cristo é central. A glória de Deus se manifesta justamente na cruz, onde ele parece mais fraco. Assim, o aconselhamento deve ajudar a pessoa a interpretar suas lutas diárias sob essa perspectiva: é na cruz que encontramos a verdadeira glória.

5.2.3 *Simul justus et peccator*

A teologia da cruz de Lutero apresenta mais um paradoxo: *Simul justus et peccator*. Rick W. Marrs considera este como o paradoxo fundamental de Lutero para descrever a condição humana: *simul justus et peccator* – simultaneamente santos e pecadores. Warth, por sua vez, diz que essa é a “principal cruz que o cristão precisa carregar: que não pode desfazer-se de sua velha natureza corrompida que não lhe permite chegar à total perfeição. A perfeição do cristão consiste em arrependimento e fé”.²⁷¹

Segundo este paradoxo, embora nunca sejamos livres do pecado nesta vida, Deus não vê nossa pecaminosidade devido à nossa união com Cristo através do batismo. Para Lutero, a cruz de Cristo expõe várias dualidades em tensão, como sabedoria e tolice, fraqueza e força, humilhação e exaltação, revelação e ocultação, honra e vergonha, fé e razão, e Lei e Evangelho.²⁷²

O conceito de *simul justus et peccator* expressa a condição paradoxal do cristão: simultaneamente justo e pecador. Ngien explica que o conceito de *simul justus et peccator* encapsula a tensão entre justiça e pecado na vida cristã. Os crentes são justificados pela graça, mas continuam a lutar contra o pecado. Essa dualidade não é motivo de desespero; ao contrário, fortalece a confiança na obra redentora de Cristo. Para quem aconselha, este conceito proporciona uma visão mais compassiva e realista da vida cristã, encorajando a pessoa aconselhada a confiar na graça e não em sua própria capacidade de superar o pecado. Essa dualidade evidencia que os cristãos são simultaneamente justificados diante de Deus graças à obra redentora de

²⁷¹ WARTH, 2002, p. 87-88.

²⁷² MARRS, 2017, p. 82.

Cristo e pecadores que ainda enfrentam as consequências do pecado em suas vidas.²⁷³

Isso é importante para Ngien porque, para Lutero, o *simul justus et peccator* sublinha a importância de reconhecer a natureza paradoxal da vida cristã, na qual a justiça divina coexiste com a fragilidade humana. Essa tensão não deve gerar desespero, mas sim fortalecer a confiança na graça de Deus e na obra salvífica de Cristo, que supera e redime a condição pecaminosa da humanidade. Ngien conclui argumentando que o conceito de *simul justus et peccator* é fundamental para compreender a teologia de Lutero e para prática do aconselhamento espiritual, pois revela a necessidade de uma fé contínua e humilde na obra redentora de Cristo, mesmo diante das lutas e fraquezas humanas.²⁷⁴

De modo semelhante, para Marrs, o conceito de *simul justus et peccator* é crucial no aconselhamento pastoral. Ele oferece consolo às consciências atormentadas pelos seus pecados e desafia aqueles que acreditam que podem, por sua própria força de vontade, superar o pecado em suas vidas. Isso geralmente ocorre devido à falta de compreensão tanto do novo quanto do velho homem. Conforme as palavras de Marrs:

O conceito de Lutero de *simul justus et peccator* tem muitos usos potenciais para o trabalho de cuidado da alma. Pode consolar, com o Evangelho, aqueles cujas consciências estão concentradas no pecado. Pode desafiar aqueles que pensam que serão capazes, por sua própria vontade e identidade, de eventualmente superar todos os pecados em suas vidas. Por último, pode ajudar-nos a capacitar-nos para vivermos uma vida espiritualmente madura de nova obediência.²⁷⁵ (tradução nossa).

Marrs também faz sugestões de como este princípio enfatizado por Lutero poderia ser utilizado no aconselhamento. Segundo ele, quem aconselha pode ajudar as pessoas a reconhecerem o conflito interno que enfrentam, o qual o Evangelho aborda de maneira clara. Essas dualidades são descritas de várias formas, sendo uma das mais comuns a tensão entre a razão e a emoção, ou entre o pensamento e o sentimento. Alguns aconselhados(as) são excessivamente racionais e tendem a intelectualizar suas dificuldades internas, evitando reconhecer sua vida emocional até

²⁷³ NGIEN, 2017, p. 34.

²⁷⁴ NGIEN, 2017, p. 35-36.

²⁷⁵ *Luther's concept of simul justus et peccator has many potential uses for soul care work. It can console, with the Gospel, those whose consciences are concentrating on sin. It can challenge those who think they will be able, of their own volition and identity, to eventually overcome all sin in their lives. Lastly, it can help empower us to live out the spiritually mature life of new obedience.* MARRS, 2017, p. 88.

para si mesmos. Outros(as), por outro lado, são dominados por suas emoções e têm dificuldade em usar o discernimento racional. Além disso, Marrs aponta outras dualidades comuns na psicologia que incluem motivos conscientes versus inconscientes, o eu ideal versus o eu real, mente versus corpo e locus de controle interno versus externo. Essas categorias são usadas pelos(as) conselheiros(as) para ajudar as pessoas aconselhadas a entenderem, valorizarem e cuidarem de si mesmas de maneira holística. Marrs conclui dizendo que é raro encontrar a utilização deste princípio.²⁷⁶

No entanto, o conceito de *simul justus et peccator* (simultaneamente justo e pecador) pode ajudar a pessoa a lidar com seus fracassos e sentimentos de inadequação. Embora sejamos justificados pela fé, ainda convivemos com o pecado. Esse reconhecimento não deve levar à desesperança, mas sim ao consolo, sabendo que Deus opera mesmo em meio à nossa fraqueza e imperfeição.

5.3 A REALIDADE DA ANFECTHUNG

Embora a teologia da cruz não deva ser limitada a uma perspectiva pastoral apenas sobre o sofrimento, já que ela se refere à forma como todas as interações de Deus com a humanidade são vistas através da cruz, o sofrimento ocupa uma posição central em sua abordagem.²⁷⁷ Como diz Lutero,

Por isso é preciso observar, em primeiro lugar, que Cristo, com seu sofrimento, não somente nos ajudou contra o diabo, a morte e o pecado. Seu sofrimento é também um exemplo que devemos seguir em nosso sofrimento. É claro que nosso sofrimento e cruz não devam ser apresentados como se por eles quiséssemos ser salvos ou alcançar o menor mérito que fosse. Mesmo assim devemos seguir a Cristo no sofrimento, para que nos tornemos iguais a ele; porque Deus decidiu que não só creiamos no Cristo crucificado, mas também sejamos crucificados e sofram com ele, conforme ele o indica claramente em muitas passagens nos evangelhos.²⁷⁸

No entanto, parafraseando Gene Edward Veith Jr., é possível encontrar nas seções de espiritualidade das livrarias prateleiras cheias de livros que oferecem uma vasta gama de técnicas e ensinamentos destinados a solucionar todos os problemas e alcançar o sucesso máximo. Entre as opções estão meditação, disciplinas físicas

²⁷⁶ MARRS, 2017, p. 83.

²⁷⁷ RITTGERS, Ronald K. **The Reformation of Suffering**. Pastoral Theology and Lay Piety in Late Medieval and Early Modern Germani (Oxford Studies in Historical Theology) p. 111-124, p. 111.

²⁷⁸ LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo** - Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984, p. 298.

como a yoga, psicologia popular e princípios de pensamento positivo, todos prometendo capacitar os leitores a alcançar uma vida mais completa. Segundo Veith Jr., esses métodos não só garantem trazer paz e felicidade pessoal, mas, quando aplicados corretamente, também prometem benefícios para a saúde física, desde a perda de peso até a cura de doenças graves como o câncer. As práticas espirituais são apresentadas como ferramentas para melhorar a carreira profissional, a ponto de livros de negócios frequentemente se confundirem com livros espirituais, com mantras de pensamento positivo para alcançar grandes vendas e técnicas como caminhar sobre brasas e visualização criativa.²⁷⁹

É importante destacar que o que Veith Jr. está dizendo revela que esse conteúdo literário tem seu espaço e utilidade em alguns contextos, mas quando são associados ao contexto da fé e da vida cristã tornam-se teologia da glória, pois neste contexto temos uma realidade diferente apresentada pela teologia da cruz: a realidade da *Anfechtung*.²⁸⁰ Como afirma Westhelle, “esta realidade revela nossa fragilidade e vulnerabilidade e dependência de Deus e é, por definição, o oposto de fatalismo ou triunfalismo; ela é, pelo contrário, a prática de entrar no meio de uma batalha contra o sofrimento.”²⁸¹

McGrath esclarece que a *Anfechtung* envolve tanto assaltos espirituais externos quanto a inquietação e dúvida internas que esses assaltos provocam. Lutero via esses ataques como tendo origem em Deus, com o objetivo de minar a autossuficiência das pessoas e levá-las a buscar ajuda divina em seus momentos de aflição. Ele considerava a tentação como um “desespero desejável”, já que, no meio do sofrimento, escondia-se o consolo de Deus. Em suas próprias palavras,

Anfechtung é, portanto, um estado de total desesperança e impotência, apresentando grandes semelhanças com o conceito de *Angst*. Para Lutero, a *Anfechtung* não é apenas um estado subjetivo do indivíduo. Ela consiste de dois elementos: um ataque *objetivo* de forças espirituais ao crente e uma ansiedade e dúvida *subjetivas* que surgem em consequência desses ataques.²⁸²

Kleinig diz que Lutero descreve uma experiência que se diferencia significativamente do que costumamos considerar como uma experiência espiritual.

²⁷⁹ VEITH JR., Gene Edward. **Espiritualidade da cruz: a vida cristã sob a cruz de Cristo**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2015, p. 57.

²⁸⁰ VEITH JR., 2015, p. 62.

²⁸¹ WESTHELLE, 2008, p. 50.

²⁸² MCGRATH, 2014, p. 223.

Ele fala sobre o impacto transformador que a palavra de Deus exerce sobre nós. Sentimos o poder da palavra divina, que, embora comece a agir em nossa consciência, afeta todas as dimensões do nosso ser, incluindo a mente, as emoções e o corpo. A palavra, imbuída do Espírito, nos harmoniza com Deus, moldando-nos à imagem de seu Filho. Não somos nós que internalizamos a Palavra e a adaptamos ao nosso modo de vida; pelo contrário, é a Palavra que nos envolve e nos torna devotos atraindo assim a *Anfechtungen*, ou seja, os sofrimentos.²⁸³

Em seu livro “Lutero como conselheiro espiritual”, Dennis Ngien afirma que Lutero baseava sua abordagem teológica e prática de piedade em três princípios: meditação, oração e tentação (*Anfechtung*). Em particular, a tentação, que ele considerava essencial, levava-o repetidamente a buscar Deus por meio da meditação e da oração. Lutero reconhecia que sua compreensão teológica se aprofundava através das experiências pessoais de tentação, as quais ele considerava fundamentais para a formação teológica genuína.²⁸⁴

Isso é importante porque o que Ngien está dizendo é que em tempos de provação, Lutero valorizava a Palavra de Deus como o fundamento que deveria orientar as orações, leituras e cânticos dos aflitos. Em suas cartas de consolo, Lutero aplicava esses princípios, promovendo a teologia da cruz, que percebe Deus se revelando de maneiras inesperadas e em circunstâncias aparentemente inadequadas, em contraste com a teologia da glória, que associa Deus às conquistas e certezas da vida. Segundo o autor, Lutero acreditava que a tentação era um meio pelo qual Deus conduzia os fiéis à justificação através do evangelho, enfatizando que somente a fé, sem as obras humanas, traz a justificação. Assim, o objetivo final não se limitava a ensinar, mas levar os crentes à salvação, destacando o papel essencial dessas experiências dolorosas no plano divino. Em suas próprias palavras:

A intensidade desses ataques internos pode aumentar muito depois que os crentes são medicados com a palavra de Deus, antes de, finalmente, começar a diminuir. Quando isso acontece, os crentes não devem fazer nada além de esperar e respeitar os princípios mencionados anteriormente. Entretanto, quanto mais séria a tentação, tanto maior é a garantia de que o Diabo será vencido em breve. O Diabo desfere agora seus golpes mais fortes, mas está muito perto de perder o poder sobre os cristãos. Lutero estabeleceu uma analogia a partir do Antigo Testamento: a força da perseguição do faraó contra os israelitas só se tornou mais grave ao se aproximar do fim (Êx 1.8-14). Da mesma forma, o paciente pode sentir-se muito mal ao tomar o remédio, antes de começar a sentir os efeitos de seu poder de cura. As

²⁸³ KLEINIG, 2002, p. 14.

²⁸⁴ NGIEN, 2017, p. 187.

circunstâncias podem tornar-se mais difíceis antes de melhorarem. Portanto, a pessoa atacada deve enfrentar essas graves tentações com o espírito esperançoso e alegre, apegando-se à promessa de que em breve a vitória será a sua porção. Tal promessa estimula a fé mais plena em Cristo.²⁸⁵

Em seu livro sobre a “Espiritualidade da Cruz”, Veith Jr., afirma que “é dito que os cristãos contemporâneos não possuem uma teologia do sofrimento”.²⁸⁶ Assim, segundo ele, o sofrimento é muitas vezes visto como prova da inexistência de Deus, pois se presume que um Deus amoroso e todo-poderoso não permitiria que as pessoas sofressem, mas garantiria a felicidade de todos. Algumas pessoas concluem que, diante da abundância de sofrimento no mundo, Deus não deve existir. Além disso, o sofrimento pode ser interpretado como um sinal de rejeição divina, levando à crença de que cristãos verdadeiros não deveriam sofrer e que, com fé suficiente, Deus lhes garantiria cura, prosperidade e sucesso. Essa visão é característica das teologias da glória, que atualmente sustentam igrejas que prometem saúde e prosperidade financeira com base em princípios bíblicos e atos de fé que supostamente determinam os resultados desejados. Em oposição a isso, a teologia luterana da cruz oferece uma visão teológica do sofrimento que é realista, prática e espiritualmente significativa para a vida cristã.²⁸⁷

Como seres humanos, tendemos a enxergar as coisas de uma perspectiva horizontal.²⁸⁸ Contudo, a palavra de Deus nos mostra que, em Cristo, Deus age de uma maneira totalmente diferente. Muitas vezes acreditamos que Deus está satisfeito conosco quando a vida vai bem e que Ele está descontente quando enfrentamos dificuldades. Entretanto, a teologia da cruz revela que essa não é a visão correta. O paradoxo da *Anfechtung* é fundamental para a justificação dos crentes. Embora os ataques da tentação pareçam estranhos à natureza divina, eles conduzem à justificação, que é essencial para Deus. Ele permite que os crentes reconheçam seus pecados e, através da lei, elimina sua autossuficiência, preparando-os para aceitar a verdadeira obra divina do evangelho. A tentação revela a futilidade da autojustificação e a necessidade de depender da justificação divina. O sofrimento que os crentes enfrentam não é fruto de um Deus vingativo, mas de um Deus gracioso que, através

²⁸⁵ NGIEN, 2017, p. 191.

²⁸⁶ VEITH JR., 2015, p. 63.

²⁸⁷ VEITH JR., 2015, p. 63.

²⁸⁸ MARRS, 2019, p. 39.

da “graça dolorosa”, corrige e transforma, levando-os a confiar completamente em Deus.²⁸⁹

Harold L. Senkbeil lembra que Martinho Lutero não era alheio aos ataques demoníacos. Ele sofria com o que chamava de melancolia crônica, algo que hoje provavelmente identificaríamos como depressão, e frequentemente se encontrava à beira do desespero. Além disso, enfrentava frequentes ataques de autoridades políticas, teológicas e eclesiásticas, vivendo constantemente sob pressão. No entanto, ele via esses ataques, sejam de origem humana ou demoníaca, como uma forma de bênção espiritual. Para Lutero, o diabo era sempre subordinado a Deus, inconscientemente cumprindo a vontade divina. Ele acreditava que, ao atacar o povo de Deus, o diabo inadvertidamente os empurrava a buscar refúgio em Deus e a depender exclusivamente de Sua palavra, que é a fonte de vida agora e eternamente. No entanto, paradoxalmente, esse mesmo ataque pode aproximar ainda mais a pessoa de Deus, cumprindo um propósito positivo.²⁹⁰ Como ele mesmo diz:

Observe a doce ironia: o ataque espiritual serve como pedra de toque da fé. Assim como o ouro e a prata podem ser testados quanto à pureza pela marca que deixam quando pressionados contra uma pedra de toque, a fé é provada genuína quando enfrenta os ataques e assaltos do diabo. O que Satanás pretende para o mal, Deus usa para o bem. Por esses assaltos, passamos da mera compreensão intelectual de sua graça para o desfrute muito pessoal e experimental das dimensões multifacetadas da misericórdia e do amor reconfortantes de Deus. ... Dor, angústia do corpo e da alma, luta emocional e assalto espiritual vêm a todo o povo de Deus. E você pode ter certeza de que eles virão até você — se ainda não o fizeram. Não se assuste se a batalha ficar feroz ou a guerra longa. Isso também passará; a cruz vem primeiro, mas depois a coroa. Como um bom soldado, prepare-se para a luta, sabendo que aquele que começou uma boa obra em você a completará no Dia de Jesus Cristo. Como o Dr. Luther descobriu antes de você, quando o diabo ataca você, o pior que ele pode fazer só vai te ensinar a conhecer e amar a palavra de Deus ainda mais.²⁹¹ (tradução nossa).

²⁸⁹ NGIEN, 2017, p. 217.

²⁹⁰ SENKBEIL, Harold L. **The Care of Souls:** cultivating a pastor’s heart. Lexham Press, 2019, p. 255.

²⁹¹ *Note the Sweet irony: Spiritual assault serves as the touchstone of faith. As gold and silver can be tested for purity by the mark it leaves when pressed against a touchstone, so faith is proven genuine when brought up against the attacks and assaults of the devil. What Satan intends for evil, God uses for good. By these assaults we move from mere intellectual comprehension of his grace to very personal and experiential enjoyment of the multifaceted dimensions of God’s comforting mercy and love. Pain, distress of body and soul, emotional struggle and spiritual assault come to all of God’s people. And you can be sure that they will come to you—if they haven’t already. Don’t be alarmed if the battle gets fierce or the warfare long. This too shall pass; the cross comes first, but afterward the crown. Like a good soldier get ready for the fight, knowing that he who has begun a good work in you will bring it to completion on the Day of Jesus Christ. As Dr. Luther discovered before you, when the devil attacks you the worst he can do will only teach you to know and love God’s word all the more.* SENKBEIL, 2019, p. 256.

Ngien apresenta seis princípios que são reiterados de diversas maneiras e aparecem de forma intercalada nos escritos pastorais de Lutero, onde ele busca abordar a essência e as diferentes manifestações da *Anfechtung* enfrentada por seu povo. Esses princípios servem como diretrizes práticas para enfrentar os desafios espirituais e as adversidades da vida, enfatizando a importância da fé, da confiança em Deus e do poder transformador da Palavra divina para apoiar e fortalecer os crentes durante as tribulações. Os seis princípios de consolo mencionados por Ngien incluem: 1. Aderir à Palavra poderosa de Deus e à comunhão dos santos como fontes de força espiritual nas dificuldades; 2. Seguir o exemplo de obediência de Cristo à vontade do Pai como orientação para enfrentar os desafios; 3. Utilizar o louvor a Deus como cura para as aflições e um meio de fortalecer a fé; 4. Reconhecer o valor dos momentos em que Deus parece oculto durante as tentações, confiando em Sua sabedoria e cuidado; 5. Apelar à firmeza e à fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas, mesmo nos tempos de provação e 6. Entender a Palavra de Deus como uma fonte de consolo e força espiritual, mantendo uma fé autêntica mesmo diante das adversidades.²⁹²

Desta forma, percebe-se que a realidade da *Anfechtung* ensina a dependência exclusiva de Cristo e da sua cruz, oferecendo a chance de sermos testemunhas vivas para os outros. Como vimos no Debate de Heidelberg, Lutero, ao se opor ao escolasticismo, destacou que a vida cristã não é uma obra nossa, mas algo que é feito em nós. Para Kolb, somos receptores passivos da graça de Cristo por meio da teologia da cruz, e a vida cristã é essencialmente uma vida de receptividade. Aplicar essa perspectiva a diversas situações é um grande desafio, tanto para os aconselhados(as) quanto para os(as) conselheiros(as), pois muitas vezes temos dificuldade em aceitar essa verdade. Os crentes veem na cruz um lembrete de que questionar por que Deus não os trata melhor é uma falsa questão. As expectativas humanas não devem exigir mais do que Deus prometeu. Sua promessa final trará o fim do mal, mas, até lá, ele promete estar presente em meio ao mal, não o eliminar. Não devemos ter expectativas menores de nós mesmos do que Deus tem. A promessa de Deus de vida e seu amor constante são suficientes, trazendo esperança, alegria e paz, incentivando a

²⁹² NGIEN, 2017, p. 188-191.

resistência ao mal e oferecendo uma base firme no amor demonstrado por Cristo na cruz.²⁹³

Para Lienhard, a cruz não é apenas o método escolhido por Deus para se revelar. Ela também simboliza a resistência de Satã contra a obra redentora de Deus e ao anúncio do evangelho. Desta forma se produz perseguições, sofrimentos, divisões, tentações etc. Por isso, a teologia da cruz deve ser compreendida neste contexto histórico e teológico, pois viver sob a cruz é aceitar não ser nada diante de Deus, vivendo como alguém agonizante que sempre prevê a morte. “A cruz não é somente uma questão de teologia, mas também de espiritualidade, pois quem não é um “*crucianus*” (crucificado) não é um “*christianus*” (cristão)”.²⁹⁴ No entanto, é fundamental destacar que, na perspectiva de Lutero, “Cristo é para nós sobretudo dom, antes de ser modelo. É Cristo somente quem nos salva, e não nosso sofrimento.”²⁹⁵ Portanto, como diz Lutero apontando para o futuro, nossa atitude diante do sofrimento deve ser esta: “Dirigirmos nossa atenção maior para as promessas de que nossa cruz e provação deverão ser mudadas para o bem, como jamais teríamos desejado ou sequer pensado.”²⁹⁶

Desta maneira, segundo Eyer, a finalidade do cuidado pastoral sob a cruz não é remover o sofrimento, mas sim orientar as pessoas a encontrarem Deus em meio a ele. Embora outros profissionais, como médicos(as), enfermeiros(as), terapeutas, técnicos(as) e conselheiros(as), sejam chamados por Deus para aliviar o sofrimento até certo ponto, o cuidado pastoral foca-se na presença divina durante a dor. Seu objetivo é ajudar aquele que sofre a perceber a presença de Deus em sua aflição. Compreendendo isso, podemos afirmar que a experiência de derrota e a sensação de impotência são, na verdade, benéficas. Jesus passou por aparente derrota e impotência, e chamamos isso de Sexta-Feira Santa. O sofrimento nos coloca aos pés da cruz onde os sofredores descobrem o significado da cruz e a paz que “excede todo entendimento”. A derrota é o caminho da cruz, mas, paradoxalmente, a derrota reconhecida com fé transforma-se em vitória.²⁹⁷

²⁹³ KOLB, 2009, p. 50-51.

²⁹⁴ LIENHARD, 1998, p. 293.

²⁹⁵ LIENHARD, 1998, p. 294.

²⁹⁶ Pelo Evangelho de Cristo, 1984, p. 301.

²⁹⁷ EYER, 1994, p. 33.

Por isso, a pessoa conselheira interpreta o sofrimento com a lente da cruz num processo em que a pessoa é guiada para enxergar a presença de Deus em meio às dificuldades. Lutero, em seu Prefácio ao Livro de Jó de 1545²⁹⁸, destaca que o livro de Jó discute o sofrimento dos fiéis e questiona se Deus também permite que os justos enfrentem aflições. Jó afirma que Deus pode atormentar até os piedosos sem motivo aparente, apenas para sua própria glória, como Jesus confirma em João 9.3 ao falar do cego de nascença. Seus amigos, no entanto, tentam justificar a justiça divina com uma visão humana e limitada, argumentando que Deus só castiga aqueles que pecaram. Embora, em seu desespero, Jó fale contra Deus e peque em meio ao sofrimento, ele não erra ao afirmar que não merecia mais sofrimento do que outros. No desfecho, Deus o repreende por suas palavras precipitadas, mas confirma que ele estava certo ao refutar a lógica de seus amigos.

Para Lutero, a mensagem central do livro de Jó é que apenas Deus é verdadeiramente justo, ainda que uma pessoa possa ser justa diante de outras e até mesmo perante Deus. Além disso, Jó serve de consolo para aqueles que sofrem, pois mostra que até os maiores santos podem tropeçar em meio à adversidade. Inicialmente, Jó louva a Deus mesmo após perder seus bens e filhos, mas quando a morte parece iminente e Deus se torna silencioso, sua angústia o leva a questionar tudo. Esse é o ponto alto do livro: revelar como o sofrimento extremo pode fazer até os mais fiéis sentirem que Deus não é um Pai misericordioso, mas um juiz severo. Essa experiência só pode ser plenamente compreendida por aqueles que já enfrentaram a dor sob o aparente silêncio de Deus.²⁹⁹

Essa perspectiva espiritual revela que Deus está presente no sofrimento, com o objetivo de fortalecer a fé e proporcionar esperança. No entanto, apenas aliviar a ansiedade de uma pessoa sem abordar o sofrimento em si pode representar uma perda de oportunidade crucial de crescimento espiritual. Simplesmente tentar eliminar o sofrimento pode levar à teologia da glória. A teologia da cruz, por outro lado, auxilia a pessoa a entender seu relacionamento com Deus durante o sofrimento. É significativo que Deus tenha escolhido vir até nós na pessoa de seu Filho, Jesus

²⁹⁸ LUTERO, Martinho. Prefácio ao Livro de Jó. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, vol. 8, p. 32-33.

²⁹⁹ Obras Seleccionadas 8, 2003, p. 33.

Cristo, em meio ao seu sofrimento na cruz. Aprender a carregar nossas próprias cruzes com fidelidade também é de grande importância.³⁰⁰

No entanto, Pietsch alerta para o fato de que a teologia pastoral da cruz precisa ser distinguida de “masoquismo cristão”, uma interpretação distorcida da fidelidade e paciência cristã no sofrimento, que considera o sofrimento em si como uma virtude espiritual. Essa perspectiva do sofrimento frequentemente decorre de uma teodiceia que interpreta o sofrimento humano como uma forma de Deus quebrar nosso orgulho ou mostrar nossa impotência, presumindo que Deus se engrandece ao nos diminuir, ou que ele se agrada de nossa aflição pelo que ela é. Na visão de Lutero sobre o sofrimento humano à luz da cruz, ocorre o contrário: o próprio Deus (em Cristo) é quem se quebra, por e com a humanidade.³⁰¹

Hoje, muitos enfrentam crises existenciais que não encontram resposta em uma fé superficial. A teologia da cruz oferece um espaço para o conselheiro pastoral entrar em diálogo com a pessoa sobre as profundas angústias que Lutero chamou de *Anfechtung*. Essas lutas internas e dúvidas sobre a fé são, na verdade, elementos cruciais para a vida cristã. Ao invés de afastar-se de Deus em momentos de dúvida e angústia, a pessoa aconselhada é convidada a trazer essas lutas para o centro do relacionamento com Deus. A teologia da cruz compreende que essas crises são momentos de crescimento espiritual. Ao invés de interpretar a *Anfechtung* como sinal de fracasso espiritual, a pessoa conselheira pode guiar a pessoa sofredora a ver esse momento como uma oportunidade de transformação, onde Deus trabalha no coração do ser humano, mesmo que de maneira oculta.

5.4 A REALIDADE DA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

Como visto acima, a teologia da cruz revela a realidade das coisas e uma das nuances reveladas por ela é a esperança escatológica, pois como observa Lienhard, a espiritualidade da cruz representa essencialmente uma vida de fé, onde os crentes seguem por caminhos onde não enxergam nada. Dessa forma, a teologia e a

³⁰⁰ EYER, 1994, p. 44-45.

³⁰¹ PIETSCH, 2016, p. 199.

espiritualidade da cruz são direcionadas ao futuro, guiando a existência cristã rumo à esperança.³⁰²

Loewenich lembra que a existência dupla da pessoa cristã não pode ser permanente, pois a tensão inevitavelmente precisa ser aliviada. A existência oculta deve ser revelada, o que nos leva a reconsiderar a natureza escatológica da teologia da cruz. Assim, diz Loewenich, como a contradição entre o Deus oculto e o Deus revelado se resolverá quando a fé se transformar em visão, também chegará o momento em que a condição cristã deixará de ser marcada pela ocultação, o antigo homem será superado, e o “Cristo vive em mim” poderá ser afirmado sem restrições.³⁰³

Westhelle em seu livro “O Deus escandaloso, o uso e abuso da cruz”, ao falar da cruz como gesto epistemológico, diz que ela coloca a pergunta a respeito do relacionamento entre a cruz e o sofrimento em outra chave, pois não é necessário negar nem o sentido sacramental nem o caráter exemplar que ela representa.³⁰⁴ Assim, ele propõe uma revisitação às estações da cruz. Nesta proposta, ele faz um resgate histórico recordando o exercício espiritual franciscano das Estações da Cruz, também conhecido como Via Sacra. Este exercício consistia em recriar simbolicamente o trajeto de Jesus carregando a cruz até o Calvário. O trajeto era composto por 14 estações, cada uma representando eventos específicos da Paixão de Cristo, desde sua condenação por Pilatos até seu sepultamento. Devotos percorriam fisicamente essas estações em igrejas ou ao ar livre, meditando sobre o significado de cada evento e refletindo sobre o sacrifício de Jesus. Essa prática profunda de piedade visava fortalecer a fé e a devoção dos participantes, ajudando-os a compreender melhor o sacrifício de Cristo e o amor redentor de Deus.³⁰⁵

De acordo com a sua reflexão, Westhelle destaca que o exercício terminava no ponto em que o corpo de Jesus é colocado no sepulcro. Assim, o resultado era o que chamou de dolorismo, pois a ressurreição não estava incluída no itinerário. Além disso, o exercício espiritual das Estações da Cruz pode se tornar um padrão predefinido que racionaliza a experiência da cruz, perdendo a imprevisibilidade e a interrupção necessárias. Westhelle continua enfatizando a importância de manter uma

³⁰² LIENHARD, 1998, p. 293-295.

³⁰³ LOEWENICH, 1988, p. 116.

³⁰⁴ WESTHELLE, 2008, p. 95.

³⁰⁵ WESTHELLE, 2008, p. 167.

postura de abertura e questionamento diante do sofrimento, evitando a domesticação do mistério. Segundo ele, é essencial permanecer receptivo às razões da esperança em meio às dificuldades, sem ceder ao irracionalismo ou ao cinismo.³⁰⁶

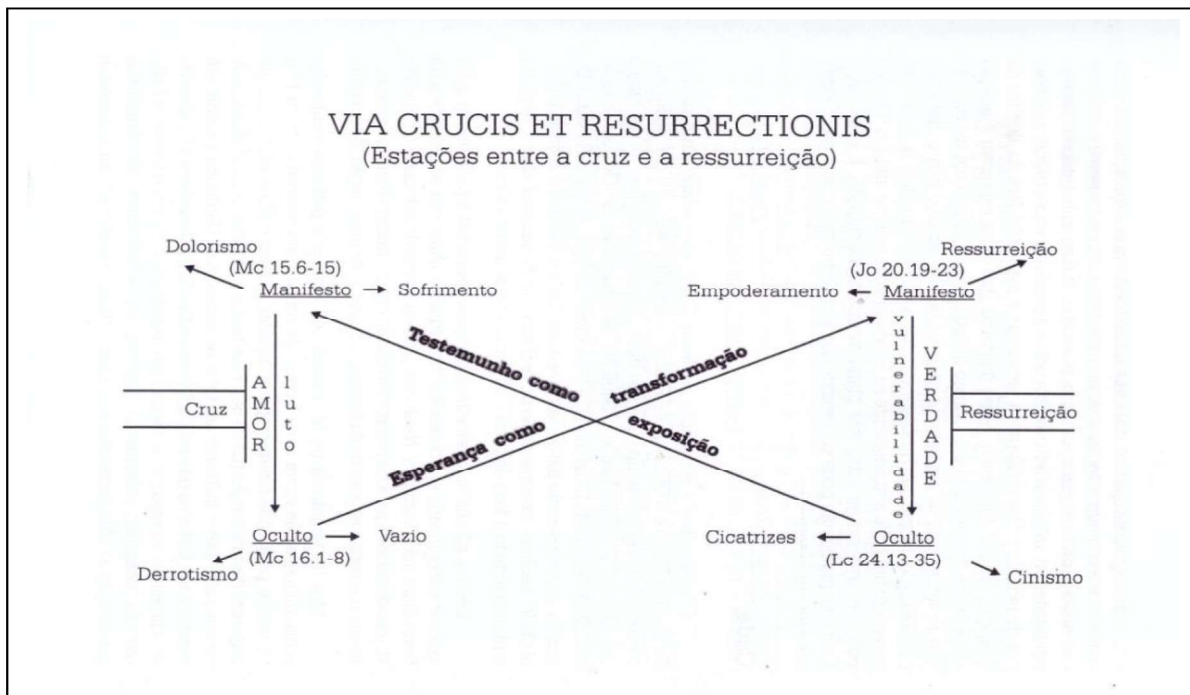
Esta prática é descrita por Westhelle como uma “teoria da ressurreição” com um itinerário diferente (o itinerário da cruz e ressurreição), indicando que, mesmo em meio ao sofrimento, há uma jornada em direção à esperança e à vida. Sua intenção é alertar para as consequências da relação existente entre a pessoa e a cruz propondo quatro posições itinerantes possíveis e a necessidade de prosseguir neste itinerário, pois a permanência num destes pontos produz o que ele chama de dolorismo (a cruz manifesta); derrotismo (a cruz oculta); ressurreicionismo (a ressurreição manifesta) e cinismo (a ressurreição oculta). Westhelle faz um diagrama para representar graficamente essas “estações”:

identificam-se quatro estações, cada uma das quais corresponde a um lugar diferente em que nos encontramos em relação à cruz. Cada seta em movimento indica como continuar a se mover e não ficar retido por uma estação, onde as setas que se movem para fora designam quatro problemas que cercam a teologia da cruz: dolorismo, derrotismo, ressurreicionismo e cinismo. As setas apontadas para dentro descrevem a experiência que temos que possuir (sofrimento, vazio, empoderamento e cicatrizes). As setas verticais indicam movimentos que implicam amor e luto, verdade e vulnerabilidade. Por fim, as setas que se cruzam indicam o movimento da esperança para a transformação e do testemunho para a exposição. Todo o diagrama é flanqueado pela cruz e ressurreição, que emolduram seus limites externos, sugerindo um paradigma para emoldurar nossa própria existência entre o amor e o falar a verdade (*parrhesia* ou *satyagraha*).³⁰⁷

³⁰⁶ WESTHELLE, 2008, p. 167-180.

³⁰⁷ WESTHELLE, 2008, p. 180.

Imagem 01 - Diagrama *Via Crucis et Resurrectionis*.



Fonte: WESTHELLE, 2008, p. 181.

Como conclusão, Westhelle propõe a manutenção de uma atitude de questionamento, abertura e cuidado ao percorrer as Estações da Cruz, reconhecendo a ressurreição como um elemento fundamental desse caminho espiritual. Desta maneira, “uma teologia da cruz é sempre o outro lado de uma prática da ressurreição, e uma prática da ressurreição é o outro lado de uma teologia da cruz”³⁰⁸, ou seja, “a conexão da ressurreição com a cruz é uma peregrinação ao sepulcro. A surpresa vem quando se realiza um trabalho de amor e luto.”³⁰⁹ Nas palavras de Kolb,

A teologia da cruz envolve não apenas a cruz em si, como o local do evento que determinou a história humana. Envolve também a Palavra que transmite esse evento e seus benefícios ao povo de Deus. A palavra da cruz é loucura para os que estão perecendo; essa palavra é o poder de Deus para aqueles a quem Ele salva por meio dela. Lutero acreditava que, quando Deus fala, a realidade resulta. A cruz e a Palavra que a entrega criaram uma nova realidade dentro da criação caída de Deus: uma nova realidade para Satanás (pois Deus pregou as acusações da lei na cruz e as tornou ilegíveis ao mergulhá-las no sangue de Cristo); uma nova realidade para a morte (pois ela foi colocada em repouso eterno no túmulo de Cristo); uma nova realidade para os pecadores (pois eles foram enterrados, também, no túmulo de Cristo e ressuscitaram para uma nova vida através da morte e ressurreição do Crucificado).³¹⁰ (tradução nossa).

³⁰⁸ WESTHELLE, 2008, p. 128.

³⁰⁹ WESTHELLE, 2008, p. 130.

³¹⁰ *The theology of the cross involves not only the cross itself, as the locus of the event that has determined human history. It involves also the Word that conveys that event and its benefits to God's people. The word of the cross is folly to the perishing; this word is God's power for those whom he saves through it. 15 Luther believed that when God speaks, reality results. The cross and the Word*

Como se percebe, a teologia da cruz revela a realidade da esperança escatológica. Da mesma forma, a esperança escatológica também envolve uma teologia da cruz, reconhecendo o sofrimento presente enquanto aguardamos a redenção final. Lutero faz um belo comentário sobre esta realidade:

Mediante o Batismo, porém, somos restituídos a uma vida de esperança, ou melhor, a uma esperança de vida. Pois a verdadeira vida é unicamente aquela que se vive diante de Deus. Antes de chegarmos a ela, estamos no meio da morte, morremos e apodrecemos na terra, como os outros cadáveres, como se não houvesse vida em lugar nenhum. Mas nós, que cremos em Cristo, temos a esperança de que seremos ressuscitados no último dia para a vida eterna.³¹¹

Em seu artigo intitulado “A Proeminência da *Parousia*” Jeffrey A. Gibbs, sugere uma visão corretiva para a Igreja no que diz respeito a esperança cristã. Ele está convencido de que o sofrimento persistente no mundo indica a importância de uma teologia da cruz focada na esperança futura. Como ele mesmo diz:

É uma bendita verdade que a obra passada e completa de Cristo é suficiente e que Ele providencia nosso sustento através dos meios da graça. Mas você está ouvindo os gemidos de sofrimento? Nossos ouvidos não devem jamais perder a capacidade de ouvir tais gemidos. Você está ouvindo o gemido da criação? A fome continua sendo uma triste realidade (lembramos especialmente alguns países na África) e pessoas estão realmente morrendo de fome. Se vivêssemos em algumas partes da África, ouviríamos melhor. E por todo o mundo – doença e enfermidade. [...] No Oriente Médio, radicais continuam, apesar de negociações de paz, a trazer a violência para minar o processo. O desemprego, as drogas e a miséria estão bem perto de nós. O número de mortes de crianças não nascidas, pelo aborto, é imenso e para muitas pessoas o maior dos mandamentos é “Não tirarás meu direito de escolher”. Vivemos num mundo que precisa de esperança, em uma criação que é incapaz de manifestar a paz de Deus.³¹²

Gibbs sugere que os cristãos devem renovar suas mentes e não se conformar com a era atual, adotando uma perspectiva escatológica que reconheça a persistência do sofrimento enquanto aguardam a redenção final. Isso significa viver a teologia da cruz, aceitando a tensão entre o “já” e o “ainda não” do reino de Deus. Embora já redimidos, ainda esperamos a redenção final. “O reino de Deus já veio: os discípulos de Jesus não podem jejuar porque o noivo está aqui e a festa de casamento está

that delivers it have created a new reality within God's fallen creation: a new reality for Satan (since God nailed the law's accusations to the cross and rendered them illegible by soaking them in Christ's blood); a new reality for death (since it was laid to eternal rest in Christ's grave); a new reality for sinners (since they were buried, too, in Christ's tomb and raised to new life through the death and resurrection of the Crucified One). KOLB, 2009, p. 40.

³¹¹ Obras Seleccionadas 12, 2014, p. 213.

³¹² GIBBS, Jeffrey A. A Proeminência da *Parousia*. **Igreja Luterana**, São Leopoldo, v. 65, n. 1, p. 28-43, junho, 2006, p. 30.

pronta – venha para a festa! Mas as dez virgens têm de esperar e vigiar, pois o noivo ainda não chegou e a festa do casamento ainda está para começar.”³¹³

Nesta mesma linha argumentativa, Martin Hoffmann entende que a esperança escatológica age não apenas como fonte de consolo, mas também como motivação para que os crentes enfrentem as injustiças do presente, refletindo o Reino de Deus em ação. Ele observa que a esperança escatológica não é uma espera passiva, mas um chamado à ação transformadora no mundo. Esta visão sustenta uma abordagem pastoral voltada à resiliência e ao suporte prático para aqueles em situação de marginalização, resistindo à resignação frente ao sofrimento. Hoffmann ainda destaca que a tensão entre o 'já' e o 'ainda não' do Reino de Deus impulsiona os cristãos a praticarem a justiça e a solidariedade enquanto aguardam a redenção final, convocando quem aconselha a ajudar o aconselhado a entender seu sofrimento sob a luz da cruz, promovendo uma esperança que inspire transformação tanto pessoal quanto comunitária.³¹⁴ Como diz Jürgen Moltmann, a esperança está preparada para enfrentar a cruz do presente. Ela tem a capacidade de suportar a morte e esperar pelo inesperado. Esta esperança aceita o dinamismo da vida e valoriza a história, pois seu Deus não é uma entidade estática e atemporal, mas sim o Deus “que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem”.³¹⁵

Warth chama a atenção para o fato de que o apóstolo Paulo argumenta que a esperança cristã é sem sentido sem a certeza de uma vida futura e da ressurreição do corpo (1Co 15.12-14)³¹⁶, o que invalida teologias focadas apenas nas expectativas terrenas. Ele critica a ideia de que o reino de Deus pode ser construído neste mundo e que sua glória pode ser manifestada aqui e agora. Em vez disso, o reino de Deus se manifesta onde o Espírito Santo acende a fé, mas permanece oculto sob a cruz e a vida imperfeita dos cristãos neste século.³¹⁷

Desta maneira, percebe-se que a teologia da cruz, revelando a realidade da esperança escatológica, pode contribuir para o aconselhamento pastoral diante do

³¹³ GIBBS, Jeffrey A., 2006, p. 32.

³¹⁴ HOFFMANN, Martin. Fuentes de la Teología Práctica Escritura, tradición, experiencia y praxis. In: DOLLINGER, Angel Eduardo Román-López (Ed.) **Teología Práctica Latinoamericana y Caribeña: Fundamentos Teóricos**. Costa Rica: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2022, p. 105-132, p. 127-131.

³¹⁵ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005, p. 48.

³¹⁶ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

³¹⁷ WARTH, Martim C. **A Vida Cristã**. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2004, p. 119.

maior problema humano: a morte. A percepção consciente e racionalizada em relação à morte é considerada como provável origem da consciência religiosa.³¹⁸ Segundo Antonio Magalhães e Rodrigo Portela, a ideia de uma continuidade da vida humana após a morte tem sido um tema central na maioria das religiões e em suas doutrinas de salvação. Desde tempos remotos, a religião tem servido não apenas como uma forma de dar sentido à vida, mas também como uma maneira de encontrar significado na morte. Essas questões são antigas, mas continuam sendo relevantes hoje. Enquanto a morte existir, essas perguntas persistirão.³¹⁹

Para Kolb, a morte é apenas um sintoma do problema mais profundo. Outros sintomas incluem a repulsa pelos próprios fracassos, o desânimo causado pela antipatia ou apatia dos outros, e a deterioração da saúde, memória ou reputação. No entanto, o pecado é a questão central. Ele é o problema original, a raiz da inimizade entre o Criador e a criatura humana rebelde. O pecado representa a rejeição de Deus e de seus padrões para a humanidade, sendo essa rejeição a forma mais fundamental de pecaminosidade.³²⁰

Forde apresenta a teologia da cruz como a verdadeira e última fonte de otimismo humano porque sempre pressupõe a ressurreição. Em suas palavras:

Devemos sempre ter em mente, ao refletir sobre textos como o Debate de Heidelberg, que a ressurreição está sempre associada à cruz. A questão fundamental do Debate é como alcançar a justiça que nos permitirá estar diante de Deus. Trata-se, em última análise, de ressurreição, mesmo quando a palavra não é explicitamente mencionada. De fato, não é possível ter uma teologia da cruz sem a ressurreição. Os ataques poderosos lançados contra até mesmo as melhores obras humanas, que levam o pecador à morte, simplesmente não seriam possíveis se a ressurreição não fosse pressuposta. Alguns teólogos da cruz parecem receosos de falar sobre a ressurreição porque aparentemente temem que isso atenuará a "tragédia" implacável da cruz e seu ataque. Mas ocorre o contrário. Sem a ressurreição, os teólogos sempre serão tentados a suavizar o ataque para deixar espaço para algum otimismo, alguma esperança de sobrevivência do velho eu. Eles acabam contando doces mentiras, chamando o mau de bom e o bom de mau. Sem a ressurreição, os teólogos não podem falar a verdade sobre a condição humana e, sem ouvir e confessar essa verdade, não temos esperança, não temos ressurreição. Para que uma ressurreição aconteça, deve haver primeiro uma morte. A verdade deve ser ouvida e confessada; então há esperança. Uma nova vida pode começar e, com ela, um novo senso de autoestima pode florescer. Esse é o objetivo final do Debate de Heidelberg.

³¹⁸ MAGALHÃES, Antonio; PORTELA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado** – Reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2012, p. 56.

³¹⁹ MAGALHÃES; PORTELA, 2012, p. 57-58.

³²⁰ KOLB, 2009, p. 42-43.

Pois, no fim, chegamos, como veremos, ao amor de Deus, que cria do nada.³²¹

Assim, a cruz revela a realidade de todas as coisas, inclusive quem nós somos e seremos e quem é Deus. Kolb diz que na cruz, Deus é visto em sua verdadeira justiça, que se manifesta como misericórdia e amor. Na cruz, os seres humanos devem ser vistos como aqueles que merecem morrer eternamente, mas que agora, através da morte batismal, têm a vida que Cristo dá através da sua ressurreição, para sempre. A teologia da cruz de Lutero não exclui a ressurreição; pelo contrário, ela é impossível sem ela, pois não se pode compreender a profundidade da crucificação sem a ressurreição. Jesus morreu por uma única razão: para que o seu povo pudesse ter vida humana em sua plenitude. Só aos pés da cruz se pode descobrir a verdadeira identidade humana. Kolb lembra que Lutero entendeu que a vida cristã não é definida pelas concepções terrenas de sucesso ou sofrimento, desgraça ou bênção, mas sim moldada por Cristo e sua cruz. A cruz de Cristo mostra que seu povo não precisa temer nenhum de seus inimigos, nem mesmo a própria morte.³²²

Desta maneira, a esperança escatológica percebida a partir da teologia da cruz pode contribuir significativamente para o aconselhamento de enlutados, doentes e outros que enfrentam sofrimento. Kellemen afirma que a teologia da cruz proposta por Lutero oferece uma solução para as ansiedades e sofrimentos da vida, ressaltando que a esperança na consumação final proporciona paz e consolo àqueles que enfrentam situações difíceis, como luto ou enfermidades. Ele sublinha que a esperança escatológica encoraja os aconselhados a confiarem em Deus e em Suas promessas, em vez de focarem nas dificuldades momentâneas. Para Kellemen, é essencial direcionar os aconselhados para a esperança na ressurreição e na vida

³²¹ *We should always bear in mind in pondering texts like the Heidelberg Disputation that resurrection is always taken together with the cross. The fundamental question of the Disputation is how to arrive at that righteousness that will enable us to stand before God. It is about resurrection, finally, even when the word is not explicitly spoken. Indeed, it is not possible to have a theology of the cross without resurrection. The powerful attacks launched against even the best of human works that put the sinner to death would simply not be possible if the resurrection were not presupposed. Some theologians of the cross seem afraid to bring in talk of resurrection because they apparently fear it will mitigate the unrelieved "tragedy" of the cross and its attack.¹⁹ But the opposite is the case. Without the resurrection theologians will always be tempted to tone down the attack in order to leave room for at least some optimism, some hope for the survival of the old self. They end by telling sweet lies, calling the bad good and the good bad. Without the resurrection theologians cannot speak the truth about the human condition, and without hearing and confessing such truth we have no hope, no resurrection. For a resurrection to happen, there must first be a death. The truth must be heard and confessed; then there is hope. A new life can begin, and with it a new sense of self-worth can blossom. That is the ultimate aim of the Heidelberg Disputation. For in the end we arrive, as we shall see, at the love of God, which creates anew out of nothing.* FORDE, 1997, p. 17-18.

³²² KOLB, 2009, p. 44.

eterna, aspecto central da teologia da cruz, pois essa esperança permite que os enlutados superem a dor atual, confiando no futuro glorioso prometido por Deus.³²³

Dentro desta mesma perspectiva, Eyer aborda a ressurreição como um ponto central da fé cristã, enfatizando que ela abrange tanto a alma quanto o corpo. Ele ressalta que essa promessa divina oferece esperança e consolo aos fiéis, especialmente em momentos de dor e perda. Adicionalmente, Eyer salienta que a ressurreição é um elemento essencial da salvação, abrangendo tanto a cura espiritual quanto física. Ele argumenta que a ressurreição de Cristo serve como garantia de que os crentes também participarão da ressurreição e vida eterna, fornecendo um sentido de propósito e esperança em meio às adversidades. Assim, a esperança escatológica da ressurreição é entendida como um evento transformador que não apenas assegura a vida após a morte, mas também confere significado à vida presente, incentivando os crentes a viverem com fé e esperança, mesmo diante do sofrimento e da morte.³²⁴

Pode-se compreender a atuação de Deus no contexto do sofrimento como algo que vai além da simples dor física, envolvendo os significados que atribuímos a essa experiência. A partir de uma perspectiva da teologia da cruz, a solidariedade de Deus com o sofrimento humano é vista como um acolhimento divino da dor da criação no próprio ser de Deus. Nesse sentido, a cura ou salvação é o reconhecimento do clamor humano no sofrimento, que se manifesta no acolhimento corporal e encarnado da dor como sendo também a dor de Deus. Essa transformação da dor em nova vida ocorre através desse reconhecimento e acolhimento. A narrativa do mistério pascal, que retrata a trajetória de sofrimento e morte até a ressurreição, confere novo significado às experiências de terror e angústia, tanto em nível pessoal quanto comunitário. A ressurreição, assim, torna-se um sinal de vida nova, superando não apenas o pecado, mas todas as formas de sofrimento e vitimização das criaturas.³²⁵

Nos dias de hoje, muitos perdem a esperança em um mundo marcado por injustiças, crises ambientais, guerras, e tantas outras formas de sofrimento. No entanto, a teologia da cruz oferece uma visão escatológica que não ignora essas realidades, mas as enxerga à luz da promessa de Deus de redenção e renovação. A cruz nos lembra que a última palavra não é o sofrimento nem a morte, mas a

³²³ KELLEMEN, 2017, p. 1.191.

³²⁴ EYER, 1994, p. 129.

³²⁵ WHITE, Pamela Cooper, 2012, p. 28-29.

ressurreição e a nova criação que Deus traz. Assim, no aconselhamento pastoral, é importante lembrar que, apesar das circunstâncias difíceis, a esperança em Cristo é a base que sustenta a fé.³²⁶ A pessoa conselheira deve ajudar as pessoas a olharem para além do sofrimento presente, a partir da cruz de Cristo, para a promessa da vida eterna e da restauração completa, apontando para a cruz como símbolo de esperança em meio à dor.

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das contribuições da teologia da cruz para o aconselhamento pastoral revela uma base sólida e transformadora para o cuidado espiritual na comunidade de fé. Neste contexto, destaca-se a importância de uma abordagem que valorize os paradoxos da vida cristã, o enfrentamento das crises de fé e a esperança escatológica. A teologia da cruz oferece uma perspectiva profunda sobre o sofrimento humano, proporcionando ao conselheiro não apenas a função de um guia, mas a responsabilidade de ser um canal de consolo e graça divina.

Em um mundo contemporâneo repleto de crises, desigualdades e busca por sentido, o aconselhamento pastoral encontra na teologia da cruz um fundamento que vai além da simples intervenção terapêutica, conduzindo o indivíduo ao encontro de um Deus que se revela no sofrimento. Conforme Lutero, o verdadeiro consolo está na cruz de Cristo, onde dor e glória coexistem na experiência cristã. O conselheiro da cruz não oferece soluções baseadas no sucesso mundano, mas direciona o aconselhado à revelação de Deus nas sombras da dor e da dúvida. Além disso, a teologia da cruz convida a uma postura pastoral que reconhece a *Anfechtung* (crise espiritual) como parte do caminhar da fé, transformando-a em oportunidade de aproximação divina. Esse encontro com Deus no sofrimento permite ao aconselhado perceber seu valor à luz do Evangelho, oferecendo não apenas uma resposta à crise presente, mas também uma esperança duradoura enraizada na promessa escatológica. Dessa forma, ao integrar esses princípios ao aconselhamento pastoral, este se torna um espaço sagrado onde sofrimento e redenção se entrelaçam, promovendo uma compreensão mais profunda e transformadora da vida cristã.

³²⁶ WESTHELLE, 2008, p. 171.

6 POIMÊNICA E ACONSELHAMENTO PASTORAL³²⁷ BRASILEIRO

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Após analisarmos os modelos de aconselhamento apresentados no primeiro capítulo desta dissertação e investigarmos as contribuições da teologia da cruz, especialmente a partir do Debate de Heidelberg, voltaremos nossa atenção à realidade brasileira. O objetivo é implementar um aconselhamento pastoral contextualizado, que considere as dimensões psíquicas, corporais, sociais e espirituais de forma integrada, adaptando-se ao contexto social e cultural do país.

Embora seja limitador restringir-se apenas ao cenário brasileiro, faz-se necessário refletir sobre como a teologia da cruz pode dialogar e contribuir especificamente para o aconselhamento pastoral no Brasil. O processo de urbanização, aliado às transformações políticas e sociais, gera mudanças significativas na prática teológica, que se afasta do modelo europeu e passa a ser moldada pelas realidades da América Latina.³²⁸

Nesse contexto, adotamos como inspiração o modelo trinitário de aconselhamento, que propõe um método de ver-julgar-agir, inspirado pela teologia da libertação. Nele, a pessoa conselheira analisa a situação da pessoa aconselhada, reflete teologicamente e com base nas ciências humanas, e age de forma adequada, buscando alinhar a prática pastoral à ação transformadora de Deus na vida das pessoas.³²⁹ A escolha deste modelo de inspiração se justifica porque

[...] o modelo trinitário de compreender a comunicação do evangelho no aconselhamento pastoral é o mais adequado e equilibrado, pois consegue diferenciar e relacionar o agir divino e o agir humano na comunicação. Consegue estabelecer uma relação entre as dimensões psicológicas, sociais e culturais da comunicação humana com a dimensão da transcendência, a comunicação do amor de Deus. Consegue integrar a herança poimênica da Reforma com as descobertas da teologia da libertação.³³⁰

³²⁷ Neste texto os conceitos “Aconselhamento Pastoral” e “poimênica” serão tratados como sinônimos, uma vez que poimênica é um termo que se origina do grego e significa o ato de pastorear ou de cuidar o rebanho (povo de Deus).

³²⁸ ADAM, Júlio C.; STRECK, Valburga S.; HERBES, Nilton E. Teologia Prática na Escola Superior de Teologia: um legado a ser explorado. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 227-248, 2016, p. 228.

³²⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 318-320.

³³⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 320.

Desta forma, a proposta é usarmos um novo modelo, o modelo que chamaremos de Aconselhamento Pastoral Cruciforme, pois para Lutero “a cruz torna-se um lócus epistemológico, o lugar privilegiado da auto-revelação do próprio Deus; ela é mais do que um evento passado em que se realizou expiação ou um exemplo moral para uma vida virtuosa”.³³¹ O símbolo da cruz não tem a intenção de conduzir o processo do aconselhamento para uma veneração de um suposto sofrimento redentor numa espécie de dolorismo ou derrotismo.³³² Aqui é fundamental destacar que adotaremos a perspectiva de Lutero, onde “Cristo é para nós sobretudo dom, antes de ser modelo. É Cristo somente quem nos salva, e não nosso sofrimento.”³³³ Portanto, como diz Lutero apontando para o futuro, nossa atitude diante do sofrimento deve ser esta: “Dirigirmos nossa atenção maior para as promessas de que nossa cruz e provação deverão ser mudadas para o bem, como jamais teríamos desejado ou sequer pensado.”³³⁴

6.2 CONCEITUAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME

O Modelo de Aconselhamento Pastoral Cruciforme é uma abordagem de cuidado espiritual fundamentada nas três realidades da teologia da cruz – a presença de paradoxos, a luta espiritual (*Anfechtung* - termo alemão usado por Lutero para descrever a luta espiritual intensa e o confronto com a dúvida e o sofrimento) e a esperança escatológica – que orienta a pessoa aconselhada a enfrentar o sofrimento com realismo, acolher a luta com fé e abraçar a esperança com firmeza. Estruturado no método hermenêutico **ver-julgar-agir**,³³⁵ este modelo oferece uma prática pastoral enraizada na cruz de Cristo, que reconhece as tensões da vida, acolhe o sofrimento como parte da jornada cristã e conduz a pessoa aconselhada à esperança final na redenção.

Cada fase do processo visa respeitar e interpretar o sofrimento à luz da cruz, promovendo uma compreensão espiritual das dificuldades vividas e uma ação

³³¹ WESTHELLE, 2008, p. 120.

³³² WESTHELLE, 2008, p. 85.

³³³ LIENHARD, 1998, p. 294.

³³⁴ Pelo Evangelho de Cristo, 1984, p. 301.

³³⁵ HOFFMANN, 2022, p. 128-130.

resiliente fundamentada na promessa escatológica. No **ver**, a pessoa conselheira acolhe a dor e as contradições da vida tomando consciência da própria identidade e analisando a realidade; no **julgar**, interpreta essas experiências com discernimento espiritual e teológico verificando as opções e avaliando segundo a compatibilidade com a teologia da cruz; e no **agir**, orienta a pessoa aconselhada para uma esperança ativa e transformadora verificando a viabilidade das ações e sinalizando o Reino de Deus. Assim, tanto a pessoa conselheira como a aconselhada caminham juntas na aceitação da hermenêutica da cruz como o caminho para a redenção e para uma vida plena, oferecendo um suporte espiritual sólido e transformador.

6.3 ESTRUTURAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME

O Modelo de Aconselhamento Pastoral Cruciforme está estruturado nas três realidades reveladas a partir da teologia da cruz, conforme abordadas na dissertação (paradoxos, *Anfechtung* e esperança escatológica):

6.3.1 Realidade dos Paradoxos - Acolhimento da complexidade

Descrição: Esta fase reconhece a vida cristã como uma experiência paradoxal, onde a cruz e a glória coexistem, e a pessoa conselheira é chamada a acolher as realidades contrastantes presentes na vida da pessoa aconselhada. Como Lutero sugere com o conceito de *simul justus et peccator* (simultaneamente justo e pecador), o aconselhamento precisa equilibrar a natureza dual das experiências de fé e sofrimento. O conceito de *simul justus et peccator*, ou simultaneamente justo e pecador, expressa a condição humana segundo Lutero. Embora ainda sejamos pecadores, Deus não vê nossa pecaminosidade devido à nossa união com Cristo pelo batismo. Para Lutero, a cruz expõe várias dualidades: sabedoria e tolice, fraqueza e força, humilhação e exaltação. Essa tensão, longe de causar desespero, fortalece a confiança na graça de Deus e na obra salvífica de Cristo.³³⁶

- **Objetivo Prático:** Criar um espaço onde a pessoa aconselhada se sinta segura para expor suas angústias, fraquezas e também seus sentimentos de

³³⁶ MARRS, 2017, p. 82.

esperança, reconhecendo que ambos são aspectos válidos e coexistentes de sua experiência (2Co 4.7-10; Rm 7.19-20).³³⁷ A prática do aconselhamento aqui envolve ouvir com empatia e sem julgamentos, reconhecendo que a vida sob a cruz significa experimentar bênçãos e desafios simultaneamente.

6.3.2 Realidade da *Anfechtung* - Enfrentamento do sofrimento e da luta espiritual

Descrição: A *Anfechtung* ou luta espiritual representa os momentos de dúvida, dor e desespero, onde a pessoa aconselhada pode se sentir desamparada. Quem aconselha precisa agir como um *Seelsorger*, ou seja, alguém que como Lutero, está profundamente comprometido com o cuidado das almas redimidas de Cristo, agindo não de forma abstrata, mas como um pastor caloroso, atento e, quando necessário, firme em sua abordagem para com as pessoas que pastoreava.³³⁸ Destaque para as funções pastorais fundamentais, cura (relacionada à restauração da saúde emocional e espiritual do indivíduo, auxiliando-o a enfrentar problemas e sofrimento, com o intuito de recuperar seu bem-estar); sustentação (focada em oferecer apoio a pessoas que enfrentam situações difíceis e inevitáveis, especialmente quando não há uma solução imediata, buscando dar-lhes força e encorajamento para seguir adiante em meio ao sofrimento); orientação (oferecer aconselhamento espiritual e moral, ajudando o indivíduo a tomar decisões em conformidade com a vontade de Deus e os princípios cristãos); e reconciliação (processo de restauração de relacionamentos quebrados, tanto com Deus quanto com outras pessoas, promovendo o perdão e a reintegração na comunidade de fé).³³⁹ Ao seguirmos os passos de Cristo, enfrentaremos sofrimentos, provações e tentações, ou *Anfechtungen*, como Lutero os chamou. O nosso sofrimento, de fato, não pode ser visto isoladamente dos sofrimentos de Cristo.³⁴⁰

- **Objetivo Prático:** Oferecer consolo e apoio para que a pessoa aconselhada encontre recursos espirituais que a sustentem em sua jornada. A pessoa

³³⁷ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

³³⁸ KRAUS, George. Luther the Seelsorger. *Concordia Theological Quarterly*. v. 48, n. 2 & 3, April-July, p. 153-163, 1984, p. 153.

³³⁹ CLEBSCH, WILLIAM A.; JAEKLE, Charles R. *Pastoral Care in Historical Perspective – An Essay With Exhibits*. New Jersey: Prentice-Hall, p. 32-66, 1964.

³⁴⁰ BRÄUTIGAM, 2019, p. 74.

conselheira pode auxiliar a pessoa aconselhada a expressar seus questionamentos e temores em uma prática espiritual autêntica, validando sua dor sem oferecer soluções simplistas (Sl 22.1-2; 2Co 1.8-9).³⁴¹ Essa fase também envolve guiar a pessoa aconselhada para encontrar significado e um fortalecimento de fé por meio da comunhão com Cristo crucificado, reconhecendo que ele compartilha e redime o sofrimento humano.

6.3.3 Realidade da Esperança Escatológica - Condução à esperança e à restauração

Descrição: A última dimensão da teologia da cruz aponta para a esperança escatológica, a perspectiva de redenção e restauração final em Cristo. Esta fase do modelo enfatiza a promessa de que o sofrimento presente será transformado em alegria e paz plenas no futuro escatológico. O ponto aqui é ajudar a pessoa aconselhada a renovar sua mente e não se conformar com a era atual, adotando uma perspectiva escatológica que reconheça a persistência do sofrimento enquanto aguardam a redenção final. Isso significa viver a teologia da cruz, aceitando a tensão entre o “já” e o “ainda não” do reino de Deus.³⁴² Como diz Jürgen Moltmann, a esperança está preparada para enfrentar a cruz do presente. Ela tem a capacidade de suportar a morte e esperar pelo inesperado. Esta esperança aceita o dinamismo da vida e valoriza a história, pois seu Deus não é uma entidade estática e atemporal, mas sim o Deus “que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem”.³⁴³

- **Objetivo Prático:** Conduzir a pessoa aconselhada a uma visão de esperança fundamentada na promessa da ressurreição e da vida eterna (Rm 8.18; Ap 21.4).³⁴⁴ Através de palavras e práticas que reforçam essa esperança, quem aconselha oferece uma perspectiva que vai além do sofrimento momentâneo, incentivando a pessoa aconselhada a viver com confiança e propósito, sustentado pela certeza de que a cruz é o caminho para a vitória final.

³⁴¹ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

³⁴² GIBBS, Jeffrey A., 2006, p. 32.

³⁴³ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005, p. 48.

³⁴⁴ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

Esta estrutura do modelo de aconselhamento pastoral cruciforme, com base nas três realidades da teologia da cruz, oferece um caminho para enfrentar o sofrimento com realismo, acolher a luta com fé e abraçar a esperança com firmeza. De igual forma, este modelo encoraja uma prática pastoral profundamente enraizada na cruz, que reconhece as tensões, acolhe o sofrimento e conduz a pessoa aconselhada à esperança escatológica, oferecendo um suporte espiritual sólido e transformador. Veremos agora a aplicação deste modelo no processo do aconselhamento. A mensagem central da cruz ultrapassa o evento da crucificação de Jesus e não se limita ao fato histórico da execução romana. Ela revela o modo pelo qual Deus nos criou, nos resgata e restaura o seu Reino. Essa mensagem é uma expressão da restauração que Cristo realiza em nosso relacionamento com Deus e uns com os outros.

6.4 APLICAÇÃO DO MODELO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME

6.4.1 Realidade dos Paradoxos – Ver: acolher a complexidade da vida no contexto brasileiro

A experiência de vida no Brasil muitas vezes revela uma coexistência entre realidades conflitantes, onde o sofrimento e a fé, a pobreza e a esperança, a marginalização e a dignidade divina se entrelaçam. A partir dos paradoxos da teologia da cruz, a pessoa conselheira ajuda a pessoa aconselhada a entender que esses elementos aparentemente opostos não são necessariamente sinais de fracasso espiritual, mas fazem parte da vida cristã. Ao ver e acolher a pessoa sofredora, quem aconselha busca reconhecer e validar essas contradições, interpretando-as à luz da cruz. Convém destacar para nossa reflexão que, conforme Kolb, a cruz oferece à humanidade a melhor visão do ser humano e da natureza divina, revelando o *modus operandi* de Deus, sua maneira de lidar com o mal e reivindicar a humanidade.³⁴⁵

Júlio Cezar Adam e Dionata Rodrigues de Oliveira descrevem o Brasil como um país profundamente influenciado pela religião, especialmente pelo catolicismo, que tem desempenhado um papel central desde a conquista ibérica no século XVI. A

³⁴⁵ KOLB, 2009, p. 42.

religiosidade no Brasil, como em outros países da América Latina, está enraizada no cotidiano, permeando aspectos da política, economia, arte e até questões de corpo e sexualidade. Eles apontam que esse cenário religioso é muitas vezes exuberante e até excessivo, evidenciando uma mistura de práticas religiosas que englobam elementos modernos, pré-modernos e pós-modernos.³⁴⁶

Os autores destacam também a significativa pluralidade religiosa do Brasil. Mesmo durante o período de domínio católico, houve a incorporação de tradições religiosas africanas, trazidas pelos escravos, e das práticas indígenas, o que resultou em um hibridismo e sincretismo religioso notável. Esse cenário, onde o sagrado e o profano se mesclam no cotidiano, inclui práticas como sacrifícios, comunicação com espíritos e incorporações espirituais.³⁴⁷

No caso do protestantismo, que começou a se expandir a partir do século XIX com a chegada de missionários e imigrantes evangélicos, inicialmente houve resistência ao sincretismo. No entanto, mesmo as igrejas protestantes acabaram absorvendo aspectos híbridos em suas práticas, ainda que de maneira menos visível. O surgimento do pentecostalismo, no final do século XIX e início do século XX, representou uma virada importante, superando o catolicismo em algumas regiões e se consolidando como um fenômeno religioso, cultural e social relevante.³⁴⁸

Além da forte presença religiosa, Adam e Oliveira ressaltam que o contexto brasileiro é marcado por profundas desigualdades sociais, exploração humana e dos recursos naturais. As ditaduras militares no século XX exacerbaram esse quadro, tentando frear mudanças sociais. Parte das igrejas colaborou com o sistema repressivo, enquanto outros segmentos se opuseram, defendendo grupos marginalizados como indígenas, negros e trabalhadores rurais. Nesse cenário, a Teologia da Libertação surge como uma resposta às injustiças sociais, influenciando a Teologia Prática ao focar na ação concreta.³⁴⁹ Contudo, os autores observam que, com o tempo, a Teologia da Libertação perdeu espaço diante do crescimento do pentecostalismo, especialmente o neopentecostalismo, que promove teologias

³⁴⁶ ADAM, Júlio C.; OLIVEIRA, Dionata R. Aspectos e tendências da teologia prática no contexto brasileiro e latino-americano. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 31, n. 106, p. 92-112, 2023, p. 94.

³⁴⁷ ADAM; OLIVEIRA, 2023, p. 95.

³⁴⁸ ADAM; OLIVEIRA, 2023, p. 96.

³⁴⁹ ADAM; OLIVEIRA, 2023, p. 96.

moralistas e de prosperidade individual, ganhando força tanto no âmbito religioso quanto no político e midiático do Brasil.³⁵⁰

De acordo com o sociólogo Jessé Souza, a realidade brasileira é marcada por uma profunda desigualdade social que não se restringe a aspectos econômicos, mas também a um processo de marginalização simbólica e cultural. Souza descreve uma sociedade dividida, onde uma classe de indivíduos, que ele chama de “ralé estrutural”, é excluída sistematicamente das oportunidades sociais, educacionais e econômicas. Essa “ralé”, composta por milhões de brasileiros, é invisibilizada e tratada como inferior, tanto pela elite quanto pelo senso comum da classe média, que perpetuam a ideia de que o sucesso é resultado do mérito individual, e o fracasso, uma falha pessoal.³⁵¹

Para Souza, a desigualdade no Brasil é mantida por meio de uma ideologia que valoriza a meritocracia, justificando a posição das classes mais privilegiadas como fruto de sua capacidade e esforço, enquanto culpa os marginalizados por sua própria exclusão. No entanto, ele argumenta que essa visão ignora as condições sociais e estruturais que impossibilitam a ascensão social dos pobres, como a falta de acesso à educação de qualidade e a exclusão de oportunidades culturais. Além disso, Souza critica a naturalização dessa desigualdade por meio de narrativas que conectam o fracasso dos pobres a uma suposta falta de mérito ou vontade de se superarem.³⁵²

A realidade brasileira descrita por Souza é uma sociedade onde as classes alta e média (20% da população) desfrutam de privilégios que lhes permitem não apenas melhores condições materiais, mas também o controle sobre os recursos simbólicos, como o conhecimento e os códigos culturais, enquanto “a ralé” (80%) é mantida em uma posição de subordinação, explorada e desumanizada, sem acesso aos mesmos recursos e oportunidades. Ele também destaca que essa exclusão estrutural é perpetuada por meio de um sistema que explora a “ralé” como “corpos” destinados ao trabalho desvalorizado e mal remunerado, muitas vezes relacionado a funções subalternas, como o trabalho doméstico ou subempregos. Esse processo desumaniza

³⁵⁰ ADAM; OLIVEIRA, 2023, p. 97.

³⁵¹ SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira** – Quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 122.

³⁵² SOUZA, 2019, p. 43.

essas pessoas, limitando suas chances de ascensão e perpetuando um ciclo de sofrimento agudo, pobreza e exclusão social.³⁵³

Assim como identificado por Jessé Souza, a sociedade brasileira possui uma classe de indivíduos estruturalmente excluídos dos benefícios sociais e econômicos que outras classes experimentam. Eles não apenas enfrentam a pobreza material, mas também sofrem uma exclusão simbólica, sendo vistos como “menos dignos”, “incapazes” ou até mesmo como “ameaças” à ordem social. Essa exclusão produz sofrimento e tem profundas implicações psicológicas, emocionais e espirituais, exacerbando o sofrimento e levando à perda de dignidade humana.³⁵⁴

Na teologia da cruz, Lutero reconhece que o cristão é chamado a viver sob a cruz, enfrentando a dor e a provação (*Anfechtung*) como parte da vida cristã. No entanto, o sofrimento não é apenas uma questão individual; ele também é profundamente social, pois a queda em pecado afetou todo o planeta. As estruturas de poder e privilégio que criam e mantêm a exclusão social, como descrito por Souza, são parte do “mundo caído” que a teologia da cruz denuncia. Assim como Cristo sofreu injustamente, muitos são chamados a suportar injustiças sociais que estão enraizadas na estrutura desigual da sociedade gerada pelo pecado.³⁵⁵

Assim, a teologia da cruz oferece uma perspectiva para interpretar a experiência do sofrimento da exclusão. Ao reconhecer que a exclusão social é um sofrimento, o aconselhamento pastoral é chamado a lidar não apenas com o sofrimento emocional e espiritual dos indivíduos, mas também com a injustiça sistêmica que perpetua esse sofrimento. Segundo Hoch, a pessoa conselheira, portanto, precisa agir como um agente de solidariedade, ajudando os marginalizados a encontrar dignidade no meio da exclusão e denunciando as estruturas sociais que reforçam a desigualdade. Como ele diz,

A poimênica latino-americana não pode se limitar a ministrar apenas a indivíduos, pois, enquanto procura ajudar uma pessoa, centenas de outras estarão sofrendo os efeitos lesivos de uma sociedade e de um sistema político e econômico que gera toda sorte de dificuldades e problemas. [...] A propósito, não podemos esquecer que a palavra de Deus por nós proclamada é “filtrada” em nossas experiências, nossos limites humanos e no que agita as nossas mentes ao recebermos alguém que busca o cuidado pastoral. É preciso contar sempre com a sabedoria que vem do Espírito de Deus, tendo

³⁵³ SOUZA, 2019, p. 122.

³⁵⁴ SOUZA, 2024, p. 14.

³⁵⁵ Obras Seleccionadas 12, 2014, p. 220-221.

presente, que somos imperfeitos e em permanente débito para com a graça de Deus.³⁵⁶

6.4.1.1 Revelação e Experiência: “compreender” Deus na realidade cotidiana

Descrição: No paradoxo da revelação e experiência, a teologia da cruz afirma que Deus se revela de forma oculta nas realidades ordinárias e difíceis da vida. No Brasil, onde as pessoas podem enfrentar situações que vão desde dificuldades econômicas até a exclusão social, o conselheiro auxilia a pessoa aconselhada a ver que Deus está presente mesmo nas lutas. Ao acolher a pessoa sofredora, a pessoa conselheira oferece uma perspectiva de que a experiência da dor e da luta não oculta a presença de Deus, mas pode ser uma revelação de sua proximidade de forma misteriosa e profunda.

- **Objetivo Prático:** Ajuda-se a pessoa aconselhada a enxergar que sua vida, mesmo em meio a dificuldades, carrega a presença de Deus. Quem aconselha pode compartilhar narrativas bíblicas onde Deus agiu de forma oculta, como na vida de Jó ou de José,³⁵⁷ para reforçar que o sofrimento não é ausência de Deus, mas pode ser um canal de revelação e experiência divina.

6.4.1.2 Cruz e Glória: perceber a realidade do sofrimento como parte da caminhada cristã

Descrição: Para Lutero, o paradoxo entre cruz e glória é essencial. Ele defende que a glória divina se manifesta na cruz, e não por meio de poder ou sucesso mundano. No contexto brasileiro, onde prosperidade é frequentemente associada a bênçãos, o aconselhamento pastoral orienta os fiéis a reconhecer que a fé genuína se fortalece nos desafios, e a glória de Deus se manifesta de forma paradoxal na cruz, em contraste com a noção humana de uma vida "vitoriosa".

- **Objetivo Prático:** Quem aconselha orienta a pessoa aconselhada a ver que o sofrimento e a dificuldade fazem parte da caminhada cristã e que Deus não está distante dos que sofrem. Através de passagens bíblicas e orações, quem aconselha mostra que a glória de Deus se revela na fraqueza e na dependência

³⁵⁶ HOCH, 2019, p. 153.

³⁵⁷ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

de Deus, como no caso do apóstolo Paulo (1Co 1.18; 2Co 4.8-10, 12.9-11; Fp 3.10-11),³⁵⁸ ajudando o aconselhado a aceitar a cruz como parte de sua vida sem perder a fé ou sentir-se abandonado.

6.4.1.3 *Simul Justus et Peccator: viver a tensão entre santidade e pecaminosidade*

- **Descrição:** O conceito de *simul justus et peccator* (simultaneamente justo e pecador) reflete o entendimento de que o cristão vive em uma constante tensão entre a santidade e a pecaminosidade. No contexto brasileiro, onde muitos enfrentam lutas pessoais, falhas e sentimento de culpa, a pessoa conselheira auxilia a pessoa aconselhada a aceitar essa dualidade. A pessoa aconselhada é encorajada a ver que, embora seja redimida por Cristo, ela continua enfrentando o pecado e a imperfeição, e isso não diminui sua identidade em Deus.
- **Objetivo Prático:** Oferecer uma visão de que a pessoa sofredora é amada por Deus mesmo com suas falhas e que o caminho cristão envolve uma luta contínua (Rm 7.15-25; Gl 5.17; 1Jo 1.8-9).³⁵⁹ Este é um auxílio para que a pessoa aconselhada possa viver em paz com sua condição, lembrando-a de que a justificação em Cristo é um dom constante, mesmo em meio às fraquezas.

Ao **ver** e aplicar esses paradoxos, a pessoa conselheira acolhe a complexidade da vida e pratica a escuta atenta e respeitosa estabelecendo um espaço de acolhimento onde quem é aconselhado pode expor livremente suas lutas, medos e esperanças. Essa prática pastoral visa: validar a experiência do aconselhado; compreender a fé como caminho de luta e crescimento e reforçar da identidade cristã no contexto do pecado e da graça. Este ponto estabelece o alicerce para que a pessoa aconselhada se sinta segura, acolhida e compreendida, preparando-a para as etapas subsequentes do aconselhamento pastoral cruciforme.

³⁵⁸ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

³⁵⁹ **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

6.4.2 Realidade da *Anfechtung* – Julgar: discernir a presença de Deus em meio ao sofrimento social e pessoal

A experiência da *Anfechtung* ou luta espiritual, conforme abordada na teologia da cruz, reflete os momentos em que a pessoa se sente desamparada, em dúvida e fragilizada. No contexto brasileiro, quem aconselha deve ter em mente as condições sociais e pessoais que intensificam essa luta, como a desigualdade, a violência, o racismo e a exclusão social. Assim, ao julgar, a pessoa conselheira busca ajudar a pessoa aconselhada a discernir a presença de Deus no sofrimento, validando sua dor e oferecendo-lhe novas perspectivas.

Lothar Carlos Hoch ressalta que a poimênica deve compreender a pessoa em seu contexto, considerando os ambientes de origem e retorno. A escuta cuidadosa é crucial para entender a complexidade do indivíduo em suas várias dimensões (pessoal, familiar, social, física, psíquica e espiritual). Nesse sentido, a Poimênica ganha maior significado quando a pessoa conselheira transcende o gabinete de trabalho e envolve-se diretamente com a realidade delas. Compreender o contexto maior em que os fiéis vivem é essencial para interpretar corretamente o que eles expressam e sentem.³⁶⁰

Segundo Hoch, além da escuta, a poimênica tem o desafio de discernir quando deve consolar e quando deve questionar. Ela deve atuar de forma dialética, assumindo um papel tanto pastoral quanto profético, denunciando injustiças e opressões que afetam as classes sociais mais vulneráveis. Ao adotar essa postura, a Poimênica não apenas ministra consolo, mas também promove a transformação social, sempre fundamentada no Evangelho de Cristo. A poimênica, assim, precisa abordar diferentes formas de sofrimento de maneira adequada, diferenciando as crises pessoais das crises estruturais. Ela deve ajudar as pessoas a identificar suas responsabilidades e a lidar com as causas de seu sofrimento, seja no nível individual ou coletivo. A Igreja deve se preocupar tanto com os pecados que as pessoas cometem quanto com os pecados que elas sofrem, exercendo seu papel de forma libertadora e transformadora.³⁶¹

³⁶⁰ HOCH, 2019, p. 149.

³⁶¹ HOCH, 2019, p. 149-150.

Souza critica duramente a noção de meritocracia, que sustenta que o sucesso e o fracasso são produtos exclusivamente do esforço individual, ignorando as condições sociais e históricas que moldam a vida das pessoas. Ele afirma que a meritocracia é um mito que encobre a verdadeira natureza das desigualdades sociais, transferindo a culpa pelo fracasso dos sistemas sociais para os próprios indivíduos.³⁶²

A teologia da cruz de Lutero faz uma crítica semelhante à *theologia gloriae*, ou teologia da glória, que busca a presença de Deus nos sinais de poder, sucesso e prosperidade. A teologia da glória, com a meritocracia tão apregoada no contexto brasileiro, valoriza a força, o prestígio e o sucesso visíveis, enquanto a teologia da cruz revela Deus precisamente na fraqueza, no sofrimento e no aparente fracasso. “No Brasil popular, a visão neopentecostal – que tem influenciado outras tradições protestantes – se manifesta no avanço do consumo, do empreendedorismo, da meritocracia, da competitividade, do individualismo e da busca da eficiência”³⁶³ como garantia de sucesso. Assim, ao invés de ver o sucesso material e social como sinal da bênção divina, a teologia da cruz enfatiza que Deus se revela naquilo que o mundo despreza — na cruz de Cristo, no sofrimento humano, e nos marginalizados.³⁶⁴

Na prática do aconselhamento pastoral, essa crítica pode ser expandida para questionar as visões populares que associam o sucesso material à bênção divina, algo muito presente na pregação da prosperidade apregoada tanto pela teologia como pela sociedade de consumo. A pessoa conselheira pode ajudar as pessoas a enxergar que, na lógica do Reino de Deus, não é o sucesso ou o prestígio que define o valor de alguém, mas sim a graça incondicional de Deus em Cristo Jesus. Ao confrontar a meritocracia, a pessoa conselheira desafia os paradigmas sociais que marginalizam as pessoas e afirma que o amor de Deus não é condicionado ao status social ou ao mérito individual. Isso ajuda a redimensionar a experiência de sofrimento, removendo o estigma social que a meritocracia impõe aos fracassados oferecendo uma nova identidade para a pessoa sofredora.³⁶⁵

A teologia da cruz de Lutero oferece uma resposta única ao sofrimento humano, revelando que Deus está presente no meio da dor e da injustiça, e não apenas na

³⁶² SOUZA, 2024, p. 73.

³⁶³ SPYER, Juliano. **Povo de Deus** - Quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração, 2020, p. 162.

³⁶⁴ KOLB, 2009, p. 42.

³⁶⁵ KOLB, 2009, p. 44.

prosperidade e no poder. Para Lutero, a cruz é o lugar onde Deus se faz mais acessível, justamente porque ali ele compartilha o sofrimento humano em sua forma mais aguda. No contexto da exclusão social descrito por Souza, os excluídos carregam os fardos de uma sociedade que os desumaniza e os relega a uma posição de subexistência. O aconselhamento pastoral, portanto, pode utilizar a teologia da cruz que reconhece esse sofrimento como um lugar onde Deus também está presente, oferecendo não apenas conforto espiritual, mas também um chamado à ação transformadora.³⁶⁶

Desta forma, o papel da pessoa conselheira é duplo: primeiro, ela deve ajudar os marginalizados a reconhecer que seu sofrimento não é um sinal da ausência de Deus, mas sim um lugar onde Deus pode ser encontrado. Segundo, profeticamente ela pode ser uma voz ativa na denúncia das estruturas sociais que perpetuam o sofrimento. A teologia da cruz, nesse sentido, não é apenas uma teologia de consolo, mas também uma teologia de resistência contra as injustiças que causam sofrimento. Essa resistência pode ser articulada na prática pastoral por meio de ações concretas de solidariedade com os pobres, os excluídos e os marginalizados, apontando para uma teologia que vai além da mera contemplação e se traduz em ação social.³⁶⁷

6.4.2.1 Validar a dor e a luta de quem sofre

- **Descrição:** No Brasil, muitos vivem com o peso de um sofrimento constante, seja por questões econômicas, familiares ou emocionais. Ao julgar, quem aconselha precisa reconhecer o contexto e a profundidade desse sofrimento, sem minimizá-lo ou oferecer respostas simplistas. A luta espiritual é um processo que reflete a busca por sentido, e o conselheiro deve validar a experiência do aconselhado, reconhecendo o impacto real de suas circunstâncias.
- **Objetivo Prático:** A pessoa conselheira utiliza a teologia da cruz para explicar que o sofrimento não é um sinal de abandono divino, mas um lugar onde Deus se encontra oculto (Sl 34.18, 56.8; 2Co 1.3-4, 4.17-18; Hb 4.15).³⁶⁸ Essa validação oferece consolo e ajuda a pessoa aconselhada a perceber que suas

³⁶⁶ KOLB, 2009, p. 50-51.

³⁶⁷ HOCH, 2019, p. 152-153.

³⁶⁸ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

dores são compreendidas e que sua fé pode ser fortalecida em meio à luta sem que haja um conformismo pragmático com o sofrimento.

6.4.2.2 Oferecer uma perspectiva de esperança na comunhão com o Cristo sofredor

- **Descrição:** O sofrimento no Brasil muitas vezes é agravado pela ausência do Estado que intensifica uma sensação de desamparo e abandono. Assim, quem aconselha, ao julgar, ajuda a pessoa aconselhada a encontrar significado e sentido na vida ao apresentar a figura de Cristo que sofre junto com ele, especialmente em momentos de grande angústia. Em vez de ver o sofrimento como um castigo, abandono ou uma falha de fé, a pessoa conselheira mostra que Cristo também enfrentou rejeição, solidão e dor.
- **Objetivo Prático:** Encorajar a pessoa aconselhada a ver sua luta como uma participação na experiência de Cristo, encontrando consolo na presença de um Deus que compreende e compartilha seu sofrimento (Is 53.3-4; Mt 27.46; 2Co 1.5-7).³⁶⁹ Esta prática ajuda quem sofre a sentir-se menos isolado em sua dor, sabendo que seu sofrimento tem valor espiritual e é compreendido pelo próprio Cristo.

6.4.2.3 Identificar e lidar com sentimentos de culpabilização e autojulgamento

- **Descrição:** No Brasil, muitas pessoas podem carregar sentimento de culpa, seja por causa das condições sociais ou de julgamentos religiosos distorcido pela teologia da glória e aspectos culturais que atribuem o sofrimento a uma “falta de fé”. A pessoa conselheira, ao julgar, ajuda quem sofre a desconstruir esses sentimentos, evitando uma visão punitiva do sofrimento. A teologia da cruz nos ensina que o sofrimento é parte da vida humana e não uma punição divina. Pode ser oportuno explorar o papel da confissão de pecados explícita e do perdão. Quem aconselha pode fornecer alívio para aqueles que carregam culpa profunda ao oferecer uma palavra clara de perdão, semelhante à que Davi recebeu de Natã.³⁷⁰ Essa prática pode ser especialmente útil para os

³⁶⁹ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

³⁷⁰ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

cristãos que sentem que sua culpa é intransponível, acreditando que Deus talvez não os tenha perdoado.

- **Objetivo Prático:** Oferecer uma perspectiva de graça e compaixão ajuda a pessoa sofredora a se libertar de culpas desnecessárias e a enxergar-se como alguém profundamente amada por Deus, independentemente de suas circunstâncias (Rm 8.1; Sl 103.10-12; Jo 9.1-3).³⁷¹ Essa abordagem permite que o aconselhado experimente a misericórdia e o perdão de maneira transformadora, criando um ambiente propício para a cura emocional e espiritual. Ela destaca a importância de uma prática de confissão e perdão claros nos relacionamentos familiares e conjugais, sugerindo que casais e famílias que adotam essa linguagem fortalecem suas relações e criam uma dinâmica de cura. Com essa perspectiva, práticas confessionais nas igrejas, como a absolvição individual, também podem trazer consolo para aqueles que lutam com a culpa, encorajando os conselheiros a incluir essas abordagens, mesmo que seus aconselhados não sigam essa tradição em suas próprias congregações.

6.4.2.4 Explorar a dimensão comunitária do sofrimento

- **Descrição:** Em um país com fortes laços comunitários, como o Brasil, é importante que a pessoa aconselhada perceba que sua luta espiritual pode ser compartilhada com a comunidade de fé. A pessoa conselheira pode incentivá-la a se envolver com a igreja ou grupos de apoio que ofereçam solidariedade e um espaço de acolhimento mútuo. Esse apoio da comunidade ajuda a pessoa aconselhada a enfrentar sua luta com o apoio e a compreensão de outros que também vivem a fé sob a cruz. Além do Evangelho ser pregado e lido, o suporte social de uma comunidade de fé desempenha um papel essencial na vida espiritual dos aconselhados.
- **Objetivo Prático:** Fortalecer a pessoa aconselhada, mostrando-lhe que ela não está sozinha e que a comunidade cristã ou social é um recurso espiritual valioso (Gl 6.2; 1Co 12.26; Rm 12.15).³⁷² Ao compartilhar sua dor, a pessoa

³⁷¹ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

³⁷² BÍBLIA SAGRADA, 2008.

aconselhada encontra suporte emocional e espiritual, fortalecendo sua resiliência e aprofundando sua conexão com Deus e com os outros. A prática de confissão e de compartilhar fraquezas em uma comunidade oferece uma visão de esperança e força para o futuro, onde a vulnerabilidade coletiva reforça a união e as promessas de Cristo. O individualismo da cultura contemporânea muitas vezes isola as pessoas, dificultando a formação de uma verdadeira comunidade de apoio. Por isso, a conexão com congregações e grupos de apoio saudáveis promove uma cultura de apoio mútuo que ajuda a enfrentar os desafios gerados pelo sofrimento e a fortalecer a comunhão.

Assim, nesta fase de **judgar**, o conselheiro atua como um guia que ajuda quem é aconselhado a interpretar o sofrimento como parte de sua jornada cristã, oferecendo-lhe uma perspectiva de fé que acolhe e valoriza a dor sem diminuí-la. Ao discernir a presença de Deus em meio ao sofrimento, a pessoa aconselhada é encorajada a ver que sua luta é significativa e que, mesmo em meio à dor, ela é sustentada pela graça divina. Com isso, quem aconselha capacita quem é aconselhado a enfrentar suas lutas com uma compreensão mais profunda de sua fé e uma confiança renovada em Deus.

6.4.3 Realidade da Esperança Escatológica – Agir: promover a esperança e a ação para uma vida plena em Cristo

A esperança escatológica, fundamental à teologia da cruz, aponta para a certeza da redenção e da vida eterna que aguardam o cristão. No contexto brasileiro, onde as pessoas enfrentam realidades duras e desafiadoras, essa esperança se torna um elemento vital. Nesta fase, a pessoa conselheira busca motivar a pessoa aconselhada a agir em sua vida de forma resiliente e confiante, mantendo seu foco na promessa divina de restauração e vida plena.

Em resposta a essa realidade, Hoch sugere que a Teologia Prática deve estreitar sua relação com a pastoral, atuando como interlocutora privilegiada das práticas pastorais no contexto da comunidade cristã. Além disso, ele destaca que o teólogo prático (pessoa conselheira) deve posicionar-se de maneira articulada em relação aos conhecimentos advindos de outras disciplinas teológicas, como a história, a teologia sistemática e a área bíblica. Também é necessário que possua familiaridade

com campos afins, como a sociologia, psicologia, comunicação, pedagogia e ciências da religião, para contribuir de forma eficaz nos diversos contextos em que a Teologia Prática está inserida.³⁷³

A integração da perspectiva sociológica com a teologia da cruz oferece uma base para aprofundar a compreensão teológica de *Anfechtung* (crise espiritual e existencial), que, na prática do aconselhamento pastoral, não se limita às questões espirituais, mas também reconhece as injustiças estruturais que afetam o bem-estar emocional e espiritual das pessoas marginalizadas. A partir dessa intersecção, o aconselhamento pastoral pode ser ampliado para uma abordagem que vá além do aspecto espiritual, considerando também as realidades sociais que intensificam o sofrimento, a dor e a alienação.³⁷⁴

A esperança escatológica é um componente essencial da teologia da cruz. Enquanto o sofrimento e a cruz são realidades presentes, há uma promessa de redenção e restauração futuras. Para Lutero, a vida sob a cruz é vivida à luz da esperança de que Deus, em Cristo, trará nova vida e justiça ao mundo. Essa esperança escatológica também pode ser aplicada ao contexto do povo brasileiro. Enquanto o presente está marcado pela injustiça e pelo sofrimento, a esperança cristã aponta para um futuro onde essas estruturas de opressão serão derrubadas, e os marginalizados serão restaurados à plena dignidade.³⁷⁵

Na prática do aconselhamento pastoral, essa esperança escatológica oferece uma base sólida para trabalhar com pessoas que vivem em situações de extrema marginalização. Essas pessoas podem ser auxiliadas a perceberem que, embora o sofrimento seja real e presente, ele não tem a palavra final. A promessa escatológica da teologia cristã afirma que haverá um dia em que as injustiças serão corrigidas e que o sofrimento será transformado em glória por causa de Cristo que sofreu todas as injustiças em nosso lugar. Essa visão pode fornecer não apenas consolo espiritual, mas também um sentido de propósito e resiliência para aqueles que enfrentam a exclusão social e a opressão.³⁷⁶

³⁷³ HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, p. 59-72, 2011, p. 63.

³⁷⁴ HOCH, 2019, p. 150.

³⁷⁵ EYER, 1994, p. 129.

³⁷⁶ GIBBS, Jeffrey A., 2006, p. 32.

Ao mesmo tempo, essa esperança não é passiva. Ela não convida à resignação, mas sim à ação. A pessoa conselheira, inspirada pela teologia da cruz, pode incentivar a comunidade de fé a agir em prol da justiça, antecipando em suas ações a realidade do Reino de Deus, onde a exclusão e a marginalização não terão mais lugar. De acordo com Walter Altmann, a nova vida em Cristo é marcada por dinamismo e luta, nunca sendo estática ou acomodada. Ele ressalta que, na interpretação de Lutero, Cristo crucificado é um verdadeiro combatente do amor divino. A cruz, longe de ser uma derrota, representa uma vitória completa, sendo Cristo reconhecido como o vitorioso, o *Christus victor*. Dessa forma, quanto mais se enfatiza a ação redentora de Deus, maior é o impulso para a ação libertadora dos que creem em Cristo.³⁷⁷

Essa integração mais profunda entre o contexto brasileiro e a teologia da cruz de Lutero oferece um novo horizonte para o aconselhamento pastoral. Ela revela que o sofrimento humano, tanto individual quanto social, deve ser interpretado à luz da cruz de Cristo, onde Deus se faz presente na fraqueza e na injustiça. Ao aplicar essa compreensão ao contexto das classes excluídas, o aconselhamento pastoral se torna uma prática que vai além do conforto espiritual e se transforma em uma ação que promove justiça e dignidade.

Essa integração promove uma abordagem interdisciplinar, oferecendo uma resposta mais profunda e crítica aos desafios pastorais contemporâneos. Ao conectar essas duas perspectivas, é possível enriquecer a prática pastoral com uma compreensão mais completa das causas e manifestações do sofrimento humano, tanto em sua dimensão espiritual quanto em sua expressão social.

6.4.3.1 Encorajar a prática da esperança ativa

- **Descrição:** Em um país onde as circunstâncias podem levar ao desânimo e à resignação, a pessoa conselheira incentiva a pessoa aconselhada a cultivar uma prática de esperança que não ignora as dificuldades, mas que se fundamenta na promessa escatológica de redenção em Cristo. Esta prática envolve atividades que ajudem a pessoa aconselhada a manter-se engajada e

³⁷⁷ ALTMANN, 2016, p. 76.

positiva, como a leitura das promessas de Deus na Bíblia, oração, e participação ativa na comunidade social e de fé.

- **Objetivo Prático:** Fortalecer a pessoa aconselhada, ajudando-a a enxergar além de suas circunstâncias imediatas e a manter-se conectada com uma esperança viva e ativa (Rm 15.13; Hb 10.23-24).³⁷⁸ Esta prática de esperança é vista como um compromisso diário de viver sob a perspectiva da cruz e da ressurreição, reconhecendo que Deus está sempre presente em sua vida.

6.4.3.2 Promover a resiliência através da identidade em Cristo

- **Descrição:** Em meio às adversidades, muitas vezes a pessoa aconselhada precisa de um lembrete de sua identidade como filha de Deus. Quem aconselha ajuda a pessoa aconselhada a afirmar essa identidade a partir de sua união com Cristo crucificado, promovendo uma resiliência espiritual que lhe dá força para enfrentar os desafios com coragem. Esta prática inclui a lembrança constante de que, como cristão, a pessoa é chamada a viver em confiança, sabendo que a cruz e a morte não é o fim, mas um caminho para a vitória final.
- **Objetivo Prático:** Incentivar a pessoa aconselhada a agir com base em sua identidade em Cristo, que lhe dá dignidade e valor independentemente das circunstâncias externas (1Pe 2.9; Gl 2.20).³⁷⁹ Quem aconselha pode enfatizar o valor da resiliência espiritual como um recurso que ajuda o aconselhado a viver com propósito, mesmo quando enfrenta dificuldades.

6.4.3.3 Integrar a pessoa aconselhada na vida comunitária e nas redes de apoio

- **Descrição:** No Brasil, a comunidade é um recurso essencial para a manutenção da fé e da esperança. A pessoa conselheira, ao promover o agir, incentiva a pessoa aconselhada a buscar apoio e engajamento na comunidade cristã e em redes de apoio locais. Isso pode incluir grupos de oração, estudos bíblicos, ou redes de serviço que promovam a ajuda mútua. Essa integração na vida comunitária ajuda o aconselhado a perceber que a esperança não é

³⁷⁸ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

³⁷⁹ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

vivida isoladamente, mas em comunhão com outros que compartilham a mesma fé.

- **Objetivo Prático:** Criar um espaço de apoio mútuo, onde a pessoa aconselhada sintam-se acompanhada em sua caminhada de fé (At 2.42; Ef 4.16).³⁸⁰ Ao participar da vida comunitária, ela é fortalecida em sua fé e sua esperança, experimentando a presença de Deus por meio da comunhão com outros crentes.

6.4.3.4 Inspirar a transformação pessoal e social

- **Descrição:** A esperança escatológica traz consigo uma visão de transformação, tanto pessoal quanto social. No contexto brasileiro, onde a injustiça e a desigualdade social são comuns, a pessoa conselheira incentiva quem é aconselhado a agir em sua vida e em sua comunidade de maneira transformadora, alinhada com a justiça e o amor de Deus. Este agir inclui práticas de compaixão e solidariedade, onde a pessoa aconselhada é encorajada a contribuir para a vida plena de sua comunidade, vendo isso como parte de sua fé em ação.
- **Objetivo Prático:** Capacitar a pessoa aconselhada a agir como um agente de transformação, refletindo o amor e a justiça de Deus em suas ações diárias (Mq 6.8; Mt 5.16).³⁸¹ Este ponto não apenas fortalece a fé da pessoa aconselhada, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva, que se alinha com a visão do Reino de Deus.

6.4.3.5 Reforçar a esperança na promessa escatológica da vida eterna

- **Descrição:** A vida sob a cruz é vivida na expectativa da ressurreição e da vida eterna. A pessoa conselheira promove um agir que sempre remete a pessoa aconselhada à certeza de que, em Cristo, sua vida tem um destino eterno de paz e plenitude. Assim, a pessoa aconselhada é incentivada a agir com base

³⁸⁰ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

³⁸¹ BÍBLIA SAGRADA, 2008.

nessa promessa, vivendo de forma que cada ato, cada decisão e cada momento reflitam a confiança na ressurreição final e na presença de Deus.

- **Objetivo Prático:** Ajudar a pessoa aconselhada a construir uma vida centrada na esperança escatológica, guiando suas ações pela confiança na promessa de Deus para além da morte (1Co 15.19-20; 2Co 4.17-18).³⁸² Esta esperança oferece um sentido profundo, capacitando o aconselhado a viver com propósito e fé, independente das circunstâncias.

Nesta última fase de **agir**, o conselheiro pastoral capacita a pessoa aconselhada a viver uma esperança ativa e transformadora, enraizada na certeza escatológica da redenção em Cristo. O agir não é apenas uma resposta aos desafios diários, mas uma expressão de fé na promessa da ressurreição e da vida eterna. A pessoa conselheira encoraja a pessoa aconselhada a viver de forma resiliente, engajando-se em sua comunidade e contribuindo para a transformação ao seu redor, em um reflexo do Reino de Deus. Assim, o agir pastoral é uma prática de fé, esperança e amor que prepara a pessoa aconselhada para a vida plena em Cristo, tanto no presente quanto na eternidade.

Na prática do aconselhamento pastoral, essa esperança escatológica oferece uma base sólida para trabalhar com pessoas que vivem em situações de extrema marginalização. Essas pessoas podem ser auxiliadas a perceberem que, embora o sofrimento seja real e presente, ele não tem a palavra final. A promessa escatológica da teologia cristã afirma que haverá um dia em que as injustiças serão corrigidas e que o sofrimento será transformado em glória por causa de Cristo que sofreu todas as injustiças em nosso lugar. Essa visão pode fornecer não apenas consolo espiritual, mas também um sentido de propósito e resiliência para aqueles que enfrentam a exclusão social e a opressão.³⁸³

Ao mesmo tempo, essa esperança não é passiva. Ela não convida à resignação, mas sim à ação. A pessoa conselheira, inspirada pela teologia da cruz, pode incentivar a comunidade de fé a agir em prol da justiça, antecipando em suas ações a realidade do Reino de Deus, onde a exclusão e a marginalização não terão mais lugar. De acordo com Walter Altmann, a nova vida em Cristo é marcada por

³⁸² **BÍBLIA SAGRADA**, 2008.

³⁸³ GIBBS, Jeffrey A., 2006, p. 32.

dinamismo e luta, nunca sendo estática ou acomodada. Ele ressalta que, na interpretação de Lutero, Cristo crucificado é um verdadeiro combatente do amor divino. A cruz, longe de ser uma derrota, representa uma vitória completa, sendo Cristo reconhecido como o vitorioso, o *Christus victor*. Dessa forma, quanto mais se enfatiza a ação redentora de Deus, maior é o impulso para a ação libertadora dos que creem em Cristo.³⁸⁴

Essa integração mais profunda entre o contexto brasileiro e a teologia da cruz de Lutero oferece um novo horizonte para o aconselhamento pastoral. Ela revela que o sofrimento humano, tanto individual quanto social, deve ser interpretado à luz da cruz de Cristo, onde Deus se faz presente na fraqueza e na injustiça. Ao aplicar essa compreensão ao contexto das classes excluídas, o aconselhamento pastoral se torna uma prática que vai além do conforto espiritual e se transforma em uma ação que promove justiça e dignidade.

6.5 PISTAS METODOLÓGICAS PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME

Gary Collins destaca que a pessoa conselheira e a pessoa aconselhada formam uma parceria focada em ajudar a aconselhada, mas, ao contrário de uma amizade, quem aconselha não busca apoio emocional nessa relação. Ela deve deixar de lado suas preocupações para entender as necessidades da pessoa aconselhada e oferecer empatia.³⁸⁵

Embora o processo de aconselhamento seja complexo, algumas técnicas básicas podem ser úteis em diversas situações: a primeira é a atenção à pessoa aconselhada, envolvendo contato visual empático e postura corporal adequada para demonstrar presença e foco. A segunda técnica é a escuta ativa, na qual a pessoa conselheira deixa de lado suas preocupações e escuta sem julgamento, interpretando sinais verbais e não verbais e suportando silêncios. A terceira técnica é responder, com ações verbais objetivas e direcionamento suave da conversa, além de usar estratégias como resumir e comentar para ajudar o a pessoa a se expressar. A quarta técnica é ensinar, auxiliando a pessoa aconselhada a aprender a lidar com problemas

³⁸⁴ ALTMANN, 2016, p. 76.

³⁸⁵ COLLINS, 2004, p. 48.

através de orientações e exemplos práticos. Finalmente, a técnica de filtrar permite identificar lacunas e resistências no discurso do apresentado pela pessoa aconselhada, buscando significados mais profundos e ocultos com discernimento.³⁸⁶

No entanto, para a ação do método de aconselhamento pastoral cruciforme tomaremos como base os pressupostos de Collins e a metodologia proposta por Lothar Carlos Hoch, pois o agir necessita de uma metodologia compatível com seus objetivos de libertação.³⁸⁷

Essa metodologia, contudo, precisará ser aprimorada na prática. O que apresentamos aqui são apenas algumas direções sobre o como desenvolver um aconselhamento pastoral adaptado à realidade brasileira que, ao mesmo tempo em que estuda e percebe o contexto social, não deixa de valorizar o indivíduo em sua singularidade diante da cruz de Cristo.

Passo 1 – Preparar:

A pessoa que aconselha deve estar bem preparada para o encontro de aconselhamento. Collins recomenda que se busque discernimento por meio da prática e da oração, pedindo a Deus orientação e sensibilidade para exercer o papel de maneira eficaz e empática.³⁸⁸ É essencial que essa pessoa reconheça a necessidade de superar seus próprios preconceitos, consciente de sua finitude e das limitações das palavras. Por isso, ela não deve apenas fixar o olhar em quem é aconselhado, tratando-o como um objeto passivo a ser interpretado. Ao contrário, ambos devem olhar juntos para a infinitude, para Deus, e trilhar o caminho da fé. Assim, todas as pessoas envolvidas no aconselhamento pastoral compreenderão que esse é um espaço para reconhecer suas próprias limitações.³⁸⁹ Nesse primeiro passo, além de preparar-se, é necessário também preparar o ambiente do encontro (*setting* terapêutico). O *setting* terapêutico consiste em criar um ambiente físico, psicológico e ético adequado para o atendimento, priorizando privacidade, conforto e sigilo, essenciais para uma aliança terapêutica eficaz. Mesmo em contextos desafiadores, como hospitais ou prisões, o conselheiro deve buscar manter esses aspectos e esclarecer papéis e responsabilidades, especialmente em atendimentos mais

³⁸⁶ COLLINS, 2004, p. 48-51.

³⁸⁷ HOCH, 2019, p. 150-152.

³⁸⁸ COLLINS, 2004, p. 52.

³⁸⁹ WACHHOLZ, 2010, p. 217.

frequentes e sistemáticos.³⁹⁰ Tânia Maria José Aiello Vaisberg questiona a visão tradicional do *setting* terapêutico, defendendo que ele deve ir além de uma estrutura técnica e se tornar um ambiente que estimule a vivência autêntica e a expressão do potencial criativo do paciente. Ela propõe que o *setting* seja construído de maneira colaborativa, permitindo que o paciente participe ativamente da criação de seu próprio espaço terapêutico, ao invés de ser apenas um receptor das intervenções.³⁹¹

Passo 2 – Ouvir:

Assim como em qualquer relação poimênica, o ato de ouvir é de extrema importância. Ouvir, nesse contexto, demonstra respeito pela pessoa e pela situação vivida por ela. No entanto, é importante destacar que esse tipo de escuta vai além da dimensão pessoal e subjetiva do interlocutor, abrangendo também sua trajetória como membro de um grupo ou classe social. Aspectos como a condição econômica, cultural, racial, relações de trabalho e gênero são fundamentais para uma compreensão mais ampla da realidade da pessoa.³⁹² A poimênica busca reconstruir, junto com a pessoa, sua história em múltiplos níveis, incluindo tanto sua trajetória pessoal quanto a de seu grupo social. Esse processo ajuda a entender como a pessoa e seu grupo chegaram à situação atual, considerando os fatores estruturais que contribuíram para isso. Se a escuta não levar em conta essa dimensão mais ampla, as soluções tenderão a ser limitadas e/ou individualistas.³⁹³

Passo 3 – Identificar o *modus operandi*:

Neste passo, é importante entender se a pessoa aconselhada segue uma visão centrada na glória ou na cruz. A teologia da glória busca sinais visíveis de prosperidade e poder divino,³⁹⁴ enquanto a teologia da cruz, conforme Lutero, revela Deus por meio do sofrimento e da humildade de Cristo. A cruz desafia o aconselhado a reconhecer a verdadeira natureza de Deus, que se manifesta na fraqueza e na entrega, apontando para a fé e graça como elementos centrais da salvação.³⁹⁵ Ainda assim, o Deus que se revela na Palavra não anula o Deus oculto. O fato de Deus se manifestar por meio da Palavra não significa que ele esteja confinado a ela; Deus é

³⁹⁰ HEIMANN, 2015, p. 39.

³⁹¹ VAISBERG, TMJA. Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicotiana. **Psicologia USP**. v. 14, n. 1, p. 95-128, 2003, p. 112-114.

³⁹² COLLINS, 2004, p. 48.

³⁹³ HOCH, 2019, p. 151.

³⁹⁴ MCGRATH, 2014, p. 202.

³⁹⁵ VEITH JR., 2015, p. 57-60.

sempre maior, ultrapassando os limites da própria Palavra e nunca se esgotando nela.³⁹⁶ Lutero afirma que “o Deus abscondido em majestade, porém, não deplora nem abole a morte, mas opera vida, morte e tudo em todos. Pois aí ele não se limitou através de sua palavra, mas se manteve livre sobre todas as coisas.”³⁹⁷

Passo 4 – Falar:

Assim como a escuta, a fala também desempenha um papel central em um aconselhamento pastoral. O desabafo, a confissão e a catarse verbal possuem um efeito terapêutico amplamente reconhecido. Entretanto, em contextos de opressão, como no Brasil, a catarse por si só não é suficiente. O clamor expresso através das palavras não pode se limitar a uma manifestação oral, mas deve abrir caminho para uma libertação mais ampla. A fala representa apenas um primeiro passo nesse processo. O momento da libertação pela fala tem valor em si, mas deve apontar para uma ação maior. O aconselhamento pastoral tem o papel de transformar o sofrimento verbal em um protesto organizado contra a opressão, ajudando a articular o clamor dos sofredores. No entanto, essa dimensão nem sempre se manifesta da mesma forma em todas as situações de aconselhamento, pois cada contexto exige abordagens específicas conforme a necessidade se apresenta. A comunicação verbal possibilita a conscientização tanto individual quanto coletiva dos problemas, o que é fundamental. No entanto, diferentemente da abordagem da poimênica norte-atlântica, que confia que a conscientização levará automaticamente à solução, a poimênica libertadora entende que essa consciência precisa ser acompanhada de uma estratégia concreta de ação desde o início. A transformação da consciência ocorre por meio da prática, e ação e reflexão, bem como conscientização e engajamento, devem se complementar.³⁹⁸ Este falar requer de quem aconselha uma participação ativa que auxilia a pessoa aconselhada a processar emoções e organizar pensamentos. Esse processo inclui técnicas como conduzir a conversa com perguntas direcionadas, fazer comentários pontuais para demonstrar compreensão e sintetizar temas principais discutidos ao longo da sessão. Collins também incentiva a fazer perguntas abertas que promovam uma reflexão mais profunda, ao mesmo tempo em que evita julgamentos que possam inibir a conversa. Em algumas situações, pode-se

³⁹⁶ WACHHOLZ, 2010, p. 210.

³⁹⁷ Obras Seleccionadas 4, 1993, p. 101.

³⁹⁸ HOCH, 2016, p. 36.

recorrer à confrontação suave, oferecendo novas perspectivas sobre comportamentos, sempre de forma acolhedora.³⁹⁹

Passo 5 – Manter contatos e acompanhamento individual e em grupo:

Sempre que possível, é recomendado que se mantenham contatos individuais e em grupo durante o acompanhamento pastoral. O atendimento individual permite que se respeite a singularidade de cada pessoa e sua maneira particular de vivenciar o sofrimento, além de incentivar que o indivíduo assuma a responsabilidade pessoal na superação da crise de uma forma que faça sentido para ele. Já os encontros grupais têm o objetivo de discutir problemas coletivos e desenvolver estratégias conjuntas para lidar com questões que afetam toda a comunidade, evitando que o foco se restrinja a uma abordagem individualista e promovendo uma visão mais ampla e estrutural dos problemas. Assim, ocorre simultaneamente um processo de personalização e socialização da dor. Aqui é importante notar padrões comuns de sofrimento.⁴⁰⁰

Passo 6 – Começar pelo sofrimento imediato:

Em um contexto de profunda opressão como o Brasil, é necessário que o ponto de partida no aconselhamento seja o sofrimento imediato. A poimênica deve focar no cotidiano, uma vez que ele se transformou em uma situação extrema. Grande parte dos problemas surge da luta pela sobrevivência básica. Por isso, é metodologicamente justificável começar pela situação concreta, tal como é vivenciada pelo indivíduo ou grupo. O que é imediato e concreto pode ser visto como uma representação caótica do todo.⁴⁰¹

Passo 7 – Agir-refletir a médio prazo:

No aconselhamento pastoral, é essencial equilibrar o atendimento imediato com um processo contínuo de ação e reflexão a médio prazo, envolvendo tanto a pessoa em sofrimento (dentro de suas capacidades) quanto aqueles ao seu redor, como familiares e comunidade. As causas mais profundas que contribuem para a situação precisam ser analisadas e compreendidas à luz da Palavra de Deus, levando

³⁹⁹ COLLINS, 2004, p. 49-50.

⁴⁰⁰ HOCH, 2019, p. 151.

⁴⁰¹ HOCH, 2016, p. 36.

em conta tanto fatores estruturais quanto questões pessoais, já que a responsabilidade individual também desempenha um papel significativo.

Além de tomar consciência dessas diferentes dimensões do sofrimento, é necessário planejar e implementar ações concretas para lidar não apenas com a dor imediata, mas também com suas causas subjacentes. A pessoa em sofrimento e sua rede de apoio devem ser vistas como agentes ativos de transformação. A poimênica não deve reforçar a tendência de transferir a responsabilidade para o pastor ou pastora, ou mesmo para Deus, quando essa responsabilidade cabe ao próprio indivíduo ou grupo.

Ao mesmo tempo, é fundamental manter o foco no problema concreto que motivou a intervenção pastoral, sem negligenciar a inter-relação entre desafios individuais e questões mais amplas. O papel singular da poimênica está justamente em oferecer cuidado ao sofrimento particular sem perder de vista o contexto mais amplo em que ele se insere.⁴⁰²

Passo 8 – Socializar a dor:

Hoch também destaca que é essencial encorajar as pessoas que enfrentam situações de sofrimento semelhantes a se engajarem em grupos que se reúnem para discutir problemas comuns. Por exemplo, grupos de mulheres que abordam questões relacionadas à opressão que enfrentam por parte de seus maridos; grupos de homens e mulheres que tratam de questões de convivência conjugal; grupos de pessoas que lidam com a solidão, luto; grupos de alcoólatras ou familiares de alcoólatras; e grupos de pessoas desempregadas ou sem-terra, entre outros.⁴⁰³ Collins lembra que as redes sociais, compostas por diversos sistemas de apoio, podem ajudar em momentos de crise. De acordo com ele, estudos mostram que pessoas com múltiplos relacionamentos sociais lidam melhor com mudanças. Nos últimos anos, o aconselhamento se popularizou, e muitas comunidades têm se beneficiado do apoio oferecido por “diferentes agentes assistenciais”. Esses agentes, como familiares e amigos, desempenham um papel relevante no suporte emocional e prático. Profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros, são recursos importantes no aconselhamento. Agentes comunitários, incluindo líderes locais, educadores e outras

⁴⁰² HOCH, 2016, p. 36.

⁴⁰³ HOCH, 2016, p. 152.

figuras de confiança, também contribuem. Grupos de autoajuda organizados fornecem apoio para quem enfrenta desafios específicos. A mídia e outras influências externas também têm impacto positivo, compartilhando informações e orientações. No Brasil multirreligioso, Collins destaca que curadores populares, como benzedeadas, cartomantes e médiuns, são comuns em muitas comunidades e geralmente são vistos por profissionais como exploradores que se aproveitam das vulnerabilidades das pessoas. No entanto, alguns conselheiros consideram que esses curadores podem complementar a terapia tradicional, especialmente entre populações menos favorecidas, onde são mais respeitados. Ainda assim, aconselha-se aos conselheiros cristãos que evitem incentivar essas buscas, resguardando o aconselhamento de práticas esotéricas.⁴⁰⁴

Passo 9 – Mobilizar os recursos terapêuticos da comunidade:

O último passo envolve a mobilização dos recursos terapêuticos da comunidade. Quando, em uma mesma comunidade ou bairro, grupos se reúnem para tratar de questões específicas, pode chegar o momento em que percebam a necessidade de uma mobilização conjunta para enfrentar problemas comuns. Dessa forma, esses grupos, formados em torno de questões semelhantes, podem se transformar em células ativas que, de forma solidária, se unem a outros movimentos de base para promover mudanças estruturais. Frequentemente, à medida que essas pessoas desenvolvem uma maior consciência das causas de seus problemas pessoais, elas encontram realização ao participar ativamente como agentes no processo de reconstrução de seu contexto comunitário, social e político. Nesse sentido, o cuidado pastoral individual e em grupo não se excluem, mas se complementam, enriquecendo o processo de transformação.⁴⁰⁵ Para Collins, o aconselhamento comunitário abrange tanto o atendimento individual quanto a participação de familiares e da comunidade, reconhecendo que o ambiente que gera desafios pode também ser fonte de apoio e cura. Ele inclui o ensino de habilidades sociais, fortalecimento de redes de apoio, treinamento de colaboradores leigos e busca de ajuda externa especializada. Além disso, visa a prevenção e transformação da comunidade através de ações que reduzam problemas sociais. Na igreja, o aconselhamento cristão deve ser integrado à vida comunitária, oferecendo apoio

⁴⁰⁴ COLLINS, 2004, p. 62-63.

⁴⁰⁵ HOCH, 2016, p. 152.

espiritual e emocional, seguindo os ensinamentos bíblicos. Desta forma, quem aconselha precisa estar atento às influências sociais e empenhado em tornar a comunidade mais autossuficiente, compassiva e ativa.⁴⁰⁶

6.6 ACONSELHAMENTO PASTORAL CRUCIFORME COMO SÍNTESE E RENOVAÇÃO DOS MODELOS DE ACONSELHAMENTO

O aconselhamento pastoral cruciforme, fundamentado na teologia da cruz de Lutero, oferece uma abordagem que revela a presença de Deus no sofrimento e na fragilidade humana, proporcionando consolo, fortalecimento e transformação. Ao atualizar e correlacionar os modelos de aconselhamento pastoral sob uma perspectiva cruciforme – ancorada nos paradoxos da fé, *Anfechtung* e na esperança escatológica –, busca-se uma prática de cuidado que ultrapasse a resolução imediata de problemas, enfatizando a solidariedade e a esperança vividas na realidade da cruz.

Como visto acima, Christoph Schneider-Harpprecht identificou quatro modelos teóricos de aconselhamento pastoral na América Latina⁴⁰⁷ e os interpretou e atualizou em cinco modelos atuais.⁴⁰⁸ O modelo de aconselhamento pastoral cruciforme dialoga bem com outros modelos de aconselhamento que compartilham valores de solidariedade, esperança e uma visão integral do sofrimento humano. Dentre os modelos identificados, destacam-se: o modelo trinitário; de teologia da encarnação e o contextual de poimênica de libertação. A seguir, exploramos como a teologia da cruz dialoga com todos os diferentes modelos de aconselhamento mencionados nesta dissertação, destacando os aspectos que promovem um aconselhamento pastoral mais profundo e relevante para o contexto contemporâneo:

Modelo fundamentalista (noutético):⁴⁰⁹ O modelo fundamentalista enfatiza a confrontação do pecado e a mudança de comportamento exclusivamente pela Palavra de Deus. Contudo, ao incorporar os paradoxos da teologia da cruz, reconhece-se que o sofrimento e a fraqueza são meios pelos quais Deus revela sua graça e fortalece a fé, evitando uma visão reducionista que liga o sofrimento exclusivamente ao pecado pessoal. Em vez de focar somente na culpa e correção moral, o aconselhamento

⁴⁰⁶ COLLINS, 2004, p. 59-60.

⁴⁰⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

⁴⁰⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 311.

⁴⁰⁹ ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Fiel, 1977, p. 55-75.

pastoral cruciforme acrescenta compaixão e empatia, permitindo que a pessoa conselheira acolha o sofrimento humano em sua complexidade. O conceito bíblico paradoxal de *simul justus et peccator* pode ser visto como parte essencial do amadurecimento da fé. Por último, a esperança escatológica amplia a perspectiva ao mostrar que o sofrimento presente é temporário, apontando para a redenção final em Cristo. Neste modelo atualizado, o sofrimento é visto não apenas como julgamento ou consequência do pecado, mas também como uma oportunidade para experimentar a graça de Deus revelada na cruz. A inclusão de uma perspectiva interdisciplinar amplia essa abordagem, valorizando as dimensões psicológica, social e espiritual da condição humana e promovendo um cuidado mais compassivo e completo.

Modelo evangelical de psicologia pastoral:⁴¹⁰ Esse modelo, que integra psicologia e teologia, encontra na teologia da cruz uma abordagem mais compassiva para lidar com a fragilidade humana. Sob a perspectiva cruciforme, psicologia e Escrituras colaboram para trazer alívio e compreensão ao sofrimento. No aconselhamento pastoral cruciforme, quem aconselha acolhe a fraqueza humana, ajudando a pessoa sofredora a perceber que, mesmo em suas imperfeições, ela é sustentada pela graça divina. A perspectiva cruciforme acolhe a fragilidade, equilibrando princípios bíblicos com *insights* psicológicos e ajudando o aconselhado a ver-se sustentado pela graça. De forma semelhante, a teologia da cruz oferece à poimênica de libertação uma visão que afirma a presença de Deus em contextos de opressão, tratando a luta espiritual (*Anfechtung*) como parte integrante da jornada de fé. A esperança escatológica fortalece o compromisso com a justiça, apontando para a realização plena do plano de Deus.

Modelo holístico de libertação e crescimento:⁴¹¹ Este modelo, que busca a libertação e o crescimento em Cristo, ganha profundidade com a perspectiva cruciforme. A teologia da cruz ensina que o verdadeiro crescimento espiritual surge ao reconhecer a própria fraqueza e dependência de Deus, deixando de lado a busca por uma perfeição inalcançável. No aconselhamento pastoral, quem aconselha encoraja a pessoa sofredora a aceitar suas limitações, permitindo um desenvolvimento espiritual autêntico e transformador. Esse enfoque valoriza o processo contínuo de cura e maturidade, reconhecendo que seguir a Cristo envolve

⁴¹⁰ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 24.

⁴¹¹ CLINEBELL, 1998, p. 27.

tanto alegria quanto sofrimento. Na *Anfechtung*, ou luta espiritual, quem aconselha incentiva a pessoa aconselhada a entender suas dúvidas e desafios como oportunidades para fortalecer sua fé e autoconhecimento, promovendo uma espiritualidade genuína e sustentando-a em sua caminhada de fé.

Modelo contextual de poimênica de libertação:⁴¹² A poimênica de libertação, centrada na solidariedade com os oprimidos e na luta por justiça, encontra uma base firme na teologia da cruz. A cruz de Cristo representa a solidariedade divina com o sofrimento humano e com os marginalizados, revelando um Deus que sofre com e por aqueles que enfrentam as injustiças do mundo. O aconselhamento pastoral cruciforme atualizado por esse modelo incentiva uma prática pastoral que não apenas consola, mas também encoraja a resistência ativa contra estruturas opressivas, sendo um apoio para aqueles que enfrentam adversidades. A partir da teologia da cruz, quem aconselha é chamado a ser uma presença de esperança e justiça, promovendo ações que reflitam a redenção e o amor transformador de Deus. Na teologia da cruz, o sofrimento revela a graça de Deus e sustenta a ideia de que a dor das comunidades oprimidas faz parte da experiência de fé, oferecendo possibilidades de transformação. A *Anfechtung*, ou luta espiritual, valida as angústias dos aconselhados, permitindo que suas dúvidas e dores sejam vistas como momentos de crescimento e fortalecimento espiritual. A esperança escatológica projeta uma visão futura de justiça e paz, incentivando a luta por dignidade e lembrando que, apesar do sofrimento atual, a esperança final está na realização do plano de Deus.

Modelo de teologia da encarnação:⁴¹³ A teologia da encarnação valoriza a presença de Cristo nas interações pastorais, vendo quem aconselha como um reflexo do amor de Deus. O aconselhamento pastoral cruciforme atualiza esse modelo, enfatizando que a verdadeira presença de Deus se revela especialmente em meio ao sofrimento e à vulnerabilidade. A pessoa conselheira, ao acolher o sofrimento de quem sofre, atua como um representante de Cristo que caminha ao lado dos aflitos. Essa perspectiva cruciforme encoraja quem aconselha a compartilhar os fardos dos aconselhados, demonstrando que a encarnação não é apenas uma proximidade divina, mas uma identificação com as dores humanas, onde o próprio Deus está presente para consolar e redimir. O modelo de teologia da encarnação, ao integrar o

⁴¹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

⁴¹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 312-313.

sofrimento redentor de Cristo, ajuda a pessoa aconselhada a perceber sua dor como parte da solidariedade divina, compartilhada por Cristo. Na *Anfechtung*, quem aconselha acolhe as dúvidas e lutas espirituais como parte da jornada de fé, promovendo um cuidado empático. A esperança escatológica reforça o compromisso com a justiça futura, encorajando a perseverança e lembrando que Deus está presente agora e também nos conduz à plena realização de seu plano.

Modelo cristológico:⁴¹⁴ O modelo cristológico, centrado em Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, dialoga profundamente com a teologia da cruz. No aconselhamento pastoral cruciforme, o conselheiro compreende que a identidade cristã é moldada pela cruz, onde a graça se manifesta na fraqueza. Esse modelo convida a pessoa conselheira a ajudar a pessoa aconselhada a enxergar o sofrimento não como um desvio, mas como parte essencial da caminhada com Cristo. Na cruz, justiça e amor divinos se encontram, e a transformação espiritual ocorre na dependência de Cristo, onde a fraqueza humana é acolhida como caminho para experimentar a plenitude de Deus. A *Anfechtung* é vivida e compreendida à luz da experiência de Cristo, que enfrentou angústia e solidão. Esse modelo encoraja quem é aconselhado a encontrar, mesmo em suas lutas, uma oportunidade de crescimento e comunhão com Deus. A esperança escatológica no modelo cristológico fundamenta-se na promessa de ressurreição, assegurando aos que creem a redenção e a participação na nova criação. A ressurreição de Cristo serve como âncora para a fé, e quem aconselha, ao enfatizar essa promessa, ajuda a pessoa aconselhada a manter uma visão de esperança que transcende o sofrimento presente, confiando na plenitude do plano divino. Essa esperança oferece a quem é aconselhado uma perspectiva transformadora que sustenta a jornada de fé, fortalecendo-o a perseverar diante das provações.

Modelo carismático:⁴¹⁵ Este modelo, que enfatiza a ação do Espírito Santo e os dons espirituais, é enriquecido pela teologia da cruz ao reconhecer que o poder do Espírito se manifesta especialmente na fraqueza. No aconselhamento pastoral cruciforme, quem aconselha é convidado a enxergar os dons espirituais não como símbolos de poder, mas como meios de oferecer consolo e força. A prática carismática cruciforme valoriza os milagres, não como um fim em si mesmos, mas como

⁴¹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 313-315.

⁴¹⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 315-317.

expressões do cuidado de Deus diante do sofrimento humano. Assim, a oração, a presença do Espírito e os dons espirituais tornam-se fontes de esperança, sobretudo para aqueles que enfrentam dor e tribulação. Ao integrar os paradoxos cruciformes, a pessoa aconselhada começa a “compreender” que Deus se revela de formas inesperadas, inclusive na fragilidade e no sofrimento, em vez de somente por meio de demonstrações de força e vitória. Essa perspectiva desafia a busca exclusiva por cura e sucesso, mostrando que Deus também age nas limitações, onde sua graça se torna ainda mais visível. Esse entendimento encoraja quem é aconselhado a experimentar o poder de Deus tanto nos momentos de triunfo quanto nas situações de vulnerabilidade.

Modelo espiritual:⁴¹⁶ O modelo espiritual, que busca promover a saúde espiritual, é atualizado pela teologia da cruz ao valorizar uma espiritualidade autêntica, enraizada na experiência de dor e esperança. O aconselhamento pastoral cruciforme nesse contexto ajuda a pessoa aconselhada a desenvolver uma espiritualidade que aceita a vulnerabilidade e encontra na cruz uma fonte de significado e propósito. Essa atualização convida quem aconselha a trabalhar com quem é aconselhado para que este veja a espiritualidade não como uma fuga da realidade, mas como um recurso que integra as realidades de sofrimento e redenção. Assim, o modelo espiritual reconhece que a vida cristã é marcada por paradoxos, onde a presença de Deus se revela especialmente na fraqueza e no sofrimento. Com essa perspectiva, o conselheiro espiritual ajuda quem é aconselhado a enxergar o sofrimento não como um obstáculo, mas como uma oportunidade para experimentar a graça divina de maneira mais profunda. Assim, a vulnerabilidade é vista como um espaço onde Deus age, mostrando que, mesmo na dor, há propósito espiritual capaz de enriquecer a caminhada de fé. A *Anfechtung*, ou luta espiritual intensa, também encontra ressonância nesse modelo, que considera as crises de fé essenciais para o amadurecimento espiritual. A pessoa conselheira encoraja o aconselhado a acolher suas dúvidas e angústias como etapas importantes para o desenvolvimento de uma fé autêntica. Ao enfrentar essas lutas, quem é aconselhado aprende a confiar em Deus, mesmo em meio às incertezas, entendendo que essas provações podem fortalecer seu relacionamento com Deus e refinar sua visão de si mesmo e da própria fé. A esperança escatológica, por sua vez, permite a quem aconselha inspirar quem é

⁴¹⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 317-318.

aconselhado a viver com uma esperança que vai além das circunstâncias imediatas, confiando nas promessas divinas. A esperança escatológica reforça a convicção de que a jornada espiritual faz parte de um propósito maior e que, apesar das tribulações, Deus conduz a história para a redenção completa.

Modelo trinitário:⁴¹⁷ Por fim, o modelo trinitário, que vê o aconselhamento como uma experiência relacional, encontra grande ressonância com a teologia da cruz, ao entender a cruz como o símbolo máximo de comunhão e solidariedade divina com a humanidade. No aconselhamento pastoral cruciforme, quem aconselha e quem é aconselhado compartilham suas dores em um ambiente que reflete a unidade e o amor da Trindade. A cruz se torna o ponto de encontro onde a comunidade experimenta a presença de Deus, especialmente em tempos de sofrimento. No Modelo Trinitário cruciforme, quem aconselha auxilia a pessoa aconselhada a perceber que o sofrimento e a vulnerabilidade não afastam a presença divina; ao contrário, Pai, Filho e Espírito Santo estão profundamente presentes e atuam de forma relacional nessas experiências. O relacionamento entre as três pessoas da Trindade inclui um amor sacrificial que acolhe o sofrimento e a angústia, como visto na relação entre o Pai e o Filho na crucificação. Nesse contexto, a *Anfechtung* é entendida como um momento em que a pessoa aconselhada é envolvida pelo cuidado completo de Deus. A esperança escatológica projeta a promessa de um futuro onde a comunhão entre Deus e a criação será plenamente restaurada. Essa esperança é fortalecida pela visão de que a Trindade trabalha em unidade para conduzir a história à redenção completa. No aconselhamento pastoral trinitário cruciforme, quem aconselha destaca que, mesmo em meio às dificuldades atuais, há uma promessa divina que vai além das circunstâncias imediatas. O Espírito Santo, como sinal dessa plenitude futura, inspira a pessoa aconselhada e a comunidade a viverem com confiança na promessa de Deus.

Desta maneira, o aconselhamento pastoral cruciforme, ao correlacionar e atualizar esses modelos de aconselhamento com a teologia da cruz, propõe uma prática pastoral que valoriza a solidariedade, o consolo e a esperança ativa. Esse modelo cruciforme desafia abordagens que focam exclusivamente na resolução de problemas ou na exaltação da autossuficiência, promovendo uma pastoral que reflete o amor e a presença de Deus no sofrimento humano. Em cada um desses modelos,

⁴¹⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 318-320.

a cruz se torna um símbolo central que redefine a prática do aconselhamento pastoral, fazendo da pessoa conselheira uma agente de compaixão e esperança que acompanha os aconselhados em suas jornadas de dor e redenção, inspirando-os a viver uma vida plena em Cristo.

6.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de aconselhamento cruciforme emerge como uma síntese e renovação dos demais modelos de aconselhamento pastoral, sendo um paradigma relevante para o contexto brasileiro, sensível às questões sociais e espirituais contemporâneas e comprometido com a justiça e a compaixão. Esse modelo, fundamentado na teologia da cruz, reconhece a realidade do sofrimento humano não como uma anomalia a ser evitada ou negada, mas como um espaço onde Deus se manifesta e transforma.

A contribuição desse modelo para o aconselhamento pastoral reside na forma como ele integra a realidade dos paradoxos, a experiência da *Anfechtung* e a esperança escatológica em um processo dinâmico de cuidado pastoral. Ao reconhecer os paradoxos da existência, o modelo permite que pastores e pastoras atuem como pessoas conselheiras de maneira realista e acolhedora diante das ambiguidades da vida, ajudando os aconselhados a encontrar sentido mesmo em meio às contradições da experiência humana. A compreensão da *Anfechtung*, por sua vez, possibilita que o sofrimento não seja tratado como um obstáculo intransponível, mas como parte do caminho da fé, onde a graça de Deus se revela na fragilidade. Por fim, a esperança escatológica oferece uma dimensão de redenção e restauração, apontando para a promessa de Deus de uma nova realidade em Cristo.

O aconselhamento pastoral, ao adotar essa perspectiva cruciforme, se distancia de abordagens que veem o sofrimento apenas como um problema a ser resolvido e abraça um caminho que busca transformação e resignificação. Ele também desafia tanto a teologia da glória, que minimiza a dor ao enfatizar triunfos e vitórias, quanto abordagens reducionistas que se limitam à dimensão psicológica do sofrimento sem uma compreensão teológica mais profunda.

Dessa forma, o ministério pastoral torna-se um reflexo do amor redentor de Deus, oferecendo um caminho de esperança e transformação em Cristo. Em um

contexto marcado por desigualdade, sofrimento e crises existenciais, o aconselhamento pastoral cruciforme proporciona um suporte integral, não apenas aliviando a dor, mas ajudando os aconselhados a discernirem a presença de Deus em suas lutas e a caminharem com esperança, sustentados pela promessa da cruz e da ressurreição de Cristo.

7 CONCLUSÃO

Esta dissertação explorou a importância da teologia da cruz, fundamentada no Debate de Heidelberg, para o aconselhamento pastoral. Os principais conceitos — a revelação de Deus na cruz, a presença divina no sofrimento e a esperança escatológica — servem de base para uma abordagem pastoral que vai além do alívio das aflições, propondo um modelo teológico profundo para lidar com as dificuldades da vida. A teologia da cruz oferece uma nova perspectiva para entender a relação entre sofrimento, fé e cuidado pastoral, orientando quem aconselha a caminhar ao lado de quem é aconselhado, promovendo uma vivência mais plena da fé mesmo em meio à dor.

A análise revelou que a cruz transcende seu simbolismo de sofrimento e fracasso humano, representando o amor e a salvação divinos. Essa inversão — o poder de Deus na fraqueza e a glória de Cristo na humilhação — é o cerne da teologia da cruz segundo Lutero. Com essa base, o aconselhamento pastoral assume nova profundidade, pois quem aconselha, ao aplicar essa teologia, não busca apenas respostas ou alívio rápido, mas leva a quem é aconselhado a uma vivência da fé onde o sofrimento é compreendido como parte da experiência cristã, sendo caminho para esperança e renovação espiritual.

O conceito de Deus *absconditus* (Deus oculto) destaca que, embora Deus possa parecer distante nos momentos de maior provação, a teologia da cruz afirma sua presença mesmo quando oculta. Esse entendimento fornece ao aconselhamento pastoral uma abordagem para lidar com o silêncio e o abandono sentidos em crises. Assim, quem aconselha pode ajudar as pessoas a reconhecerem que, assim como Cristo clamou ao Pai na cruz sem ser poupado do sofrimento, elas também podem vivenciar a presença redentora de Deus, mesmo quando ele parece distante.

A prática pastoral (*See/sorge*), orientada pela teologia da cruz, vai além do conforto emocional, guiando as pessoas a uma compreensão mais profunda da fé. A teologia da cruz propõe uma visão da vida cristã onde sofrimento e *Anfechtung* (tentação) são elementos do processo de santificação, e não punições divinas. Isso redefine o papel de quem aconselha, que passa a ser um guia nas lutas da vida,

ensinando que a fé envolve uma confiança ativa em Deus, mesmo em meio à dúvida e ao sofrimento, e não apenas uma crença intelectual.

A esperança escatológica é outro ponto central da teologia da cruz, evidenciando a tensão cristã entre o “já” e o “ainda não” — já redimidos, mas aguardando a consumação da redenção. No aconselhamento pastoral, essa esperança age como uma âncora para aqueles em crise, colocando o sofrimento em perspectiva sem negá-lo, lembrando que ele não é a palavra final. Assim como Cristo foi exaltado após a cruz, os fiéis também aguardam uma glória futura. Quem aconselha, portanto, apoia a pessoa na dor presente, guiando-a a fixar-se na promessa da redenção final, fazendo dessa esperança uma força viva nas tribulações.

Além disso, a teologia da cruz oferece uma perspectiva sobre as limitações da razão humana diante do mistério divino. No aconselhamento pastoral, quando as pessoas buscam explicações para seus sofrimentos, essa teologia ressignifica o sofrimento, colocando-o no contexto da obra de Deus em Cristo. Quem aconselha ajuda as pessoas a substituir a busca por explicações racionais por uma entrega de fé, onde o mistério do sofrimento é visto como parte do caminho redentor, e não como punição. A cruz se torna, assim, uma chave para entender o relacionamento entre Deus e a humanidade, além de um símbolo de dor.

No processo de aconselhamento pastoral, a humildade (*humilitas*) é essencial, pois ressalta nossa dependência de Deus e vulnerabilidade, mas também mostra que na fraqueza encontramos sua força. Quem aconselha encoraja essa humildade, ajudando as pessoas a enfrentarem desafios com fé e entrega, reconhecendo a ação de Deus, mesmo nas situações difíceis. O conceito de conformidade com Cristo também orienta a prática pastoral, transformando o sofrimento em uma oportunidade para se moldar à imagem de Cristo, participando tanto de seu sofrimento quanto de sua glória. Assim, quem aconselha não apenas consola, mas ajuda as pessoas a verem suas lutas como parte de uma jornada de comunhão com Cristo.

Aplicar a teologia da cruz no aconselhamento pastoral é essencial para enfrentar o sofrimento humano, sobretudo em contextos de desigualdade e injustiça, como o brasileiro. Esse modelo não oferece soluções rápidas, mas orienta a encontrar sentido na dor, à luz do Cristo crucificado. A teologia da cruz, então, traz compaixão

e uma esperança escatológica que sustenta a fé, promovendo justiça, solidariedade e amor em meio ao sofrimento.

A dissertação, portanto, propõe um modelo de aconselhamento pastoral cruciforme que se sustenta nessas três realidades: o acolhimento dos paradoxos, o enfrentamento da *Anfechtung* e a esperança escatológica. Esse modelo representa um afastamento de abordagens que buscam soluções rápidas ou conforto superficial, posicionando o conselheiro como alguém que, à semelhança de Cristo, caminha ao lado do aconselhado em seus momentos de maior angústia. Assim, quem aconselha não se coloca como aquele que possui respostas definitivas, mas como um companheiro de jornada que, pela fé e pelo amor, ajuda a pessoa aconselhada a encontrar consolo e significado em meio às dificuldades.

Esse novo modelo se mostra especialmente relevante para o contexto brasileiro, onde as desigualdades sociais e a vulnerabilidade acentuam o sofrimento e o desespero em muitos segmentos da população. Ao adotar uma postura cruciforme, quem aconselha é convidado a olhar para quem sofre não apenas como alguém que precisa de ajuda, mas como um ser humano que carrega, em sua história, dores, alegrias, esperanças e desafios. A teologia da cruz, ao reconhecer a complexidade da vida e a inevitabilidade do sofrimento, se revela uma base para uma prática pastoral sensível, compassiva e profundamente humana, comprometida com a justiça e a solidariedade.

Ao final, espera-se que esta dissertação possa contribuir para o desenvolvimento de uma prática pastoral que valorize o mistério e a profundidade da fé cristã, oferecendo uma hermenêutica que acolhe o sofrimento sem simplificá-lo e uma esperança que ilumina o caminho, mesmo quando ele parece obscurecido. Ao integrar a teologia da cruz ao aconselhamento pastoral, pastores e pastoras, conselheiros e conselheiras são capazes de levar uma mensagem de esperança genuína e duradoura, fundamentada na promessa de um Deus que sofre com seu povo e que o conduz à redenção final. Dessa forma, o aconselhamento pastoral cruciforme busca não apenas curar feridas, mas ressignificar experiências, transformando-as em um testemunho da graça e do amor de Deus.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio C.; STRECK, Valburga S.; HERBES, Nilton E. Teologia Prática na Escola Superior de Teologia: um legado a ser explorado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 227-248, 2016.

ADAM, Júlio C.; OLIVEIRA, Dionata R. Aspectos e tendências da teologia prática no contexto brasileiro e latino-americano. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 31, n. 106, p. 92-112, 2023.

ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Fiel, 1977.

ADAMS, Jay E. **O Manual do Conselheiro Cristão**. 2.ed São Paulo: Fiel 1986.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

ALTHAUS, Paul. **The Theology of Martin Luther**. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. A Teologia e o Sofrimento no Contexto Pós-Moderno: Pistas para o Aconselhamento Pastoral. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 321-330, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero**: uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BONHOEFFER, Dietrich. **Tentação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BRÄUTIGAM, Michael. Luther's Heidelberg Disputation and identity formation. **Dialog**, v. 58, n. 1, p. 70–78, março, 2019.

BRECHT, Martin. **Martin Luther**: his road to Reformation, 1483-1521. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

CLEBSCH, WILLIAM A.; JAEKLE, Charles R. **Pastoral Care in Historical Perspective** – An Essay With Exhibits. New Jersey: Prentice-Hall, 1964.

CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento Pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. São Paulo: Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DREHER, Martin N. **De Luder a LUTERO: uma biografia**. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

DREHER, Martin N. Lutero, teólogo para a universidade. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). **Lutero, o teólogo**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. p. 13-37.

DREHER, Martin N. A Theologia Crucis de Lutero e o Tema da Teologia da Libertação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 137-152, 1988.

DU PLESSIS, A.L., 2021, Contextual pastoral counselling: Paradigm shifts in practical theological development since the middle 20th century, **In die Skriflig** 55(2), a2696. <https://doi.org/10.4102/ids.v55i2.2696>.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ELWELL Walther A (Ed.). **ENCICLOPÉDIA HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA IGREJA CRISTÃ**. São Paulo: Vida Nova, 1990.

EYER, Richard C. **Pastoral Care under the Cross**: God in the Midst of Suffering. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1994.

FORDE, Gehard O. **On Being a Theologian of the Cross** – Reflections on Luther's Heidelberg Disputation, 1518. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997.

FRITZ, John H. C. **Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1932.

GIBBS, Jeffrey A. A Proeminência da Parousia. **Igreja Luterana**, São Leopoldo, v. 65, n. 1, p. 28-43, junho, 2006.

GRAFF, Anselmo E. O reformador Lutero e o princípio do estudo teológico: *oratio, meditativo, tentatio*. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). **Lutero, o reformador**. Canoas: Editora da ULBRA, 2008. p. 52-90.

HEIMANN, Thomas. Aconselhamento pastoral: características fundamentais. ULBRA (Org.). **Princípios Teológicos de Aconselhamento**. Canoas: Ed. Ulbra, 2015, p.25-48.

HOCH, Lothar C. Aconselhamento pastoral e libertação. **Estudos Teológicos**, v. 29, n. 1, p. 17-38, 1989.

HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento e Cuidado Pastoral**. Joinville: Grafar, 2019.

HOCH, Lothar Carlos e Susana M. Rocca L. (Orgs.). **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. *In*: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, p. 59-72, 2011.

HOFFMANN, Martin. Fuentes de la Teología Práctica Escritura, tradición, experiencia y praxis. *In*: DOLLINGER, Angel Eduardo Román-López (Ed.) **Teología Prática Latinoamericana y Caribeña: Fundamentos Teóricos**. Costa Rica: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2022, p. 105-132.

HULME, William E. **Counseling and Theology**. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1956.

HURDING, Roger. **A Árvore da Cura**. Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KADAI, Heino O. Luther's Theology of the Cross. **Concordia Theological Quarterly**, v. 63, n. 3, p. 169-204, July, 1999.

KELLEMEN, Bob. **Counseling under the Cross: How Martin Luther Applied the Gospel to Daily Life**. Greensboro, NC: New Growth Press, 2017. E-book (5739 p.).

KLEINIG, John W. Como se Forma um Teólogo. **Revista Igreja Luterana**, São Leopoldo, v. 61, n. 1, p. 5-19, junho, 2002.

KOLB, Robert. The "Heidelberg Theses" of 1518: A Milestone in Luther's Theological Maturation. **The Southern Baptist Journal of Theology**. v. 21, n. 4, p. 15-34, 2017.

KOLB, Robert. **Luther on the Theology of the Cross**. *In*: WENGERT, Timothy J. (Ed.). *The Pastoral Luther*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

KRAUS, George. Luther the Seelsorger. **Concordia Theological Quarterly**. v. 48, n. 2 & 3, April-July, p. 153-163, 1984.

JI, Wong Yong. Significance of Tentatio in Luther's Spirituality. **Concordia Journal**, v. 15, n. 2, p. 181-188, April, 1989.

LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury. **DICIONÁRIO DE LUTERO**. São Leopoldo: Sinodal; São Leopoldo: Faculdades EST. 2021. p. 272-293.

LIENHARD, **Martim Lutero: tempo, vida e mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LOEWENICH, Walther von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

LOHSE, Bernhard. **Martin Luther**: an introduction to his life and work. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. vol. 1. p. 35-54.

LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. vol. 2. p. 435-460.

LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. vol. 4. p. 11-216.

LUTERO, Martinho. Prefácio ao Livro de Jó. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. vol. 8. p. 32-33.

LUTERO, Martinho. Interpretação do Antigo Testamento – Textos Seleccionados da Preleção sobre Gênesis. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas, Ulbra, 2014. vol. 12.

LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo** - Obras seleccionadas de momentos decisivos da Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984.

LUTHER, Martin. **Luther's Works**, v. 34. Preface to the Wittenberg Edition of Luther's German Writings. Helmut T. Lehmann, Editor. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960.

MAGALHÃES, Antonio; PORTELA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado** – Reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2012.

MARRS, Rick W. **Making Christian Counseling More Christ Centered**. Bloomington, WestBow Press, 2019.

MCGRATH, Alister E. **Lutero e a Teologia da Cruz – A Ruptura Teológica de Martinho Lutero**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

McLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul.-dez, p. 204-226, 2016.

McCLURE, Barbara. Pastoral Care. In: McLEMORE, Bonnie J. Miller (Ed.). **The Wiley-Blackwell companion to practical theology**. Chichester: Blackwell, p. 269-278, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005.

MUELLER, N.H. & Kraus G. **Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1990. E-book (4921 p.).

NGIEN, Dennis. **Lutero como Conselheiro Espiritual: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

NOUWEN, Henri J. M. **Ministry and Spirituality - Creative Ministry The Wounded Healer Reaching Out.** New York: Continuum, 1996.

PICH, Roberto Hofmeister. **O Debate de Heildelberg e a teologia da cruz de Lutero.** São Leopoldo: 1991. 56 p. (Trabalho de conclusão de curso).

PIETSCH, Stephen. **Of Good Comfort - Martin Luther's Letters to the Depressed and their Significance for Pastoral Care Today.** Adelaide: ATF Theology, 2016.

PLESS, John T. **Martín Lutero – Predicador de la cruz.** St. Louis: Concordia Publishing House, 2016. E-book (3389 p.).

RITTGERS, Ronald K. **The Reformation of Suffering.** Pastoral Theology and Lay Piety in Late Medieval and Early Modern Germani (Oxford Studies in Historical Theology), p. 111-124.

SAUNDERS, Stephen M. **Martin Luther on Mental Health - Practical Advice for Christians Today -** St. Louis: Concordia Publishing House, 2023. E-book (2605 p.).

SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança – Uma Hermenêutica Contemporânea.** São Paulo: Aste, 2004.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal, p. 256-280, 2011.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. As transformações do Aconselhamento Pastoral até hoje. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 306-320, 2016.

SEIBERT, Erní Walter. **Valores sólidos para um mundo líquido – Os Dez Mandamentos.** Porto Alegre: Concórdia, 2023.

SENKBEIL, Harold L. **The Care of Souls: cultivating a pastor's heart.** Lexham Press, 2019.

SILVA, Vardilei Ribeiro da. **Aconselhamento pastoral e logoterapia: convergências possíveis frente ao suicídio.** Cachoeirinha: Fi, 2024.

SONNTAG, Gabriel S. (Org.). **Aconselhamento Pastoral – Reflexões e práticas sob a ótica da cruz.** Porto Alegre: Concórdia, 2022.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita – A vingança dos bastardos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. E-book (236 p.).

SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira – Quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2019.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus** - Quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração, 2020,

STUMPF, João Henrique. Deus e o Sofrimento: Subsídios para o Aconselhamento Pastoral e a Poimênica. São Leopoldo: **Tear**, v. 4, n. 2, jul.-dez, p. 76-86, 2015.

THIEMANN, Ronald F. A teologia da cruz de Lutero: Subsídio para uma teologia das religiões. In HELMER, Christine (Ed.). **LUTERO**: um teólogo para tempos modernos. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 255-273, 2013.

VAISBERG, TMJA. Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicotriana. **Psicologia USP**. v. 14, n. 1, p. 95-128, 2003.

VEITH JR., Gene Edward. **Espiritualidade da cruz: a vida cristã sob a cruz de Cristo**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2015.

WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 50, n. 2, p. 202-218, 2010.

WALTER, C. F. W. **Walther's Works: Pastoral Theology**. St. Louis: Concordia Publishing House, 2017. E-book (14389 p.).

WARNECK, Richard H. **Pastoral Ministry** - Theology & Practice. St. Louis: Concordia Publishing House, 2018. E-book (414 p.).

WARTH, Martim Carlos. **A ética de cada dia**. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2002.

WARTH, Martim Carlos. **A Vida Cristã**. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2004.

WESTHELLE, Vítor. **O Deus escandaloso**: o uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

WESTHELLE, Vítor. Theologia crucis. In: KOLB, Robert, DINGEL, Irene and BATKA, L'ubomír (Ed.). **Martin Luther's Theology**. Oxford: Oxford University Press, p. 156-167, 2016.

WHITE, Pamela Cooper. Suffering. In: McLEMORE, Bonnie J. Miller (Ed.). **The Wiley-Blackwell companion to practical theology**. Chichester: Blackwell, p. 23-31, 2012.